



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Barbara Mendes Lima

OnlyFans e a plataformização do trabalho sexual: contranarrativas estéticas e hierarquias
na produção de imagens explícitas

Florianópolis

2023

Barbara Mendes Lima

OnlyFans e a plataformização do trabalho sexual: contranarrativas estéticas e hierarquias
na produção de imagens explícitas

Dissertação submetida ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador(a): Prof.^a Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lima, Barbara Mendes

OnlyFans e a plataformização do trabalho sexual :
Contranarrativas estéticas e hierarquias na produção de
imagens explícitas / Barbara Mendes Lima ; orientadora,
Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino, 2023.

92 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Trabalho sexual. 3. Mídias
digitais. 4. Plataformização do trabalho. 5. Pornografia.
I. Cesarino, Letícia Maria Costa da Nóbrega. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Barbara Mendes Lima

OnlyFans e a plataformização do trabalho sexual: contranarrativas estéticas e hierarquias na produção de imagens explícitas

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa Dra. Viviane Vedana
PPGAS/UFSC

Profa. Dra. Luciana Rosar Fornazari Klanovicz
DEHIS/PPGDC/UNICENTRO

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.a Dr.a Letícia Cesarino
Orientadora

Florianópolis, 2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, por todo apoio e cuidado, aos meus amigos, principalmente porque sem eles, a vida na graduação e pós-graduação teria sido muito difícil. Agradeço às ótimas conexões que atravessaram essa trajetória, à Letícia, minha orientadora, e ao pessoal do NAUI. Também agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), pelo apoio por meio da concessão de bolsa para realização da pesquisa.

Um imenso obrigada às pessoas que aceitaram conversar comigo durante o trabalho de campo e às pessoas com quem pude desabafar e romper a falta de contato durante a pandemia, momento que ainda estou processando e que pouco falei e pensei sobre, mas que tomou quase todo o período em que estava no mestrado. Aos professores e professoras do departamento de Antropologia, já que o presente texto também é fruto de muitas ideias a partir dos trabalhos de disciplinas da graduação e pós-graduação, assim como dos cursos de leituras que participei.

Apesar de todos os desafios que acompanham a escolha de ter me graduado em antropologia, sou muito feliz por ter tomado essa decisão e a escrita da dissertação, algumas vezes interrompida em períodos como a conciliação com outros trabalhos, proporcionou momentos agradáveis que me distraíram de situações difíceis.

RESUMO

A pesquisa consiste em um estudo etnográfico da produção independente de conteúdo sexual na plataforma OnlyFans. A partir da relação entre a digitalização e a publicização do privado, a produção de imagens nesses moldes tem vínculo forte com o compartilhamento do ordinário e do que é considerado real. A ideia da autenticidade é um elemento importante no questionamento às produções hegemônicas, as quais as produções alternativas se contrapõem com frequência. O conteúdo produzido de forma individual é visto, portanto, como algo mais autêntico, em contraposição àqueles conteúdos cujas mediações são mais explícitas. Aproximações por meio de entrevistas e análises de conteúdo foram realizadas durante o trabalho de campo, que ocorreu de forma digital. A proposta visa compreender o papel e restabelecimento de hierarquias internas, incluindo suas contradições, desestabilizações e reconfigurações a partir de ações algorítmicas e dinâmicas do trabalho nas plataformas digitais.

Palavras-chave: plataformização do trabalho; trabalho sexual; mídias digitais; pornografia.

ABSTRACT

The research is an ethnographic study of the independent production of sexual content on OnlyFans. From the relationship between digitalization and the publicization of the private, the production of images in these contexts is strongly related to the sharing of the ordinary and something considered real. The idea of authenticity is an important element in questioning hegemonic productions, which alternative productions often oppose. The content produced individually is thus perceived as something more authentic, as opposed to those whose mediations are more explicit. Approximations through interviews and content analysis were activities that integrated the digital fieldwork. The proposal aims to understand the role and reorganization of internal hierarchies, including their contradictions, destabilizations and reconfigurations generated from algorithmic actions and the dynamics of digital labor platforms.

Keywords: platformization of labor; sex work; digital media; pornography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CONTEXTUALIZANDO: PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO E A PORNOGRAFIA	15
1.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS: CONTA DE PESQUISA	16
1.1.1 Primeiros planos e lista de dificuldades: das possibilidades de pontos de vista como pesquisadora	18
1.1.2 Caderno de campo	21
1.1.3 Etapas de campo	21
1.1.4 Como funciona a plataforma OnlyFans	23
1.2 PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO E O DISCURSO SOBRE AUTONOMIA....	30
1.2.1 Algoritmos e mercado do sexo	33
1.3 BREVES APONTAMENTOS: GUERRAS SEXUAIS FEMINISTAS, PRAZERES, PERIGOS E AUTENTICIDADES	37
2. AUTOESTIMA E CRIATIVIDADE: PERTENCER A UM NICHOS E TER UMA MARCA PESSOAL	43
2.1 O PÚBLICO	43
2.1.1 O público e a criação de uma marca pessoal	44
2.1.2 Manutenção da visibilidade e público.....	46
2.2. TENDÊNCIAS SEXUAIS, ESTÉTICAS E ESTILOS DE VIDA	49
2.3 AUTENTICIDADE E COMPARTILHAMENTO DO ORDINÁRIO	51
2.4 ‘ <i>BEDROOM CULTURE</i> ’: ESTILOS DE VIDA E ESTÉTICAS DESEJÁVEIS	55
2.5 AUTOESTIMA	58
2.6 APOIOS, CONFLITOS E O DESCONFORTO COM AS PLATAFORMAS.....	60
3. MAPEANDO ESTÉTICAS HEGEMÔNICAS E OPOSIÇÕES	64
3.1 RETOMANDO ALGUMAS OPOSIÇÕES	64
3.2 ESTÉTICAS PREDOMINANTES	71
3.2.1 Beleza, conflitos e escolhas entre formas de apresentação.....	73

3.2.2 Aspectos geracionais: planos de desistência.....	75
3.3 IMAGENS E PONTOS DE VISTA EM JOGO: ALGUNS EXEMPLOS	76
3.4 LIMITES DAS PARÓDIAS: CORPOS E CONTRADIÇÕES	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS	86
GLOSSÁRIO	92

INTRODUÇÃO

As produções de imagens no geral, assim como o mercado do sexo, foram fortemente alterados pelas mídias digitais e pela plataformização. Dentre os muitos fatores estão a facilidade de fotografar e compartilhar imagens com outras pessoas, com os smartphones e a popularização de um tipo de imagens, os selfies, que consiste na captura de autorretratos.

Esse movimento possibilita ter autoria ou a capacidade de ação com menos mediações aparentes. Era esperado por muitos que as mudanças envolvendo o digital trouxessem maior democratização¹, embora hoje isso seja questionável e imbuído de diversas controvérsias. A partir daí, é necessário frisar a ausência de neutralidade de plataformas e agências ocultas, como as algorítmicas.

O tema estudado é alvo de uma questão constante nas discussões acompanhadas *online*: afinal, a pornografia reafirma posturas consideradas misóginas, promovendo violência e hiperssexualização do corpo de mulheres (e outras pessoas), ou seria algo disruptivo? Para além da pornografia, a tecnologia também envolvia dilemas similares, como aponta o trabalho de Judy Wajcman (2009): a tecnologia endossa diferenças de gênero convencionais ou as desestabiliza?

O presente trabalho busca acompanhar algumas dessas contradições centralizando a emergência de nichos de trabalho sexual digital a partir de plataformas de assinatura mensal, como o OnlyFans. A pesquisa acompanhou mulheres que atuavam nessas plataformas.

Inicialmente, a pesquisa se direcionava a acompanhar conteúdo ligado ao universo do *camming*, pessoas que vendiam pacotes de fotos contendo material explícito e pessoas que trabalhavam para a plataforma OnlyFans e Privacy. A popularização desses últimos modelos e a similaridade com alguns problemas compartilhados por outros gêneros de trabalhos em plataformas, fez com que esse acompanhamento se tornasse mais fechado.

A dificuldade que reside na escolha entre tanto conteúdo quanto gêneros distintos do mercado sexual se dá pela sua difícil separação e confusão – visto que as pessoas seguidas no Twitter, plataforma utilizada para contato, trabalhavam em múltiplos gêneros e formas de comercialização desse tipo de conteúdo simultaneamente. Esse fator foi um dos primeiros notados durante o início da pesquisa.

O trabalho evidencia hierarquias, considerando principalmente padrões de beleza hegemônicos vigentes, e como visibilidade e ações algorítmicas se relacionam de modo a

¹ Haraway, 2019.

reconfigurar essas hierarquias existentes. Esse ponto tensiona parte do senso comum e discursos recorrentes que envolvem a plataformação do trabalho, como ressaltar a capacidade de agir autonomamente ou a ideia de que seja possível ganhar muito dinheiro rápido e facilmente. Notar essas tensões permite iluminar desigualdades e modos diferentes de estar *online* dependendo de quem (quem) estamos falando, em termos de classe, aspectos étnico-raciais e de gênero, assim como configurações geracionais. Mostrar essas contradições não é um modo de recusar a pergunta-chave mencionada ou de deter uma postura neutra, mas de visibilizar contextos.

Modelos recentes do mercado sexual, como as plataformas estudadas, assim como modos autorais de produção pornográfica no geral se colocam em oposição a outras categorias de trabalho sexual. A contraposição de modelos já havia sido vislumbrada anteriormente no trabalho de conclusão de curso (Lima, 2019), mencionado com recorrência por dar continuidade a muitos *insights* abordados nele.

A necessidade de desenvolvimento de uma marca pessoal, conteúdo com menos mediações aparentes e necessidade de transitar entre múltiplas plataformas constroem essa instável distinção, ao envolver um aspecto primordial da produção de imagens atualmente. Trata-se do destaque do ordinário e aspectos da vida pessoal, sendo possível conhecer aquela pessoa para além do conteúdo sexual em si através do acompanhamento diário de revelações cotidianas, compartilhadas no Twitter ou no Instagram. Outro elemento acionado para estabelecer essa comparação opositiva são padrões de beleza (“corpos/mulheres reais”), o digital (não há contato físico e possibilitaria maior controle individual) e o argumento da autenticidade em contraposição à pornografia tradicional, seja pela superação de padrões hegemônicos de beleza e modos de representação das mulheres nesse nicho, ou mesmo por se tratar de uma pessoa comum, engendrado pelo elemento já sugerido, que é o compartilhamento constante de e sobre si. A veracidade daquilo que se compra norteia opiniões das interlocutoras sobre o que difere a pornografia independente das tradicionais, de modo a induzir o compartilhamento e produção de um ordinário e de uma autenticidade.

O interesse pela temática se dá pelo vínculo com o trabalho de conclusão realizado na graduação, sobre nudes expostos gratuitamente pelas pessoas autofotografadas, onde os elementos comparativos entre fotografias autorais e mediadas por estúdios no que tange à representação da sexualidade das mulheres já estava colocada. Na época, seguia algumas páginas de *camming*, com conteúdo informativo e desabafos de *camgirls*.

A percepção de algumas desigualdades entre trabalhadoras sexuais, que compõem o problema de pesquisa, se deu através do acompanhamento de alguns perfis de estúdios, produtoras e conteúdos amadores no Twitter, no início do trabalho final na graduação.

Nesses conteúdos, são bem nítidos alguns padrões de comportamento e apresentação dos corpos mediante diferenças raciais e de gênero, o que rendeu reflexões (ainda em processo) sobre expectativas de práticas sexuais e alinhamento com nichos estéticos baseadas em que corpos se fazem presentes. A entrega do conteúdo pode ser moldada por ditames que perpassam expectativas do público que figura como potencial assinante. Assim, a noção de criar conteúdo *para* uma audiência gera atrito com uma ideia de autonomia e pleno controle. A questão é se isso é ou não consciente para quem trabalha nas plataformas, embora trabalhadoras sexuais ajam de forma reflexiva sobre seus trabalhos, incluindo ideias sobre trabalho reprodutivo e papéis de gênero, assim como demandas trabalhistas. O interesse pelas páginas de *camming* se originou justamente do acompanhamento de páginas voltadas para conteúdo informativo e reclamações.

A princípio, notei que elementos digitais eram pouco presentes em pesquisas consultadas sobre pornografia, quando iniciei as leituras na graduação. Fui descobrindo trabalhos que incluíam o digital durante e após o TCC. Acredito na importância de pesquisas que interseccionem sexo e tecnologia, além disso, elementos digitais permeiam mesmo aqueles trabalhos que não são digitais de forma majoritária, como a prostituição.

A contribuição deste trabalho envolve somar às pesquisas realizadas sobre o mercado sexual digital, sobretudo sobre o OnlyFans, plataforma recente, criada em 2016. O trabalho também traz à tona questões específicas a esse modelo de plataforma, e expõe algumas demandas que permeiam as relações das pessoas com as plataformas estudadas. É um pouco difícil dizer que há muito publicado sobre essa plataforma específica, visto o momento de sua maior disseminação ser tão recente.

Como a pesquisa se trata de uma etnografia sobre o trabalho no Onlyfans e plataformas de funcionamento similar, acredito que o trabalho possa contribuir metodologicamente levando em consideração as pesquisas sobre digitalização, já que a digitalização atravessa qualquer linha de atuação acadêmica, para além de pesquisadores que analisam especificamente contextos digitais como objetos de suas pesquisas.

Situar o caráter social do sexo e do desejo - é também sinalizar sua relevância como tema a ser pesquisado, visto a constante reclamação de pesquisadoras/es sobre tratamentos

conservadores ou mesmo a alcunha de irrelevância que pesquisas sobre práticas sexuais recebem ou ausências e apagamentos acerca do prazer.²

Durante o mestrado, cogitei algumas possibilidades metodológicas, como realizar entrevistas presenciais e circunscrever opções de contatos de pesquisa à cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Todavia, essa escolha foi impossibilitada pela irrupção da pandemia da COVID-19 no início de 2020. Algumas outras ideias de entrada em campo, como participar de grupos *online* e criar uma conta pessoal no *OnlyFans* gratuita como criadora, também foram sendo descartadas com o tempo.

A pesquisa aconteceu de forma digital, exclusivamente. Foram realizadas entrevistas breves com algumas pessoas que pertenciam ao conjunto de contas acompanhadas, cujo conteúdo foi analisado – imagens, vídeos e conteúdo textual. Além das entrevistas e análise de conteúdo, assisti alguns eventos sobre a temática e tópicos correlacionados, acadêmicos e de empresas do ramo e atuei como assinante de conteúdo de algumas poucas contas no *OnlyFans*. Me mantive mais ativa no *Twitter*, que parece centralizar a relação com o uso de outras plataformas pelas contas acompanhadas, como *Telegram*, *OnlyFans*, *Privacy*, *Fansly*, *PornHub*, *sites de camming*, outras páginas de vendas de pacotes de imagens e itens usados, *Instagram* e *Suicide Girls*.

Embora, desde a apresentação da pesquisa aos contatos selecionados, eu tenha deixado abertos os meios de comunicação digitais, todas as conversas ocorreram por mensagens diretas no *Twitter*, por texto e áudio.

As pessoas acompanhadas foram majoritariamente mulheres brancas e cis, de nacionalidade brasileira, na faixa dos 18 aos 30 anos de idade. Das pessoas com quem conversei, uma delas era uma pessoa trans. Muitas das contas com quem tentei conversar ou efetivamente conversei eram perfis de mulheres que se identificavam enquanto bissexuais. Muito conteúdo é filmado mediante parcerias com outras mulheres, não sendo um trabalho estritamente solitário e sem contato com outras trabalhadoras sexuais, necessariamente.

Dos aspectos éticos, mantive o anonimato das pessoas com quem dialoguei, mesmo que uma das pessoas entrevistadas tenha dito que não era necessário. Por questões pessoais e de alinhamento teórico, tive uma preocupação constante em relação a parecer de alguma forma moralista, isso se deve a minha postura de pessimismo com o fenômeno de plataformização do trabalho, que colide com a defesa do trabalho das pessoas com quem conversei, visto que

² Ver: Jones (2018) e Barreto (2017).

trabalho sexual é trabalho e, mesmo no OnlyFans, há muita discriminação envolvida em torno dessa atividade.

Preferi não expor imagens nem reproduzir capturas de tela de *tweets*, assim como referências de *links*, pela quebra de anonimato, principalmente. Tentei também modificar algumas perguntas, deixando de lado algumas questões que já tinham respostas localizáveis publicamente – idade, orientação sexual, quais plataformas utilizadas. Procurei não insistir na ausência de retorno e embora ache algo não crucial, procurei informar na conta construída para pesquisa o *link* para minha conta pessoal. A meu ver, isso pode envolver uma simetriação de exposição, onde pode se ter acesso ao meu cotidiano, já que a conta de pesquisa teve seu uso limitado ao escopo do trabalho.

Com o crescimento de abordagens de pesquisa por conta da pandemia, percebi algumas vezes reclamações de desconfortos com algumas formas de tentativas de contato online, por pessoas no geral. No meu caso, temia que, pelas vendas também ocorrerem por pedidos via mensagens diretas e conter muitos assinantes que traziam incômodos ou tiravam tempo das entrevistadas por essas mesmas caixas de mensagens, houvesse uma indisponibilidade para conversar, já que a maior parte do trabalho das interlocutoras é feito de forma digital e isso é um tanto cansativo.

Quando comecei a adentrar na literatura que fui selecionando para o trabalho, notei que algumas questões eram persistentes em outros trabalhos, o que causou uma espécie de alívio para minhas dúvidas. Entre estas estavam – a ideia de listar as estéticas hegemônicas (Dobson, 2007, por exemplo), notar a imbricação entre várias categorias do mercado do sexo (Caminhas, 2020), a abordagem sobre hierarquias estético-eróticas (Pezzutto, 2019), corporificação de autenticidades e paradoxos (Jones, 2015a e Schneider, 2013) e ainda, moralismos que separavam pornografias alternativas de outros modelos (Attwood, 2017).

Algumas tendências de comportamento e estilo de vida, incluindo alterações no universo do trabalho, impactam no tema estudado, mas o superam. Alguns itens são constantes da digitalização: trocas de experiências e a criação de conteúdo informativo em contas profissionais para atrair engajamentos, necessidade ou sentimento de obrigação de criar conteúdo para fins profissionais e a confusão entre vida pessoal e profissional nesse tipo de conteúdo. Além disso, há a digitalização e maior financeirização de âmbitos da nossa vida, e mesmo plataformas que não são oficiais para tal acabam incluindo esses elementos de transações.

As páginas seguintes compõem o primeiro capítulo, intitulado: “*Contextualizando: Plataformização do Trabalho e a Pornografia*”. Ele aponta quais foram os caminhos metodológicos, lista as etapas da pesquisa e menciona alguns percalços vivenciados, além de tentar explicar de forma sintética o funcionamento de algumas plataformas que protagonizaram a rotina de pesquisa. O capítulo busca situar a discussão sobre plataformização do trabalho, indicando pontos em comum com o trabalho sexual digital e os que se diferenciam de outros trabalhos sob a mesma situação. Após oferecer contexto ao leitor sobre essa situação de trabalho, siga para uma discussão sobre algoritmos, já articulada com a área do trabalho sexual. Em seguida, há a contextualização de debates feministas sobre a pornografia e trabalho sexual, também conectados com aspectos encontrados em campo.

A relação com o público a partir do desenvolvimento de uma marca pessoal é uma tendência geral do trabalho com a digitalização da vida. Contudo, essa característica marca uma separação com outros modelos do mercado sexual. O segundo capítulo, “*Autoestima e Criatividade: Pertencer a um Nicho e Ter uma Marca Pessoal*”, trata da tarefa de criação de conteúdo enquanto um ato permanente, para manutenção de visibilidade, em que é necessário se encaixar em um nicho e ao mesmo tempo se destacar e lidar com instabilidades. O capítulo contextualiza sexualidade, feminilidades consideradas ideais e tendências de consumo, e desenvolve pontos sobre hierarquias estéticas presentes. Por fim, promove reflexões sobre o caráter emocional do trabalho, responsabilização individual e apoio mútuo, além de mencionar alguns problemas na relação entre trabalhadoras sexuais e as plataformas.

O capítulo subsequente explora deslocamentos ou rupturas e repetições entre o trabalho estudado e outros gêneros de trabalho sexual, ao qual esse primeiro visa se contrapor em termos estéticos, sobretudo. Primeiramente, organiza distinções sob a forma de oposições comparativas em que o modelo de trabalho estudado se separa de outros. Nessa terceira seção, há o desenvolvimento de ideias sobre as imagens e pontos de vista, através de contranarrativas estéticas. Abrange, ainda, questões geracionais que permeiam as hierarquias, que agora passam pela mediação de ações algorítmicas. Essas reproduções hierárquicas permitem compreender contextos onde essas rupturas ou melhorias não se satisfazem completamente, pela reorganização daquilo que é pretendido se contrapor.

1. CONTEXTUALIZANDO: PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO E A PORNOGRAFIA

No capítulo presente, busco evidenciar pontos de partida da pesquisa. Há uma apresentação de preocupações e ideias iniciais de campo, seguindo para a exposição de etapas do trabalho a fim de compor uma descrição de caminhos metodológicos. As primeiras páginas também se propõem a oferecer uma primeira noção de como funcionam as plataformas acompanhadas.

A partir da ideia do movimento entre plataformas, há a contextualização de como o trabalho sexual digital acontece. Para tal, busco elencar algumas discussões frequentes na plataformização de outras atividades laborais que também são pertinentes para pensar o trabalho sexual em plataformas, como a ideia de autonomia, frequentes punições e censuras. Discuto, ainda, a “separação” entre diferentes configurações que constituem o mercado do sexo, o que se conecta com as noções de controle, autoria e autonomia que realizam uma marcação moral e fluída para a distinção de categorias do mercado do sexo. Por fim, introduzo a discussão sobre sexo e feminismo para contextualizar contradições envolvendo pornografia e autenticidade, desenvolvida mais a fundo no restante dos capítulos que compõem o trabalho.

Cheguei ao tema estudado porque possuía um interesse muito grande em pesquisar articulações entre sexualidade e mídias digitais. Toda proposta de trabalho de conclusão de curso que cogitei no período de graduação envolvia essa relação. Estudei durante o ano de 2018 até metade de 2019 a produção de imagens íntimas compartilhadas de forma aberta e gratuita no Twitter e ensaios sensuais, mapeando algumas contradições que envolviam a prática. Estava presente neste trabalho (Lima, 2019) o início de uma reflexão sobre novas formas do fazer pornográfico, produzidas e tendo como ponto de referência uma contraposição às pornografias tradicionais (*mainstream*) e ao *male gaze* (olhar masculino).

Acabei delimitando meu projeto de mestrado em torno da monetização desse tipo de conteúdo pois estava desconfiada que meus contatos da pesquisa anterior vendiam nudes, assim como sempre gostei da ideia de pesquisar trabalho sexual. Consigo perceber como, ainda que de forma não consciente, acabei tecendo alguns caminhos em que direcionei minha atenção por inclinações pessoais, passos que passam despercebidos ou se dão por eles muito frágeis.

O que acabou me direcionando para plataformas específicas foi a discussão que elas suscitam³ e alguns critérios, tais como um modelo similar de funcionamento por assinaturas,

³ A plataforma OnlyFans é uma das mais populares atualmente.

estar majoritária ou totalmente voltada para conteúdos eróticos, alguns pontos éticos⁴ e também a criação de uma conta específica para pesquisa em meados de 2019, enquanto realizava as etapas da seleção do mestrado.

1.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS: CONTA DE PESQUISA

Em experiências anteriores na graduação, fazia uso de uma conta pessoal no Twitter. Acreditava que apareceria como um perfil mais confiável para as interlocutoras do TCC⁵, levando em consideração a troca de informações pessoais ser mútua e, portanto, mais simétrica. Decidi experimentar criando uma conta só para pesquisa em novembro de 2019, principalmente porque estava adentrando em outro universo, cujo conhecimento prévio era majoritariamente oriundo de algumas contas de *camgirls* criadas para desabafos coletivos.

Estava decidida a formar uma “bolha”. A ideia de continuar usando minha conta pessoal parecia um pouco caótica⁶, embora meu perfil exclusivamente voltado para temática da pesquisa também tenha o link do meu perfil pessoal.

Em um primeiro momento, busquei e segui poucos perfis, e me deixei algumas vezes ser “levada” pelas recomendações algorítmicas de forma proposital. Muitas vezes, após seguir uma conta, a plataforma me sugeria seguir inúmeras contas de uma única vez, embora nesses casos eu tentasse controlar as recomendações e não acompanhar um grande número de perfis.

Assim, muitas vezes não conseguia dizer exatamente o que me fez selecionar determinado contato para acompanhar ou conversar. Algumas considerações envolvem imaginar que aquela pessoa teria disponibilidade, assim como acabava seguindo contas com as quais as contas que segui inicialmente interagiam e divulgavam.

Cristin (2020), por exemplo, reflete como no trabalho de campo antropológico nos deixamos envolver pelas recomendações das plataformas, da mesma forma que para além da seleção de contatos, processos como a saída de campo e a quebra de vínculo são diferentes com a pesquisa em mídias digitais, pois continuamos recebendo notificações e recomendações e, portanto, conectados com aqueles/as com quem nos comunicamos durante a pesquisa de alguma forma.

⁴ Verificação de idade e autenticidade da conta.

⁵ LIMA, 2019.

⁶ Acredito que dificultaria adentrar um universo específico, pois a atenção ao universo estudado poderia ser interrompida pela emergência de outros tópicos, levando em consideração a quantidade de pessoas que sigo na minha conta pessoal.

Na minha conta de pesquisa tenho apenas 30 seguidores e estou seguindo 130 pessoas. Curtia conteúdo das pessoas que seguia, compartilhava e salvava *tweets*, e assim notei que a própria conta seria uma forma de organizar material de pesquisa. Dessa forma, também não precisava capturar muitas telas ou salvar conteúdo.

Apesar da pesquisa ser sobre o trabalho em plataformas com o mesmo modelo de assinatura do OnlyFans, passei muito mais tempo no Twitter. Lá, tinha acesso ao conteúdo gratuito, estratégias de engajamento, desabafos e reclamações voltadas às plataformas e clientes, assim como interações entre pessoas que produziam conteúdo e troca de divulgações. O trabalho fora do OnlyFans e similares acaba sendo algo crucial, visto que a plataforma é “fechada” e é necessário ter o *link* de alguém para assinar o conteúdo. As entrevistas foram realizadas por mensagens diretas no Twitter, incluindo texto e áudio. Algumas ferramentas implementadas pela plataforma como *fleets* (similar aos *stories* no Instagram, imagens que desaparecem em 24h) e *spaces* (espaços temporários de comunicação em áudio, lembrando a lógica de um *podcast*) foram raramente usadas pela maior parte das pessoas que seguia, lembrando que a análise se direcionou à observação de um número pequeno de perfis.

Alguns conteúdos eram efêmeros, como áudios compartilhados e vídeos muito explícitos que eram apagados em algum momento. A efemeridade do conteúdo em outros contextos também é digna de preocupações, pois as contas são instáveis, podendo ser denunciadas ou banidas - o que acontece frequentemente.

No início, reparei que era difícil localizar as contas de quem estava começando. A impressão era que todas as pessoas que localizava tinham muitos seguidores (de 14 a 100 mil). Estava também ávida para encontrar narrativas pessimistas ou mais críticas às plataformas. Reparei que as críticas se concentravam mais após eventos que as desencadeavam, como alguma polêmica mudança de políticas do OnlyFans, censuras ou uma reportagem de impacto em um portal de notícias. Com o tempo, também notei desistências e descrição de experiências negativas com a plataforma. Essas queixas eram sobre não conseguir vender conteúdo ou sobre perda de autoestima e inseguranças com relação ao próprio corpo.

Tenho a sensação de que não fiquei tão imersa nessa conta o tempo todo. Houve períodos em que a acessava várias vezes ao dia; durante algum tempo, ficava sem acessá-la e então retornava, entrando novamente de vez em quando. Além disso, mantive conta no Fansly, Privacy e OnlyFans, plataformas que funcionam de maneira similar.

1.1.1 Primeiros planos e lista de dificuldades: das possibilidades de pontos de vista como pesquisadora

Quando escrevi meu projeto para o processo seletivo da pós-graduação, planejava entrar em contato com pessoas que vendiam *packs* de nudes em Florianópolis/SC, cidade onde resido. Minha intenção não era realizar a pesquisa apenas de forma *online*. Com a pandemia, essa possibilidade se tornou inviável, embora no meu caso, não foi um grande problema perder esse aspecto presencial. Mesmo assim, demorei a decidir em qual configuração do mercado de venda de nudes eu focaria, pois há muitos caminhos possíveis.

Iniciei acompanhando contas que vendiam *packs* no Twitter e demais plataformas que não eram exclusivamente ou majoritariamente voltadas para conteúdo íntimo. A dificuldade em determinar um caminho central estava também nas contas que acompanhava: pessoas que se desdobravam em produzir conteúdo em múltiplas plataformas simultaneamente. Assim, o critério estabelecido passou a ser focar em pessoas que utilizavam plataformas como o OnlyFans, independentemente de estarem trabalhando em outras plataformas.

A pandemia também trouxe preocupações. Eu me questionava se as pessoas estariam mais ou menos disponíveis, imaginando que sua carga de trabalho tivesse aumentado ou diminuído. Essa questão pareceu tomar vários contornos possíveis. Na minha conta pessoal no Instagram, lia um post de alguém que trabalhava na prostituição sobre se adaptar ao *camming*. Também li e assisti reportagens e postagens de coletivos de trabalhadoras sexuais e jornais/canais incentivando pessoas que trabalhavam na prostituição a migrarem para plataformas digitais. Até mesmo por uma questão de cumprimento de medidas sanitárias, precarização e dificuldades financeiras trazidas pela pandemia, algumas dessas propostas mencionavam também a inclusão digital.

Além disso, durante a pandemia da COVID-19 houve a publicação de múltiplas reportagens assinalando o aumento na busca de conteúdo pornográfico⁷ e vendas em sex shops. Das pessoas que pude entrevistar, nenhuma apontou dificuldade nas vendas durante a pandemia. A maioria das respostas afirmava que não sentiram alterações, enquanto uma das entrevistadas disse que suas vendas aumentaram durante esse período.

⁷ Houve um aumento de 600% no número de usuários no período pandêmico, como indica a reportagem do UOL. Disponível em: [https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/onlyfans-cresce-600-pandemia-desemprego-e-novos-milionarios-explicam-56494#:~:text=O%20lucro%20da%20empresa%20saltou,\(600%25%20de%20crescimento\)](https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/onlyfans-cresce-600-pandemia-desemprego-e-novos-milionarios-explicam-56494#:~:text=O%20lucro%20da%20empresa%20saltou,(600%25%20de%20crescimento)). Acesso em: 21 out 2022.

Presenciei também reclamações tais como “não estou conseguindo fechar o mês”, não obstante indicações de crescimento de vendas durante a pandemia no mercado do sexo. Em um evento acadêmico *online* durante a pandemia, alguém que trabalhava em produtoras pequenas do mercado adulto sugeriu que haveria poucos dados confiáveis para sustentar essa afirmação. Logo, acredito que há múltiplas perspectivas sobre as consequências pandêmicas, dada a pluralidade de categorias de trabalho sexual e desigualdades intrínsecas a esse trabalho.

No momento da qualificação do projeto, ainda tinha alguns planos que foram sendo descartados gradualmente, como fazer parte de um grupo no Whatsapp ou Telegram e acompanhar um grupo específico, o *New Camming Perspective*. Acabei desistindo pois não pesquisava *camming* e me pareceu algo que saía um pouco do foco que decidi seguir na pesquisa. Além disso, dado o tempo dos semestres mais curtos por conta do calendário provisório durante a pandemia e a quantidade de tempo de trabalho de campo, não conseguiria me inserir em um grupo, mesmo que fosse um plano secundário de como imaginava minha entrada em campo.

A perspectiva que eu pretendia assumir não estava muito clara inicialmente. Antes do trabalho de campo, pensava em talvez produzir conteúdo no OnlyFans de forma gratuita apenas para ter um vislumbre e conhecer a plataforma assumindo essa posição. Depois acabei adotando a perspectiva de cliente/assinante do conteúdo, pois acredito que dentro do tempo disposto para o trabalho de campo, fazia mais sentido. Entretanto, como o conteúdo é pago, acabei assinando o conteúdo de apenas duas pessoas, uma delas por dois meses e outra por um mês, respectivamente, no OnlyFans e Privacy. Por um descuido, acabei renovando acidentalmente uma das assinaturas, pois ao me inscrever para receber conteúdo, a continuidade da assinatura se renova de forma automática e essa opção deve ser desativada manualmente. Além das prévias gratuitas postadas para divulgação, acompanhei canais gratuitos no Telegram e contas gratuitas no OnlyFans.

Quanto à escrita, descrições em dissertações e outros trabalhos lidos sobre pornografia me inspiraram a descrever a cada minuto o que acontecia nos vídeos assistidos, visto que perderia o acesso em breve e seria interessante para leitores. Porém, me deparei com algo que pouco havia cogitado antes das assinaturas - os vídeos são vídeos curtos, a maioria de 30 segundos a 2 minutos aproximadamente. Seria difícil descrever de maneira pormenorizada como nesses trabalhos, visto que o conteúdo que acompanhei trata muitas vezes da continuidade de uma mesma prática sexual, no mesmo cenário e ângulos, sem uma “história” ou *script* explícito como plano de fundo.

Talvez uma dificuldade (e preocupação) seria a efemeridade de determinados conteúdos, recuperados através de anotações de campo, pois decidi não salvar ou *printar* os conteúdos por questões de segurança. Não apenas me refiro ao fim de uma assinatura, ao conteúdo explícito que é logo apagado, mas também à facilidade com que contas de trabalhadoras sexuais são banidas das plataformas.

Decidi, por questões éticas, não salvar imagens explícitas, devido à própria questão da disponibilidade. Imaginei que pedir um termo de consentimento assinado para esse fim implicaria em uma recusa de entrevista e também revelaria o nome da pessoa em questão, já que o anonimato é algo importante nesse trabalho. Durante a escrita, procurei embaralhar relatos, para que sejam pequenas as possibilidades de reconhecimento das entrevistadas.

Como muitas vezes o próprio trabalho é realizado via *DM*, não apenas em serviços como *sexting*, mas nas demais negociações, tinha um certo receio de ocupar um papel de importunação. Isso é algo banal no fazer antropológico, mas que parecia ter um maior peso em um período de pandemia, com pessoas que usavam mensagens diretas para trabalho e já recebiam inúmeras importunações diárias. Apesar disso, segui com as propostas de entrevistas via mensagem direta, muitas vezes ignorada. Consegui contato com cinco pessoas das doze que havia escolhido entrevistar.

Justamente prevendo uma indisponibilidade, tentei reunir informações postadas em modo público e fazer pequenas fichas de cada entrevistada. Dessa forma, muitas informações de praxe já estavam escritas em algum lugar dos múltiplos perfis utilizados por cada pessoa, o que acabou diminuindo a necessidade de perguntas que seriam padronizadas para todas e me fez seguir um roteiro mais aberto para cada uma.

O Twitter foi um espaço importante de pesquisa, pois a análise de conteúdo na plataforma permitiu o acesso ao domínio ordinário de desabafos das pessoas que seguia e prévias de conteúdos gratuitos. Percebo que vídeos com conteúdo explícito muito similar ao conteúdo pago são postados de forma gratuita, mas com uma duração ínfima, censurados de alguma forma (*tarjas/emojis*) ou apagados rapidamente.

A questão da idade não é apenas um incômodo que parte do papel de pesquisadora. Muitas vezes, “tretas” são geradas com as denúncias que circulavam no Twitter, como quando surge o boato de que alguém começou a criar conteúdo quando ainda era menor de idade. Quando uma pessoa vende *packs* no Twitter, por exemplo, a forma de atestar se aquele é um perfil real e pertencente a alguém com mais de 18 anos de idade se dá por meio de uma conta verificadora, normalmente contas maiores com muitos seguidores, que podem ser verificadas

por outras contas e assim por diante. A informação é incluída na descrição do perfil, marcando a conta responsável pela verificação.

Em plataformas apropriadas (no sentido de “feitas para”) para venda de conteúdo erótico, a verificação é feita pela própria plataforma, o que é mais confiável. Alguns assinantes e trabalhadoras sexuais alertam para possibilidades de golpe, contas falsas e compra de conteúdo de menores devido a formas não-oficiais de verificação. Dessa forma, preferi selecionar contatos para entrevistas que fossem verificados pelas plataformas, o que envolveria uma maior segurança sobre as idades reveladas *online*.

1.1.2 Caderno de campo

Como mencionado anteriormente, utilizei minha conta de pesquisa no Twitter para organizar material de pesquisa que eu deveria retomar mais tarde, assim como fiz alguns poucos *prints*. Mantive um mesmo caderno de campo digital desde outubro de 2019. Durante as entrevistas, tinha um caderno de campo físico.

Das pessoas que acompanhava na conta, busquei selecionar contatos que pretendia entrevistar, passando algumas semanas completando ou me atualizando sobre novidades dessas mesmas pessoas. A partir disso, montei fichas rápidas das pessoas a serem entrevistadas e criei um questionário geral de 35 perguntas, e selecionei algumas delas para as entrevistas semi-estruturadas.

1.1.3 Etapas de campo

Em resumo, destaco as principais etapas da pesquisa:

1º momento - Em 2019, criei uma conta de pesquisa no Twitter pretendendo me inserir no universo desejado.

2º momento - Defini que focaria em plataformas com o modelo de assinatura mensal, como o OnlyFans.

3º momento – Acompanhei conteúdo da minha linha do tempo (*timeline*) no Twitter.

4º momento – Criei fichas, alimentei minhas anotações de campo conforme o tempo passava, criei uma primeira versão de questionário e costumava anotar questões que achava

pertinentes para não as esquecer posteriormente. O conteúdo dessas fichas se baseava nos contatos entre seguidores/as que eu planejava entrevistar individualmente. Esse conteúdo era atualizado de vez em quando.

5º momento – Organizei alguns padrões, como uma ideia de valores cobrados e contatos para entrevistas novamente, tendo em mente a qualificação da dissertação, onde precisei voltar ao material de campo que eu já tinha.

6º momento – Definidos os perfis que pretendia acompanhar, passei a entrar com mais constância nesses perfis para coletar informações pessoais e continuar organizando as fichas. Decidi nas entrevistas não perguntar informações “óbvias” que já estivessem nos perfis das entrevistadas, temendo uma maior indisponibilidade. Os perfis acompanhados costumam utilizar páginas que agrupam links de trabalho importantes como o *linktr.ee* ou *allmylinks.com*.

7º momento – Quando iniciei as entrevistas, as primeiras três pessoas entrevistadas anunciaram para mim ou de forma pública que deixariam de criar conteúdo erótico. Uma delas não respondeu ao meu convite. Isso me fez sensível a perceber conteúdos de desmotivação com o trabalho ou uma ideia compartilhada de que tinha uma data de expiração. Os motivos elencados pelas três primeiras pessoas incluíam não conseguir engajamentos com a estética pretendida, constantes problemas com pessoas que vendiam conteúdo e seguir outros caminhos como vender cursos (ligados ao universo da dominatrix, por exemplo), outras trajetórias profissionais ou estudos. Depois disso, comecei a notar que idade era um fator primordial para entender a pressão por construir alguma coisa, levando a deixar esse trabalho em algum momento.

8º momento – As entrevistas contaram com algumas recusas na forma de ausências. No convite, me apresentava, contava onde estudava e que minha pesquisa era sobre trabalho sexual digital. Explicava em seguida, de forma muito breve, em quais pontos estava interessada. Deixei em aberto a forma de contato, escrevi explicitamente que poderia ser por texto ou áudio. Mencionar áudio foi uma ideia interessante porque é algo que gera alguns constrangimentos no sentido de gafes digitais, como mandar áudios para desconhecidos sem consentimento. Assim, algumas pessoas se sentiram confortáveis para responder em áudio, o que acaba gerando respostas mais detalhadas e longas. Ainda no convite, mencionei que o nome ou mesmo o nome de usuário não precisavam ser ditos ou expostos. Também pedia alguma sugestão de alguém que estivesse começando, caso a pessoa não quisesse participar das entrevistas e, se não trabalhasse mais com isso, contar das experiências passadas. As entrevistas, por questões de tempo e disponibilidade, foram conversar curtas feitas através do Twitter com seis pessoas.

9º momento - Além de analisar conteúdo no Twitter e demais plataformas que continham prévias gratuitas e desabafos, assinei o conteúdo de duas das entrevistadas, pelo período de 30 a 60 dias. Por entraves de ordem financeira, não consegui assinar o conteúdo de outras pessoas e ocupar essa posição de assinante com todas as entrevistadas, o que também contava como plano inicial.

1.1.4 Como funciona a plataforma OnlyFans

A plataforma OnlyFans foi criada em 2016, e é conhecida principalmente pelo conteúdo erótico, embora não se restrinja apenas a essa finalidade. Embora haja perfis gratuitos, é necessário cadastrar um método de pagamento para acessá-los. Dessa forma, o acesso aos perfis é normalmente pago mediante uma assinatura que pode ser por um ou mais meses. Ao assinar o conteúdo, é necessário administrar suas assinaturas para decidir se deseja que a assinatura se renove automaticamente.

Ao assinar o conteúdo de alguém é possível curtir, responder e enviar gorjetas. Há a disponibilidade de visualização de todo o conteúdo que a pessoa que oferece o serviço criou na plataforma e o conteúdo que criará até a data de expiração da assinatura escolhida. Há uma aba de visualização de assinaturas que estão em andamento e expiradas.

A tendência de acesso à intimidade é similar ao contexto mais geral dos *paywalls*. Há a possibilidade de ver a prévia gratuita do conteúdo ou de determinados conteúdos, e para ver o conteúdo completo há necessidade de pagamento. Do pagamento, 20% vai para a plataforma.

O acesso à intimidade e a autenticidade atrelada ao “ordinário” incessantemente compartilhado também ajudam a entender como a plataforma ganhou notoriedade, pela via do trabalho de influencers:

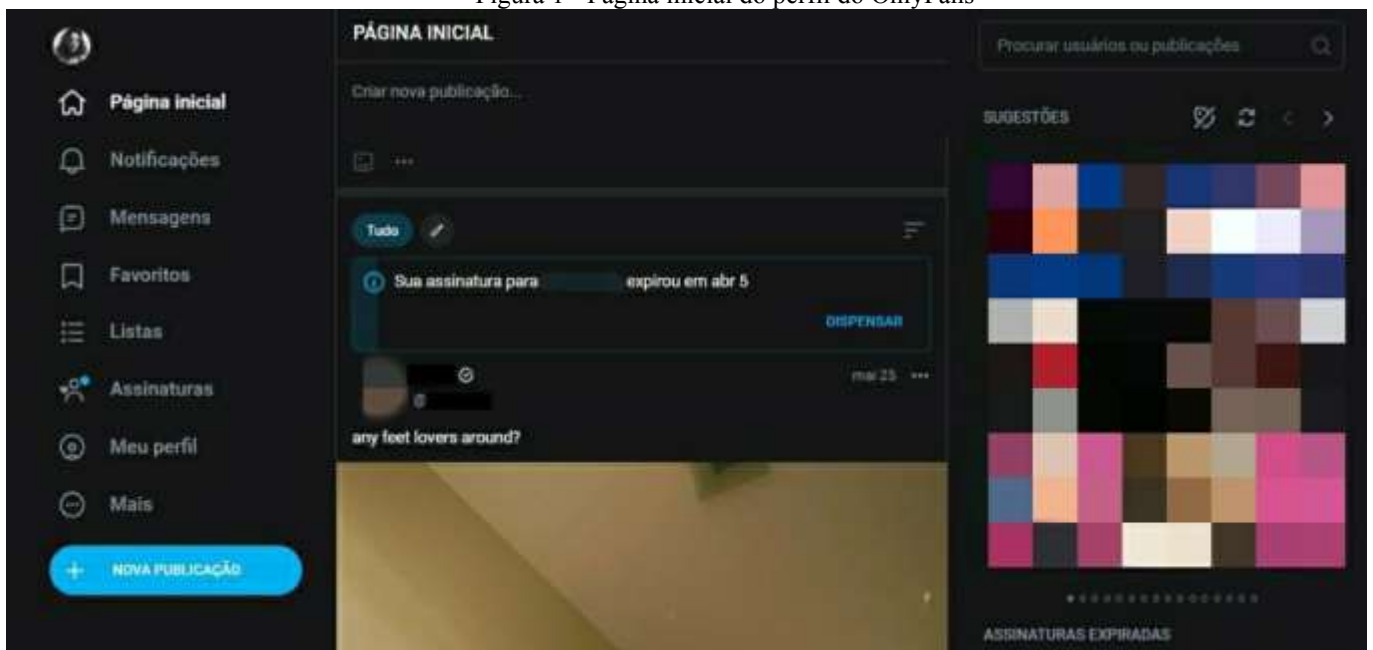
Timothy Stokely came from that world. The 35-year-old Londoner started soft-core cam sites through his entertainment company, Fenix. At first, the sites provided fairly conventional camming services, with mostly women selling videos. Stokely's next project, OnlyFans, launched in July 2016 and took camming to a new realm, melding the internet's earlier obsession with camming to its current fixation on influencer culture. For Stokely, the move was obvious. “Social media influencers are the new celebrities,” he says. (Parhan, 2019)

Além disso, é necessário frisar que parte do trabalho é feito fora da plataforma e que caso a pessoa não seja alguém com estabilidade de clientes e assinantes em outra configuração de trabalho sexual digital, como no *camming* ou uma influenciadora digital, há a necessidade de transitar entre múltiplas plataformas para divulgar conteúdo, prévias, metas e desafios para

manter engajamentos, além de atualizações constantes. Um ponto importante é que seu link de acesso precisa ser divulgado para ser visto. Dessa forma, pessoas que trabalham para a plataforma necessitam ter horas de trabalho em outras plataformas para se tornarem visíveis.

Nas políticas da plataforma, alguns conteúdos não são permitidos, como armas, drogas, automutilação, suicídio, incesto, estupro e outras atividades sem consentimento ou violentas, como mutilação genital e vazamento de imagens íntimas. Porém, chama a atenção a presença de alguns fetiches relacionados ao universo BDSM⁸, lado a lado dos outros itens da lista. Assim como prostituição e serviços de acompanhante, listados lado a lado do item tráfico sexual.

Figura 1 - Página inicial do perfil do OnlyFans



Fonte: Captura de tela de autoria minha, com mosaicos para preservar o anonimato de outros perfis, 2022.

O trabalho na plataforma muitas vezes é chamado de ‘Uber do pornô’. Em comparação com as outras configurações de trabalhos plataformizados, a atuação no OnlyFans é vista no senso comum como uma forma de ganhar dinheiro fácil. Dentre os motivos imaginados para tal afirmação, é possível elencar o próprio estigma contra o trabalho sexual, o fato de ser um trabalho altamente vinculado ao domínio do doméstico e, além disso, não ser necessário deslocamento ou contato físico.

Na página inicial da minha conta pessoal no Twitter, um *tweet* trouxe uma imagem de uma mulher com uma mochila do Uber Eats nas costas, onde alguém comentava aliviada admirando o esforço da mulher, que poderia estar optando por um caminho fácil: produzir

⁸ Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo.

conteúdo no OnlyFans. Como já mencionado, estava ansiosa para encontrar relatos negativos de experiências no OnlyFans ou “começos difíceis”, algo que foi se tornando mais comum e visível na conta para pesquisa. Isso contradiz um senso comum de que a plataforma seria não apenas uma maneira de ganhar dinheiro fácil, mas de ganhar muito dinheiro.

Dessa forma, ficava a impressão de que a participação como criadora de conteúdo na plataforma era vista como uma receita de sucesso. De fato, muitas pessoas ganham muito dinheiro na plataforma, mas também há diversas desigualdades entre as pessoas que ali trabalham. Muitos perfis, por exemplo, já são de *[sex] influencers* ou têm um público estável de outras categorias de trabalho sexual, como *camming*.

Em uma das entrevistas, a banalização do trabalho sexual digital foi mencionada. Acredito que haja uma ideia de que qualquer pessoa possa simplesmente começar a criar conteúdo no OnlyFans, e que será uma experiência fácil. Porém, na verdade, a probabilidade de ter dificuldades de manter assinantes sem produzir conteúdo de sexo explícito é bem alta. Há também a decepção de não conseguir manter uma ideia ou estética específica para a produção de vídeos e imagens.

Pagar pelo acesso à intimidade de alguém posiciona o ordinário enquanto produto, com a publicização de algo que era comumente resguardado ao âmbito privado. Muitas das atividades realizadas no OnlyFans têm esse apelo do real, autêntico e banal, como retratar algo que você já faz na sua vida cotidiana. A própria troca de nudes é uma prática que funciona quase como uma convenção em relacionamento afetivo-sexuais em alguns contextos, principalmente tendo em vista recortes geracionais. Outras atividades corriqueiras que passaram a ser monetizadas podem incluir conversar com intenção de flerte ou manter interações sexuais por texto, como serviços de *sexting* ou *webnamorada*. A noção aparente é a de passar algo que se faz de forma corriqueira e cotidiana (portanto real) para um domínio público e monetizável. Porém, essa passagem do ordinário direcionado a um público inclui mediações invisíveis, como as algorítmicas, assim como modos de ser/agir e o que se faz fora do expediente, pensado a partir do trabalho como centro de referência.

Portanto, a ideia de que seja fácil fazer sucesso e ganhar muito dinheiro no Onlyfans passa por uma descaracterização desse trabalho enquanto tal, como se fosse uma mera passagem do que já fazemos gratuitamente para outra esfera, agora capaz de gerar dinheiro. Segundo A., “não é só tirar nude para se sentir bonita e vender”. Assim como N., ela acredita que há uma banalização desse trabalho e expectativas frustradas. A pandemia para ela auxiliou nesse processo, tornando o meio mais competitivo e espaço de maior comparação entre SWs (*sex*

workers) (conforme entrevistas realizadas em mar. 2022). Houve, de fato, um aumento significativo na produção desse tipo de conteúdo no período da pandemia de Covid-19⁹. É comum a exposição de comentários opondo a atuação nessas plataformas a fazer uma graduação e ter outras profissões, por ser supostamente mais lucrativo, como “vou largar tudo e abrir uma conta no OnlyFans”, por exemplo.

Assim, o imbricamento entre produtor e consumidor na figura do *prosumer*, acaba ocultando a ideia de trabalho. No exemplo dos trabalhadores de call centers acompanhados por Gavin Poynter (2002, p. 247, apud Senft, 2008, p.51), quando esses trabalhadores se viam em alguns momentos ocupando uma posição igual às pessoas que atendiam, o trabalho emocional desenvolvido era visto como mera expressão da identidade.

Caminhas (2020) e Dobson (2007), por exemplo, tratam do argumento que diferencia o *camming* de outras configurações de produção de conteúdo erótico ou trabalho sexual, como na pornografia ou prostituição. Os argumentos que evocam a ideia de prazer e diversão¹⁰ acabam contornando estigmas contra o trabalho sexual e provocando distanciamentos de outras categorias no mercado do sexo, como aponta Lorena Caminhas (2020) em sua tese de doutorado. Este argumento também dá respaldo à noção de autenticidade, central para esse tipo de trabalho.

O cotidiano externo ao trabalho sexual e posteriormente compartilhado acaba atuando como uma confusão entre aspectos da vida pessoal e profissional. É necessário não apagar o prazer, porém este também atua como uma estratégia de vendas e engajamentos, assim como reafirmar o amor pelo trabalho. Assim, o argumento em torno do prazer obtido no trabalho não é apenas uma ilusão cuidadosamente mantida para cativar um público, o que se aproxima do ponto de Amy Dobson (2007). Porém, a contribuição da autora é interessante ao mostrar como isso se conecta com a atmosfera de autenticidade estabelecida nas performances.

Dessa forma, notar que a ênfase no prazer obtido por esse trabalho faz parte de estratégias para e angariar clientes e engajamentos ou mesmo se afastar de outras configurações do mercado do sexo, não significa necessariamente questionar sua veracidade e relevância. Considerar a atuação em plataformas enquanto um não trabalho no contexto analisado, une estigmas relativos ao sexo e a visão de que o trabalho em plataformas não é um trabalho.

⁹ Em maio de 2020, segundo o chefe de operações da plataforma, haviam 200.000 novos usuários e 7.000 novos criadores de conteúdo a cada 24 horas (Zerega, 2020). Em 2021, o número de criadores aumentou 34% (Lisboa, 2022).

¹⁰ O objetivo do *camming* tendo em vista o próprio prazer também se faz presente nas reflexões de Dobson (2007, p. 130), algo que é para si e menos para um público. Esse ponto também é destacado por Boyd (2010, p.5) ao falar do Twitter: "Emphasizing 'me' may also be a self-conscious, public rejection of audience".

Durante a pesquisa, notei o aparecimento ocasional de postagens no Twitter que faziam uso de um viés comparativo do OnlyFans e outras plataformas, como Uber ou Rappi, colocando o primeiro como uma escolha fácil e inadequada de um ponto de vista moral. Em outra postagem, o OnlyFans era valorizado em detrimento do trabalho em outras plataformas, por ser mais lucrativo.

Figura 2 - Meme compartilhado no Twitter



Fonte: Captura de tela de imagem compartilhada no Twitter.

A constante necessidade de criar conteúdo também é exaustiva, e há todo um trabalho fora da plataforma que não é reconhecido enquanto trabalho: troca de divulgações, parcerias, a pressão por inovar e estar sempre produzindo novos conteúdos. Isso normalmente envolve prévias gratuitas no Twitter e Telegram, além de rifas, preparar algo em um feriado específico, promoções, promover metas e desafios para engajamentos e agendar conteúdo. Desde que iniciei um movimento de maior atenção à plataforma OnlyFans, ressalto três momentos que geraram mais reações e debates sobre a plataforma entre os perfis acompanhados:

a) Após uma matéria veiculada na G1 em abril de 2021¹¹, várias discussões se desdobraram, como a possibilidade e limites de escolha de vários enquadres de nudez. “Impossível ser só *pack* de pé”, alguém comentou, se referindo à produção de conteúdo explícito como componente básico do sucesso. As discussões a partir da matéria se organizaram entre os dois pólos, “empoderamento ou objetificação?”, em forma de comentários no Twitter vindos de quem não trabalha para/na plataforma. Muitas reações também apontavam para a questão da “prostituição romantizada”. Essa matéria trazia dicas de como usar a plataforma como criadora de conteúdo.

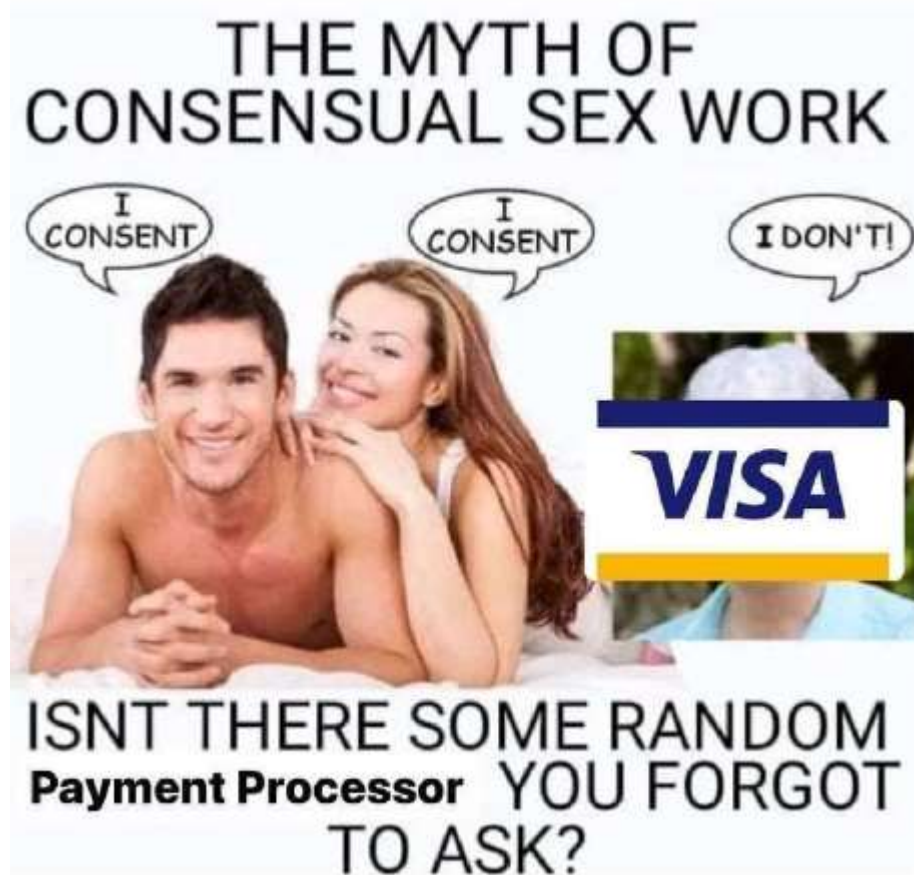
b) Em 2020, a plataforma anunciou restrições alegando que elas não continham nenhuma relação com a polêmica envolvendo a atriz Bella Thorne. Ela faturou \$2 milhões na plataforma em menos de uma semana, cobrando \$200 por uma foto nua sendo que a imagem não continha nudez explícita. Algumas alterações realizadas pela plataforma incluíram diminuir o valor máximo de gorjetas, o aguardo de 30 dias ao invés de 7 para recebimento de pagamentos, e o máximo por assinatura mensal passou a ser de \$50. O caso foi tratado pela maioria das pessoas como um golpe, e muitas encaminharam pedidos de ressarcimento. O caso também ilustra uma responsabilização que recaiu sobre a figura da atriz em questão, porém as medidas foram tomadas pela plataforma, prejudicando quem atua nela.

c) O terceiro momento ocorreu em 2021, quando a plataforma ameaçou banir conteúdo explícito, fazendo com que muitas pessoas a criticassem e migrassem para outras com funcionamento similar, como Fansly e Privacy. A justificativa para as novas políticas girava em torno dos provedores de pagamento, porém a plataforma voltou atrás e a decisão não seguiu adiante. Algumas reações realçaram que não existem plataformas inclusivas e que SWs estão em uma posição marginalizada.

Em seu comunicado, o OnlyFans deixava claro que os motivos não eram uma simples questão de escolha: “Estas mudanças são para cumprir com as exigências de nossos parceiros bancários e fornecedores de meios de pagamento”. Justamente a partir de 1º de outubro, quando entra em vigor a mudança do OnlyFans, a administradora de cartões de crédito MasterCard atualizará sua normativa para plataformas de conteúdo adulto. “Isto vem do impulso dos *lobbies* antipornografia nos EUA e outros países”, diz Elissa Redmiles, pesquisadora do Instituto de Software de Sistemas Max Planck na Alemanha. “Querem que os processadores de pagamento (MasterCard, Visa) pressionem os sites que hospedam pornografia para que mudem a forma como documentam a verificação de idade”, acrescenta (Colomé, 2021).

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/04/12/quanto-rende-o-onlyfans-os-lucros-e-perrengues-de-brasileiras-que-vendem-nudes-no-site.ghtml>. Acesso em 03 de agosto de 2022.

Figura 3 - Meme sobre o banimento de conteúdo sexual no OnlyFans



Fonte: Captura de tela de imagem compartilhada no Twitter, 2021

Sobre a relação entre o OnlyFans e o Twitter, ter uma conta ativa no Twitter enquanto criadora de conteúdo no OnlyFans é importante para as atividades de divulgação, porque é um dos principais meios de redirecionamento de uma plataforma para outra - passagem do conteúdo gratuito para o conteúdo que pode ser assinado. O Twitter é uma plataforma voltada para criação de conteúdo onde cada postagem pode conter no máximo 280 caracteres, que permite compartilhar imagens, vídeos, criação de espaços (conversas em áudio), e há a possibilidade de compartilhar conteúdo (*retweets*), curtir, responder e responder com comentários, assim como criar listas (visualizadas como *timelines* alternativas).

Na plataforma, podemos seguir pessoas, que passam a aparecer na *timeline* (linha do tempo). Também podemos limitar quem pode responder um tweet ou até mesmo tweetar para um grupo seletivo de pessoas (“roda do Twitter”). Em cada perfil há espaço para foto, imagem de capa, número de seguidores e de pessoas seguidas e uma breve biografia, podendo adicionar local, data de nascimento e links externos. O Twitter me parece ser mais “imediato” que outras plataformas, como se tudo fosse compartilhado mais rapidamente, e possui como pontos centrais os tópicos em alta no momento.

Ter mais familiaridade com o Twitter foi um dos fatores que determinaram a pesquisa nesta plataforma, incluindo a possibilidade de acompanhar o cotidiano das pessoas mais do que em outras páginas. O “idioma” do Twitter é muito diferente do Instagram ou do Facebook - um pouco mais confessional, “instantâneo” e abrangendo outros públicos, tendo em vista a possibilidade de anonimato. A plataforma parece centralizar o acesso às outras. Também é necessário levar em consideração que o acesso à visualização desse tipo de conteúdo é facilitado pelas regras mais brandas de censura à nudez em comparação com o Instagram, por exemplo.

1.2 PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO E O DISCURSO SOBRE AUTONOMIA

A plataformização do trabalho é um fenômeno de precarização que envolve a visão da plataforma não enquanto empregadora, mas de mera mediação entre um prestador de serviço e um consumidor. Por isso, é frequente esbarrar em inúmeros discursos de ênfase de autonomia, carregando a impressão de ser um trabalho de complementação de renda - “trabalhe quando quiser”.

Outros aspectos comuns seriam a sensação de um *gaslighting* algorítmico, que advém da falta de transparência e do desconhecimento de camadas que podem passar despercebidas, conectadas com possíveis punições, bloqueios e censuras, além da falta de garantias e ausência de direitos trabalhistas. Para Grohmann, a plataformização do trabalho pode ser pensada através da dependência para com as plataformas: “com suas lógicas algorítmicas, dataficadas e financeirizadas - em meio a mudanças que envolvem a intensificação da flexibilização de relações e contratos de trabalho e o imperativo de uma racionalidade empreendedora (Dardot; Laval, 2016) [...]” (2020, p. 112).

Alguns pontos específicos do trabalho sexual digital que diferem do modelo em que funciona o trabalho em plataformas de entrega, por exemplo, seriam a possibilidade do trabalho ser apenas digital, no sentido de não haver contato físico e não ser necessário estar cara a cara com outras pessoas. Desta forma, é um trabalho realizado no âmbito doméstico. A plataformização do trabalho sexual no OnlyFans e similares apresenta semelhanças com o trabalho de criadores de conteúdo, visto que estar na plataforma envolve a necessidade de sair dela e estar em outros ambientes digitais para divulgação e troca de divulgações. Visibilidade

é crucial, o que inclui a produção de conteúdo constante. Vazamentos de dados¹², plágios¹³, assédios e manutenção de um anonimato são problemas corriqueiros, visto que o trabalho trata de conteúdo íntimo.

Pirataria de *pack* é muito ruim pois assistem de graça e a pessoa não vende. Se ela não vende, ela não come. (Trecho extraído de vídeo informativo, feito e recomendado por uma das interlocutoras de pesquisa).

Uma característica importante do trabalho sexual são perigos e estigmas envolvidos, o que o diferencia de outros trabalhos em plataformas, pois seu “análogo *offline*” também envolve uma situação de precarização. O movimento de plataformização apresenta pontos positivos frente às situações que apresentam riscos físicos em comparação com profissões no mercado do sexo não digitais, como maior potencial de ganhos, maior segurança, diminuição de estigmas e controle da exposição. Porém, recaem em controvérsias se pensarmos em segurança digital, como já mencionado - e nos próprios limites de controlar a experiência *online*. Contudo, na pandemia, por exemplo, a migração do *offline* para o *online* se dava também por uma questão de segurança sanitária.

Sobre o questionamento envolvendo a digitalização do trabalho sexual ser ou não benéfica, Angela Jones se opõe às posturas otimistas, partindo da crítica à homogeneização do trabalho digital sexual: “Partindo de uma perspectiva interseccional, como os trabalhadores do sexo de várias raças, etnias, nacionalidades, classes sociais, idades, etc., utilizam a Internet?” (2015b, p.559, tradução própria). A autora chama atenção que ao homogeneizar o trabalho sexual digital, deixa-se de lado a visualização de novos problemas presentes, como vazamentos de dados e ameaças à privacidade, além de deixar de lado contextos locais e como diferentes pessoas têm uma relação diferente com o digital.

Contextualizar onde trabalhadoras sexuais estão situadas e quem elas são possibilita mapear contraposições aos estigmas e à noção desse trabalho sexual como receita de sucesso e muito dinheiro, bem como elucidar essas múltiplas situações e contextos confusos de imbricamento de categorias e indiferenciação entre elas. Portanto, do mesmo modo, não há como homogeneizar o trabalho de plataforma conforme o modelo do Uber:

[..]o trabalho mediado por plataformas: a) é situado a partir de mediações de gênero, raça e território, entre outros marcadores sociais e interseccionais, com diferenças de apropriação de valor; b) não pode ser resumido ao trabalho na Uber. Daí é possível pensar em tipologias de plataformas de trabalho. [...]Cada um desses tipos revela diferentes relações com o trabalho mediado por plataformas, com possibilidades

¹² Ver: CARUSO, Damien Licata. Fuite de données : 4 millions d'utilisateurs français d'un site de webcam pour adultes concernés. Le Parisien, 2020.

¹³ É comum que muitas imagens compartilhadas tenham marca d'água.

distintas de condições de trabalho (e perfis de trabalhadores, a partir de marcadores sociais), processos produtivos, apropriação de valor, gestão algorítmica do trabalho e formas de controle do trabalhador. Isso não quer dizer que, dentro de cada tipologia, haja uniformidade ou homogeneidade [...] (Grohmann, 2020, p. 113).

Essa questão é tratada por Jones (2015a), do ponto de vista do contexto do camming, em que pessoas negras que trabalham para essas plataformas têm menos visibilidade (*scores*) e por isso recebem menos. Dessa forma, é necessário apontar novamente para a contestação da neutralidade e obscurecimento das “realidades corporificadas do trabalho” (Amrute, 2016, p. 2).

Argumentos sobre a precarização do trabalho na conta acompanhada parece ser direcionada mais a uma relação com clientes, como posturas misóginas e/ou invasivas e também reações contra grupos que se opõem ao mercado do sexo, do que à situação de plataformização em si. Ferreira e Etcheverry (2020), por exemplo, discutem diferentes formas de empreendedorismo e percepção do mesmo. As autoras mencionam o caso dos mecânicos automotivos, em que o discurso de empreendedorismo veiculado pela SEBRAE não se fazia útil ou sequer era incorporado por muitos da categoria. “Para tanto, faz-se mister considerar as distinções entre culturas e trajetórias profissionais, aspectos geracionais, origem de classe, experiências laborais e outras dimensões [...]” (2020, p.8). Dessa forma, é visível como diferentes grupos percebem esse movimento de diferentes maneiras: no caso das plataformas, qual afinidade com a ideia de empreendedorismo no contexto que estão inseridas, e principalmente, considerando quais trabalhadoras sexuais?

Assim, um palpite seria que o tempo de experiência com o trabalho, o que inclui diferenças de faixa etária, são condições em que há um maior estranhamento e crítica à situação de plataformização. Há a própria questão de adaptação e inclusão digital de pessoas mais velhas, como a dificuldade de pertencimento a um nicho estético e de identidade em um trabalho que evoca estéticas jovens. Já para muitas pessoas, o trabalho sexual em plataformas se apresenta como uma possibilidade de melhora de situação financeira, sair de uma péssima rotina de trabalho, adquirir melhor qualidade de vida, conciliar com um curso de ensino superior.

O descontentamento com as plataformas e a faixa etária são fatores centrais para o desejo de estabilidade através do investimento em algum projeto ou plano de vida para poder deixar o trabalho atual. Através da experiência com esse trabalho, um caminho possível é a venda de cursos sobre como iniciar na área.

1.2.1 Algoritmos e mercado do sexo

Nas entrevistas, não houve muitas respostas explícitas indicando a percepção de sutilezas em termos de ações algorítmicas no cotidiano do trabalho. Em algumas respostas, após perguntar se havia algo a ser feito de melhoria nas plataformas, havia uma preocupação maior com os serviços de suporte, pagamentos e os banimentos constantes.

Algoritmos podem ser definidos como um passo a passo para resolver um problema (Regattieri; Antoun, 2018). Conforme Antoun e Regattieri, “humanos e máquinas trabalham em conjuntos para aplicar algoritmos” e nesse processo ambos estão sempre se transformando. Assim como para Taina Bucher, há uma força de relações entre pessoas e algoritmos: “while algorithms certainly do things to people, people also do things to algorithms” (2017, p.42). Portanto, no caso das plataformas acompanhadas, há o que emerge das relações entre múltiplos agenciamentos distribuídos que influenciam estéticas eróticas preteridas e delineiam desigualdades - preferências de pessoas que compram conteúdo, políticas da plataforma e agências algorítmicas, assim como o que trabalhadoras sexuais criam na plataforma. Porém, apesar dos algoritmos serem resultados do encontro com pessoas comuns, algoritmos são frutos de trabalhos de seres humanos e não são produzidos de maneira neutra, conforme Grohmann, que destaca essa falsa simetria (2020, p.109).

No caso da produção de conteúdo pornográfico nas plataformas, o próprio par moral/dinheiro ilumina desigualdades praticadas contra profissionais do sexo, conforme os exemplos já mencionados de perda de garantias e alterações das políticas das plataformas sem nenhum compromisso com essa categoria. Muitas vezes, se faz presente a alegação de que plataformas e provedores de pagamento perseguem essas profissionais, por conta de suas políticas de funcionamento.

Conforme conversa com A., que é criadora de conteúdo no OnlyFans, “as plataformas ganham bastante dinheiro com o trabalho de *SWs* mas não são ‘sex work friendly’”. Ao falar sobre censuras e banimentos trazidos por plataformas que mediam transações financeiras (plataformas de cartão e carteiras digitais), é colocada a dualidade de se beneficiar do uso feito por *SWs* das plataformas, pois transações envolvem cobranças e, ao mesmo tempo, o moralismo com trabalho envolvendo práticas sexuais. Para ela, faltam “mais serviços de transferência *online* que não discriminem você pelo trabalho que você faz”. Há também muitos bots/burocracias que dificultam a comunicação e os serviços de suporte: “receber dinheiro é

muito difícil, já tive meu dinheiro bloqueado, diversas pessoas tiveram contas fechadas, sendo raras as plataformas que previnam que isso aconteça” (entrevista realizada em março de 2022).

Essas suspeitas somam-se à pretensão de neutralidade e se dão também pela falta de transparência de como essa camada que é oculta para usuários funciona. Por conta disso, desconfianças de como algoritmos influenciam negativamente essas experiências pairam como paranoias, se situam no parâmetro das dúvidas. Acredito que por isso, durante o trabalho de campo, estava ansiosa por saber como as interlocutoras de pesquisa imaginavam ações algorítmicas (Bucher, 2017). Acredito que essa imaginação possa se desdobrar em um potencial de consciência da própria situação de precarização e modos de reagir a ela.

Como há mais grupos e páginas coletivas de *camgirls* e nem toda pessoa que trabalha nas plataformas com modelo similar ao OnlyFans está inserida no *camming*, nessa configuração de trabalho há mais críticas às plataformas. São críticas ao valor da ‘minutagem’, críticas às sutilezas onde as plataformas em suas postagens impulsionam discretamente, como alguma convenção ou comportamento e críticas ao sistema de *scores/ranking* nas plataformas de *camming*.

Percebo que as críticas em maior número às plataformas como OnlyFans partem sempre de um marco ou estopim que as desencadeiam, como uma reportagem ou mudança anunciada pela plataforma que gera polêmica, como mencionado anteriormente. Esses pequenos momentos podem apontar para pontos disruptivos, onde a infraestrutura oculta das plataformas se mostra visível.

Bucher descreve situações em que pessoas preferiam prever essas ações e burlar recomendações algorítmicas, participando nelas de maneiras imprevisíveis.¹⁴ resistência também seria sobre participar de forma imprevisíveis (Hill, 2012, p. 121 apud Bucher, 2017, p. 41).

O trabalho sexual em plataformas digitais apresenta reiterações e descontinuidades com a pornografia *mainstream*. Pornografias alternativas e modelos caseiros de consumo muitas vezes envolvem uma contraposição aos modelos “anteriores” de produção de conteúdo erótico. Este movimento envolve uma “autenticidade corporificada” (Jones, 2015a) e uma contranarrativa que sobretudo é estética - que conta com diferentes ângulos, enquadramentos e

¹⁴ Talvez exemplos mais notáveis sejam formas de burlar censuras e tentar controlar a exposição. No caso dos nudes, há também posturas miméticas do funcionamento das plataformas, como desenvolver um sistema ‘não verificado de verificação’, embora este não seja um exemplo necessariamente positivo. Na minha conta pessoal, tento muitas vezes escapar de uma personalização de tópicos reeducando a maneira com que consumo conteúdo, e também caso possível, tento não informar meu gênero por imaginar que isso se desdobre no recebimento de determinados anúncios e não outros.

focos. Alguns pontos presentes abarcam ressaltar uma forma mais “consciente” de se fazer pornografia, enfatizando controle, maior segurança e autonomia, assim como a ênfase em “pessoas reais”, na produção de imagens sem tratamento (*photoshop*) e na superação de padrões de beleza hegemônicos.

Na pesquisa realizada no meu Trabalho de Conclusão de Curso (Lima, 2019) foi possível refletir sobre posturas miméticas por parte de novas estéticas envolvidas na produção de imagens contendo nudez, muitas vezes em referência às pornografias tradicionais e capas de revistas de celebridades. Um *slogan* de um projeto acompanhado voltado para ensaios fotográficos sensuais era “seja capa de sua própria revista”, onde o ensaio era entregue neste formato.

Partindo deste exemplo, é possível colocar em jogo o questionamento das nuances sobre o que é considerado nudez e sutilezas que separam o que é considerado pornográfico, sensual e erótico. Apesar de muitas páginas monitoradas no TCC defenderem a não separação dessas “esferas” ao despreverem seus propósitos - objetos, *sextoys*, lingerie, biquínis, poses, gestos e movimentos dão um tom que levam de uma categoria a outra. Portanto, durante o trabalho de conclusão estava interessada em pensar maneiras criativas e de apropriação de espaços onde o olhar masculino era/é central e na reatualização desses nichos - o que se mantinha e o que era “descartado”.

Esse último ponto é interessante para pensar contradições sobre a pornografia, o quanto pornografias caseiras e alternativas podem ter mudado esse mercado de uma forma benéfica e, ao mesmo tempo, o quanto contradições que já estavam presentes na pornografia *mainstream* (e que são supostamente superadas por novos modelos) são recolocadas, constando agora como parte das contradições organizadas pelas dinâmicas do digital.

Na pesquisa, não fiz uma definição conceitual que separasse o erótico e o pornográfico. Segundo Parreiras, o digital confunde essas separações, pois “na medida em que proliferam diversas segmentações do gênero pornográfico e surgem novos nichos o que se tem é a dificuldade crescente de estabelecer fronteiras entre pornografia e outras formas de representação” (Parreiras, 2012, p.205). As próprias modalidades de trabalho sexual (digital e/ou não digital) não podem ser facilmente separadas e definidas.

Levando em consideração a reorganização dessas categorias, as controvérsias estão atreladas à relação que possuímos com as plataformas e com agenciamentos algorítmicos, que aprendem e estão entrelaçados com nossos comportamentos e preferências, “refletindo e

reconfigurando dinâmicas sociais” (Cristin, 2020, p. 907). As contradições são repostas e reconfiguradas.

Um exemplo pertinente da desestabilização de categorias previamente definidas e estáveis são as separações entre público/privado. Para danah boyd (2010), as mídias digitais desafiam o senso de controle das pessoas. A autora argumenta que a noção de privacidade não está “morta” com a digitalização, mas sendo incessantemente reformulada e negociada.

O transitar por uma miríade de plataformas de trabalho sexual e o movimento entre trabalhos em diferentes categorias do mercado do sexo parece desestabilizar também a própria categorização de trabalho sexual, vide a intensificação de segmentação trazida pela digitalização.

Conforme o trabalho de Caminhas (2020) sobre o *camming*, a diferenciação de outros tipos de trabalhos sexuais e constante redefinição do *webcamming* por parte de *camgirls* busca contornar estigmas. Uma das questões iniciais notadas em campo para além do deslocamento entre múltiplas plataformas, é a presença simultânea em trabalhos presenciais e não presenciais. Para Jones (2015b), muitas vezes o termo “trabalho sexual” é utilizado como equivalente à prostituição, obscurecendo a diversidade de categorias de trabalho sexual para além desta. É necessário ressaltar que os próprios ramos de trabalho sexual presenciais contam com diversos elementos de digitalização.

A partir das desintermediações e reintermediações digitais, é central a articulação entre corpos e algoritmos no contexto da pesquisa, pois a partir dessas reconfigurações há uma manutenção de hierarquias, agora atualizadas e emaranhadas nas contradições que são próprias ao digital.

Destaco novamente que o pertencimento aos nichos digitais do mercado do sexo é acompanhado por “moralismos internos”, muitas vezes para que esse trabalho seja visto como mais aceitável e para combater estigmas. As separações são delineadas mediante comentários já sinalizados anteriormente, como a alusão ao prazer, ao controle e à autoria. Há a ideia de ausência de mediações, o que dá respaldo à ilusão de autonomia e controle como destaques positivos desse trabalho, principalmente ao se contrapor às outras categorias de trabalho sexual, onde essa mediação é visível e explícita.

A separação entre digital e não digital toma protagonismo nessas falas, partindo da noção de “vender corpo”/“vender imagens”, riscando uma linha entre o físico e a presença por telas. É perceptível que a alusão ao digital é colocada lado a lado com um senso de maior

segurança. Em algumas ocasiões, há a ideia de que o trabalho digital em plataformas de *camming* e outros modelos como o OnlyFans não faz parte do mercado pornô ou da prostituição.

Contudo, há várias nuances e pluralidades de formas de exposição, e particularmente não notei nas entrevistadas uma intenção de afastamento da pornografia para dar ao nome às suas ocupações profissionais. Talvez a separação mais evocada fosse com relação à prostituição, pois existem diversas reclamações das solicitações de clientes para encontros presenciais.

Além disso, existem diversas sutilezas que separam definições de nudez – questiono se alguém que produz *soft porn*¹⁵ se considera alguém que trabalha com pornografia, por exemplo. Ao mesmo tempo, a pornografia diz muito sobre a criação e delimitação constante de categorias (*tags*), e existem múltiplos gêneros e subgêneros - sendo alguns desprovidos de conteúdo que apresente sexo explícito ou nudez, como um gênero altamente comum no campo estudado, que são as vendas de *packs* de pés.

1.3 BREVES APONTAMENTOS: GUERRAS SEXUAIS FEMINISTAS, PRAZERES, PERIGOS E AUTENTICIDADES

As chamadas “sex wars” foram um momento de intensos debates feministas sobre sexo nos Estados Unidos na década de 1970 e 80. A pornografia era uma das pautas em voga, dividindo posicionamentos pró-sexo e anti-sexo.

As bases deste debate estão no início dos anos 1970, quando os Estados Unidos passavam por um momento de intensa repressão à sexualidade por grupos religiosos e políticos republicanos da extrema direita, havendo uma estranha convergência entre esse último grupo e feministas radicais. (Santana; Rubim, 2012, p. 640)

Sobre os posicionamentos envolvendo esse debate, em um dos pólos, “a vinculação das mulheres com o sexo é percebida como a raiz de sua opressão e abuso” e em outro, “a fonte de seu maior poder” (Piscitelli, 2005, p. 13). Considero que na plataforma que mais estive presente – o Twitter – as discussões acompanhadas sobre a produção de imagens íntimas expostas pelas mulheres autofotografadas se direcionava para essa divisão. Ora era entendido como algo empoderador e benéfico, ora como material que satisfazia homens e, portanto, algo que reforçaria posturas machistas, o que colocado em termos de uma “armadilha”. “Outras, mais cautelosas, pensam no sexo como um terreno de disputa, não como um campo fixo de posições

¹⁵ Defino como o conteúdo erótico que não apresenta sexo e nudez explícita.

de gênero e poder”, como explica Piscitelli (2005, p. 14). Para Feona Attwood e Clarissa Smith (2014), a crítica a ambos os pólos é diferente de optar por um ponto de vista neutro.

A propaganda anti-pornografia implica que o sexismo se origina no interior da indústria do sexo e subsequente infecta o resto da sociedade. Isso é um absurdo sociológico. A indústria do sexo é dificilmente uma utopia feminista. Ela reflete o sexismo que existe na sociedade como um todo. Precisamos analisar e nos opor às manifestações de gênero; desigualdade específica da indústria do sexo. Mas isso não é o mesmo que tentar eliminar o sexo comercial (Rubin, 1984, p.166, tradução própria).

Conforme o exposto acima em “Thinking Sex” de Gayle Rubin (1984), o ponto de vista moderado tende a colocar o debate em uma oposição simétrica, colocando os dois lados polarizados enquanto equivalentes. A autora menciona algumas limitações dos argumentos de um “discurso moderado”, como o de que não havia atenção suficiente às construções históricas, causas e significados das dissidências sexuais, implicando que, ao buscar uma ‘causa’, eroticismos “problemáticos” poderiam ser mudados (1984, p.167).

Gayle Rubin também defende uma separação analítica entre gênero e sexualidade, pois sexo não pode ser reduzido às hierarquias baseadas em gênero. Uma das críticas oferecidas ao ponto de vista de posições estáticas de gênero foi “Pleasure and Danger”, de Carole Vance (1984), em que a sexualidade das mulheres constitui tanto prazer como perigo. Portanto, acredito que se trata mais de ficar com as contradições que envolvem sexo e assumi-las do que optar por um ponto de vista que homogeneiza a experiência das mulheres.

No atual momento da pesquisa, há ainda uma efervescência de contas antipornografia, por exemplo. Os argumentos frequentemente envolvem testemunhos individuais. Violência é uma categoria analítica importante para discussão, mas também percebo que muitas das críticas são descontextualizadas. Alguns argumentos têm sido rebatidos pela literatura acadêmica sobre o tema, como a associação do trabalho sexual com o tráfico de pessoas. As perspectivas tutelares acabam também apagando a noção de que trabalho sexual é trabalho, “deixando aquelas que exercem a atividade como profissão aquém das proteções legais cunhadas justamente para proteger o trabalhador contra violências físicas e morais” (Fonseca, 2016).

É comum que muitas pessoas que vendem conteúdo erótico online declarem abertamente em quais fetiches têm interesse, enquanto também sinalizem práticas sexuais que não realizam. Em um aplicativo de perguntas anônimas, há muitas perguntas sobre preferências de conteúdo. Percebo que não há muito constrangimento por parte das contas acompanhadas de salientar que não gosta de produzir conteúdo ou de se engajar em determinada prática sexual, estabelecendo limites na relação com assinantes.

O aprendizado de práticas é um aspecto frequentemente colocado como positivo. É interessante retomar aqui a articulação entre prazer e perigo, segundo Jones. Nesse mercado, o perigo é uma parte necessária na aquisição de prazer, pois para adquirir prazer é necessário lidar com os perigos (2015a, p.248). Durante meu trabalho de campo, pude notar como experiências sexuais (e primeiras experiências) são publicadas e, sem qualquer constrangimento, dificuldades ou mesmo desconfortos são revelados, como primeiras experiências com determinada prática sexual e com a utilização de *sex toys*. Pude perceber, enquanto continuava a assinatura sem intenção, que uma das contas acompanhadas compartilhou conteúdo envolvendo práticas sexuais que antes tinha dificuldade em realizar, visto que esqueci de desligar a renovação de assinatura. Na primeira assinatura mensal, como exemplo, era uma prática em que a pessoa envolvida tinha dificuldade de realizar. Trata-se, dessa forma, do compartilhamento do andamento de um processo de aprendizagem de uma prática específica.

A aprendizagem no mercado do sexo é abordada por Marina França (2017) a partir da reprodução de práticas, observações e trocas com clientes e colegas na prostituição em uma zona boêmia em Belo Horizonte (MG). Alguns desses conselhos para além dos que envolvem saúde e práticas sexuais em si incluem como se portar, como falar, como estabelecer limitações com os clientes e como seguir um *script* apropriado para aquele trabalho.

Assim, acontece de novatas não saberem regras básicas do trabalho. Acompanhando monitoras de saúde do Gapa, já encontrei iniciantes que não sabiam que deveriam usar preservativo para realizar sexo oral. Catarina, de 30 anos, mãe de dois filhos, que entrevistei duas vezes junto a uma colega, conta rindo que no primeiro dia no hotel trabalhou sem cobrar dos clientes, acreditando que eles acertavam o programa na gerência. Outra jovem negra que entrou na prostituição quando se tornou viúva deixou a porta de seu quarto fechada todo o dia, esperando os clientes baterem. Viviane, uma veterana, branca, mesmo sendo filha de uma prostituta, disse que ninguém lhe ensinou nada, fechou-se “entre quatro paredes” e foi aprendendo “na marra” (p.333).

Dicas e conselhos entre pessoas com mais experiência de tempo em trabalho sexual por plataformas são frequentes, e emergem como dicas coletivas e não direcionadas, compartilhadas muitas vezes como uma reclamação às posturas de clientes e também de valorização do próprio trabalho. A imposição de limites e como não ser “enrolada” pelo cliente, assim como estabelecer práticas que sejam expostas apenas mediante pagamento, são temas comuns.

Figuram entre os conselhos o desabafo de experiências negativas passadas e presentes como vazão, mas que podem servir para auxiliar alguém, mediante seu compartilhamento. Há também bastante troca de divulgações, essencial para quem está iniciando. As dificuldades de fidelizar assinantes são maiores quando se é iniciante, que detém menos visibilidade e redes de

contato e apoio. O aprendizado, nesse caso, também inclui criar uma “marca”, se tornar visível, conhecer dinâmicas das plataformas, saber como se adequar a um nicho/fetichismo específico, o que não compartilhar, estratégias de engajamento e como contornar problemas cotidianos.

O próprio repasse de conselhos acaba se tornando um nicho de mercado do sexo importante, mediante a quantidade de cursos disponíveis para atuar em alguns gêneros, como o da dominatrix¹⁶, o que inclui o exercício de uma relação afetiva diferente com assinantes de conteúdo - incluindo gestos, posturas, comportamentos, práticas e modo de falar de uma *domme*. Essa atividade se assemelha à atividade de *coaching* e é um modo de complementar o serviço em plataformas ou partir para outros domínios do mercado do sexo.

Práticas envolvendo foco na ejaculação (como *creampie*) é colocada como algo indesejado por uma das contas acompanhadas, enquanto o foco nesse item é boa parte do conteúdo de uma das entrevistadas. É importante não excluir alguns pontos de análise que talvez não sejam elucidados de forma explícita pelas interlocutoras, como o questionamento se a aderência a alguma prática específica normativa na pornografia é alvo do desejo de quem produz conteúdo ou se existe demandas explícitas de clientes, e se a realização de tal fetichismo é feita simplesmente porque implicaria em maior visibilidade e, portanto, maior renda.

Acredito que o exemplo da prática mencionada seja emblemático. O artigo de Feona Attwood (2007), “*No Money Shot? Commerce, Pornography and New Sex Taste Cultures*”, trata justamente de mudanças estéticas e apelos em pornografias que se contrapõem aos modelos tradicionais/*mainstream*. O artigo é importante para reflexão sobre moralismos internos nutridos por pornografias alternativas aos nichos de mercado do sexo que pertencem ao terreno do *mainstream*, assim como de uma pornografia agora mais palatável e supostamente mais consciente, baseada em uma “*estetização*” do sexo e em uma noção diferente de autenticidade. O *money shot* é justamente o momento da ejaculação e um ponto importantíssimo nas produções *mainstream*, atestando que o está acontecendo se trata de algo autêntico.

Como já sugerido, mudanças de focos, ângulos e enquadramentos acionam essa contranarrativa entre modelos tradicionais e produções focadas em autoria, portanto, modelos caseiros. Isso fica bem claro quanto aos ângulos vistos quando iniciei algumas poucas assinaturas. Em uma das contas assinadas, o material era gravado por uma das pessoas, em vídeos curtos, o que mudaria o ângulo se houvesse uma terceira pessoa ou um tripé, algo mais elaborado. As filmagens também ofereciam uma atmosfera de autenticidade por serem às vezes desprovidas de maior tratamento. Não me parece que todas as pessoas planejem mudar ou

¹⁶ Dominatrix ou dommes são mulheres que exercem uma postura dominante em práticas BDSM.

investir em um “aprimoramento” na direção de um tom mais profissional em termos de seus aparatos técnicos, pois o tom caseiro (ou amador) é justamente o que transmite a ideia de algo verdadeiro.

O momento do *money shot* acaba sendo algo não crucial para esse tipo de produção. A pergunta do artigo - “*No money shot?*” - enquanto algo que (supostamente) não compõe o enredo de pornografias amadoras e caseiras é apropriada para pensar continuidades e descontinuidades que esses modelos possuem com outras formas de produção, principalmente as produções que visam se contrapor comercialmente.

Dessa forma, elementos de produções da pornografia tradicional ainda se fazem presentes. A questão é justamente como a narrativa de autonomia e controle pode ser colocada frente às contradições entre pressões envolvendo preferências dos clientes e o prazer das pessoas que produzem esse conteúdo - talvez aspectos indissociáveis.

O orgasmo [cis]masculino "opera como um atestado quase irrefutável da autenticidade do que professa; como a comprovação de que aquilo que está sendo exibido na tela é o próprio sexo, mais que uma representação ou uma paródia do sexo” (Duarte; Rohden, 2016, p. 722). Na pornografia mainstream, o *money shot* é algo que reafirma o caráter autêntico. As pornografias caseiras/amadoras parecem trazer outros elementos para reafirmar esse aspecto do real, muitas vezes em contraposição aos modelos tradicionais, vistos como inautênticos. Logo, o contraste entre aproximações e distanciamentos das pornografias hegemônicas se dá através da inserção de outra definição do que é real/mais real.

Os posicionamentos dos corpos e focos também diferem, ou são mais plurais do que os enquadramentos “clássicos” de outras formas de produção, já que no terreno do *mainstream*:

O orgasmo da mulher é marcado pelo resto do corpo – pela expressão do rosto, pelo gemido e manifestação vocal, pela movimentação corporal. Não por acaso, o enquadramento clássico do cinema erótico opta por exibir em primeiro plano o pênis – desassociado, sempre que possível, de um corpo masculino visível – e uma mulher sempre mostrada de corpo inteiro. (Duarte; Rohden, 2016, p. 722)

Embora haja diversos deslocamentos na produção de imagens acompanhadas em comparação com modelos mais tradicionais do mercado do sexo, é possível acentuar limites do controle da apresentação dos corpos. Isso também provoca a reflexão sobre limites do controle de enquadres e, portanto, dos limites da agência autônoma, principalmente levando em consideração *quem* está presente, discussão desenvolvida no restante dos capítulos.

Este capítulo abordou o imbricamento de determinadas controvérsias - controvérsias do digital e controvérsias feministas sobre a pornografia, a manutenção de hierarquias e redefinição de categorias. A proposta do atual capítulo foi tentar oferecer o contexto em que a

pesquisa se insere – caminhos metodológicos, limitações, dilemas e apresentação de algumas contradições inerentes ao imbricamento entre sexo e tecnologia, adiantando alguns debates que atravessarão os próximos capítulos.

2. AUTOESTIMA E CRIATIVIDADE: PERTENCER A UM NICHOS E TER UMA MARCA PESSOAL

O segundo capítulo aborda dificuldades mapeadas sobre o mercado do sexo digital, centralizando a relação com o público e a criação de conteúdo. A noção de público e inserção em um nicho são requisitos importantes para esse tipo de trabalho, que se conectam com elementos que diferenciam a categoria de mercado do sexo acompanhada com os modelos tradicionais de pornografia: os aspectos ordinários e a busca por ser visível nas plataformas se faz junto da construção do perfil enquanto uma marca.

Uma controvérsia notada é a ênfase em um controle da própria exposição e liberdade para fazer escolhas e delinear limites. Embora isso possa realmente ocorrer, é algo permeado por desigualdades entre trabalhadoras do sexo, visto a formação de “hierarquias estético-eróticas” (Pezzutto, 2019). A discussão sobre trabalho emocional envolvendo a adesão da própria “personalidade” e seu compartilhamento como um aspecto do trabalho estudado é central para refletir sobre sucesso comercial, separações entre mercados do sexo, noções de controle individual e precarização do trabalho. Essa prática é mais comum no modelo de trabalho acompanhado na pesquisa que em outros nichos do trabalho sexual devido à maior necessidade de *selfbranding*.

Apesar de destacar competições e o peso de uma noção de responsabilidade individual, são notáveis os papéis colaborativos e empáticos que as trabalhadoras sexuais desempenham entre si, conforme observado em campo.

No entremeio, há reflexões sobre hierarquias (estéticas desejáveis), feminilidades e estilos de vida ideais, saindo do contexto da pesquisa para um panorama mais geral para compreender tendências eróticas mais amplas e, a partir delas, algumas das desigualdades dentro do trabalho estudado.

2.1 O PÚBLICO

A pornografia envolve a proliferação de categorizações. Pertencer a uma categoria específica de produção de conteúdo não é necessariamente algo novo. Também é comum que o nicho em que a pessoa está inserida faça parte de uma identificação prévia com aquele fetiche ou práticas que englobam uma estética e/ou categoria específicas. Diferentes nichos supõem a existência de uma miríade de públicos.

[#sw](#) [#nsfw](#) [#braziliangirls](#) [#polishgirls](#) [#sexy](#) [#nudes](#) [#hentai](#) [#ecchi](#) [#packs](#) [#sex](#)
[#fuckme](#) [#hotgirls](#) [#sexygirls](#) [#sugarbaby](#) [#kurwa](#) [#salope](#)

[*hashtags*¹⁷ que acompanham o compartilhamento de uma postagem. Exemplo editado. Retirado da plataforma Twitter].

Entretanto, trabalhadoras sexuais no nicho estudado atuam como criadoras de conteúdo. Em eventos *online*, consultorias e reportagens visitadas, ter uma identidade própria e forte, assim como construir uma marca, são conselhos sempre presentes - a dica-mór de como crescer nesse meio. Nos relatos descritos adiante, alguns aspectos estéticos se sobressaem, assim como algumas categorias específicas na busca de conteúdo sexual. Um público e as estéticas e práticas sexuais envolvidas podem demandar uma linguagem e formas de apresentação diferentes.

Manter um público envolve imaginá-la e ter consciência daquilo que constitui seu público. Uma das pessoas com quem conversei, L., me contou que boa parte dos seguidores eram bissexuais, por isso também gostavam da presença do namorado nos vídeos.

No meu trabalho, que é o de dominação, meu padrão de público são homens mais velhos, casados ou separados que buscam se submeter e ter uma pessoa para guiar suas escolhas, prazer etc (N., entrevista realizada em 15 mar. 2022)

eu comecei a ter mais nudes e vídeos de masturbação quando notei que este conteúdo atraía mais pessoas (Y., entrevista realizada em 22 nov. 2021)

Imaginar um público envolve ajustar sua forma de apresentação para atender às “normas” daquele coletivo (Boyd, 2010). A noção de audiência pode incluir a “lista de seguidores” em determinada plataforma, mas este pode não corresponder exatamente ao público (Boyd, 2010). É curioso, em vista do que acontece nas contas de trabalhadoras sexuais. Diferente do OnlyFans, o Fansly mostra o número de seguidores, e uma pessoa com mais de 100 seguidores no Fansly pode ter no Twitter mais de 30 mil seguidores. Nem toda pessoa que acompanha, elogia e interage tem a intenção de pagar pelo conteúdo.

2.1.1 O público e a criação de uma marca pessoal

Ter uma identidade “forte” e “própria” parece se opor a simplesmente se encaixar em um nicho [contra]/hegemônico, mas esse casamento é funcional como um par ideal no rol de conselhos para angariar público. Existem múltiplas versões da mesma dica a quem pretende

¹⁷ Ao clicar em uma *hashtag*, somos direcionados à página que contém apenas postagens marcadas com aquela mesma *hashtag*. As *hashtags* desempenham um papel de segmentação, sendo mais populares em algumas plataformas, como o *Twitter*.

começar a ser criadora de conteúdo erótico: “Tem que criar uma identidade muito forte, uma marca, que deixe as pessoas curiosas” (Prado, 2021).

No evento intitulado SexSummit (2020), na palestra “Venda de *pack*: aprenda com quem está ganhando muito dinheiro com nudes a se profissionalizar”, esse aspecto é abordado. Entre as dicas para sucesso nesse meio, consta se destacar de outras pessoas que vendem conteúdo: “um corpo todas as mulheres têm”, sendo necessário saber vender uma personalidade. Segundo uma das pessoas presentes na palestra, “a gente é uma empresa de uma mulher só”. Destaco, nessas falas, a afirmação de que a frustração de não conseguir vender se liga a uma questão, já indicada no capítulo anterior, sobre a banalização desse trabalho: como se fosse um trabalho fácil e uma forma certa de ganhar muito dinheiro, se tratando de uma quebra de expectativa quanto à popularização da plataforma.

Em resumo, imaginar e ter noção do seu público envolve seguir convenções compartilhadas de comportamento com aquele público. Também envolve o esforço de autenticidade, palavra-chave que visa separar essa categoria de trabalho sexual de outros. Autenticidade e liberdade de escolha são constantes apelos nessa forma de criação de conteúdo. Em uma das reportagens sobre o OnlyFans na revista *Vice* (Segalov, 2019), há uma lacuna estabelecida entre o *camming* e o trabalho em plataformas como o OnlyFans: “A questão é que você está constantemente se apresentando nos termos do público, não nos seus”, se referindo às plataformas de *camming*.

No caso, a dinâmica dessas plataformas realmente traz mais controle sobre a própria experiência do que em plataformas de *camming*, embora pressões da preferência do público possam sempre estar presentes. Entre os conselhos de pessoas mais experientes na área para as pessoas que iniciam constam estabelecer limites, não cobrar um valor considerado abaixo do que deveria e não fazer o que não deseja. A atenção é intermediada e reconfigurada pelos algoritmos, levando em consideração também que há o que gere mais visibilidade.

A contradição entre ceder às expectativas do público e a possibilidade de controle da experiência já foi iniciada no capítulo anterior, com relação às práticas sexuais adotadas. Trata-se justamente de uma contradição para não apagar o papel dos algoritmos e as preferências do público, tornando o argumento de autonomia impossível. A meu ver, trata-se também de não seguir a premissa de negação do prazer envolvido no trabalho e os gostos pessoais de criadoras/es de conteúdo, assim como ressaltar que pode haver sim maiores capacidades de escolha em nichos de autopublicação no mercado do sexo.

O público não detém controle e autonomia do que consome e pode também estar aprendendo a desejar determinada coisa a partir de tendências de conteúdo disponíveis e “em alta”. Assim, o consumidor pode acreditar que possui essa capacidade de autonomia, visto que as ações algorítmicas também podem passar despercebidas para quem é assinante/seguidor/a, incluindo a sensação de estar à frente de uma quantidade ilimitada de conteúdo. De alguns estopins no mercado do sexo constituído por imagens e vídeos, destaca-se a facilidade de consumo de conteúdo e como as interdições e mediações foram se tornando mais ocultas com a digitalização.¹⁸

2.1.2 Manutenção da visibilidade e público

Modos de ser e estilos de vida são ativos enquanto produtos, envolvem dinâmicas de visibilidade e se conectam irremediavelmente com as de competitividade. Há, portanto, uma incorporação de um modo de ser, construído nos moldes do que promove atenção e visibilidade nesse tipo de trabalho. A relação com o público e o constante engajamento para mantê-la são invisibilizados como parte do trabalho.

Dentre as estratégias principais para se obter maior alcance, há os desafios de engajamento. No conteúdo produzido por *dommes*, é comum a postagem de objetos desejados e valores de transferências.

“100 likes em 20 min eu posto um negócio”
 “100 favs aqui e em 10 minutos eu posto um nude”
 “Você sabe como desbloquear essa foto? É só assinar meu OF”
 “Faltam x seguidores para o minipack”
 “Se esse tweet aqui chegar em 50 likes eu posto”
 “Tirei nude da bucinha depiladinha agora, mas só vou postar se derem 150 likes aqui”
 “Meus nudes não estão chegando a mil likes mais então vou diminuir a frequência”
 [Postagem com comprovantes de pagamento] “Não é sobre o valor mas sobre o esforço que fez para me exaltar”.

(Trechos editados da plataforma Twitter)

Divulgar a si mesma aparece como elemento central de sucesso e exaustão. A constante atualização cria habituação e gera necessidade dessa mesma constância da produção do novo; conforme Chun (2016), aquilo que é novo mal é notado. O contraste desse ponto com uma noção de liberdade e autonomia, assim como a necessidade de uma infindável pressão por *networking* e por estar presente trabalhando em múltiplas plataformas foram notados por O. em sua conta

¹⁸ Sugestões sobre o consumo do ponto de vista do assinante obtidas na apresentação do trabalho.

do Twitter. Ela também aponta possíveis desigualdades e hierarquias dentro da produção desse tipo de conteúdo, no que diz respeito à atenção.

"Caramba meu agosto foi muito cagado no onlyfans, é por isso que eu falo, vai achando que é tirar foto da bunda só, se vc não é famosa, muito sfs, network, some das redes sociais e vc fica esquecida. Tem que caçar cliente, dar tira gosto, mandar preview do seu conteúdo, e trocar divulgação pq ninguém tem autonomia de nada [...]. E tem mais, vai depender de um site só, aqui as vendas de telegram, vídeo chamada, encomendas, celeb tv, câmera prive...sai colhendo os trocados em todos os sites pra compor a renda". (Trechos retirados da plataforma Twitter)

Além da constante criação de conteúdo referente à quantidade, o próprio conteúdo deve contar com uma agenda criativa, que inova e entretém, que traga elementos temáticos e inéditos. Assim, "To be is to be updated: to update and to be subjected to the update. The update is central to disrupting and establishing context and habituation, to creating new habits of dependency. To put it in a formula: Habit + Crisis = Update" (Chun, 2016, p. 02). A crise é algo importante para essa relação entre o extraordinário e o mundano, pois as novas mídias tornam as crises habituais, capturando e exaurindo os usuários e dando a impressão de responsabilidade em tempo real, produzindo a ilusão de sujeitos soberanos (Chun, 2016, p.17). A rigidez da atualização induz a lidar constantemente com instabilidade, como a adaptação a uma mudança de público gradual ou abrupta, ou mesmo ser criativa para gerir uma ausência ou queda de público assinante. Um exemplo diz respeito a alterações no público que surgem a partir do envelhecimento, como relataram meus contatos de pesquisa.

O trecho a seguir é uma resposta a uma postagem de alguém que não conseguiu vender conteúdo no OnlyFans, e a autora do post atrelava o motivo ao seu corpo: "I know some girls who are pretty big who have made decent money on there. I think it's luck and marketing, because there seems to be an audience for everything" (Trecho extraídos do Reddit). Essa passagem, abordada na íntegra mais adiante, revela desigualdades na busca por visibilidade que acabam sendo explicadas por um corpo inadequado àquele trabalho. Outro destaque possível a partir dela é a equivalência entre falta de atenção e falta de autoestima.

O público pode passar por um filtro que visa controlar a inadequação entre o conteúdo compartilhado e um determinado público. Em uma das contas de Y. havia o uso de conteúdos pessoais, divulgação científica e material erótico. Este último era acompanhado de uma *hashtag* que poderia ser silenciada, para quem desejasse não ver as imagens. Outra conta que seguia, foi uma das únicas que encontrei em que não mostrava o rosto, embora "mostrar o rosto" normalmente é uma informação importante nas descrições de perfis, mesmo sendo algo

corriqueiro mais do que incomum. L., por exemplo, era seguida por sua cunhada que via a prévia de seu conteúdo gratuito com seu namorado. No trabalho anterior realizado na graduação, filtrar possíveis acessos indesejáveis como o de pessoas com laços de parentesco nas plataformas em que [semi]nudes eram postados não era sempre uma preocupação. Isso varia bastante no trabalho atual; muitas pessoas começam com nomes fictícios e depois acabam usando o nome verdadeiro, como o que aconteceu com L.

A manipulação da impressão, segundo Goffman (2002), procuraria evitar rupturas da representação. Boyd e Marwick (2010) abordam o digital através do que chamam de colapso de contexto, que parece profícuo para pensar os deslizos nas interações online. Segundo as autoras, nós mudamos como agimos conforme o público, e embora possuamos um senso de público, há um colapso em como interagimos online pois potencialmente reunimos múltiplos públicos em um mesmo contexto – o que gera tendências para deslizos, desdobramentos inesperados e inúmeras possibilidades de conflitos.

Dessa forma, há várias apresentações de si para cada público, porém não conseguimos controlar a qual público estamos nos referindo, pois não há como separá-las de forma definitiva. Pertencer a um nicho específico evoca a tentativa de controlar esse colapso. Não que a atração de diferentes públicos não seja pretendida, mas há a adequação a uma categoria específica que muitas vezes presume aspectos corporais, léxico, vestuários e práticas sexuais específicas, assim como um alinhamento de preferências e compartilhamento de um mesmo “idioma” com aquele público.

Tendo em vista convenções de apresentações e sutilezas que separam tipos de exposição de nudez, é possível pensar como estéticas específicas ganham mais espaço e geram mais engajamento e visibilidade que outras. Até que ponto as trabalhadoras sexuais podem controlar em que termos se expõem? Como já tratado, a própria ideia de produzir conteúdo explícito é quase vista como uma obrigatoriedade para que ganhe mais público e a mantenha, ainda que isso ressalte desigualdade entre trabalhadoras sexuais, pois pessoas famosas e que já detêm público estável podem viver de *soft porn*.

Autenticidade, presente nesse mesmo contradiscurso, é algo central nesse tipo de imagem e na manutenção de um público. Segundo boyd, “O que consideramos autêntico constantemente muda, e quais símbolos e significados marcam alguma coisa como autêntica ou inautêntica diferem contextualmente” (2010b, p.11, tradução própria). Muitas vezes o autêntico em cenários mais “produzidos” é justamente a noção de algo minimalista, alternativo, instagramável e esterilizado. Em outras situações, a bagunça do quarto e a ideia de algo não

previamente preparado dispõe uma noção de autenticidade, cuja noção parece variar muito dentro de tendências e convenções estéticas.

Esse movimento da noção de autenticidade foi abordado por Crystal Abidin, em sua pesquisa sobre Influencers em Cingapura: “A ecologia dos influenciadores está se movendo do seu pico de formatos de consumo de bom gosto para uma estética amadora que parece menos encenada e, portanto, mais autêntica” (2018, p. 91, tradução própria). A autenticidade seria menos uma qualidade estática e mais uma ecologia performativa (2018, p. 91). Outro deslocamento destacado na pesquisa de Abidin seria de uma economia da atenção para uma economia do afeto. Para tal, a autora sugere a venda de estilos de vida por meio de propagandas de determinado produto, como parte do dia-a-dia de influenciadores digitais, personalizado pelos próprios influenciadores (2018 p. 94). A economia afetiva e a economia da atenção também têm um forte vínculo no mercado do sexo em plataformas como OnlyFans e afins, como a ideia de receber material personalizado, “feito para você” ou de poder solicitá-lo, comprar serviços que emulam papéis de vínculos afetivos românticos como o de uma “webnamorada”, e também todo o caráter de suporte emocional do trabalho.

2.2. TENDÊNCIAS SEXUAIS, ESTÉTICAS E ESTILOS DE VIDA

A relação entre exposição do corpo e autoestima, assim como sexo e autocuidado, ilumina alguns caminhos que formam um panorama em que práticas de autocuidado, estéticas desejáveis e estilos de vida considerados ideais e saudáveis se entrelaçam. Falas sobre autoestima, autocuidado e autoaprimoramento são constantemente miradas para um público de mulheres.

Assim, é necessário enfatizar o caráter social do sexo e de como tendências de mercado e comportamento hegemônicos ou contra-hegemônicos permeiam nossas vidas. *Imaginando o sexo*, de Thomas Laqueur (2001), traz exemplos interessantes como o questionamento de que o sexo sempre foi pensando enquanto binário ou as mudanças sobre a visão acerca do orgasmo das mulheres. O trabalho de Feona Attwood (2005) evidencia o papel de tendências de mercado erótico no comportamento sexual das mulheres e como uma ideia de femininização em voga torna o sexo algo mais aceitável/palatável por meio de um processo de estetização (*aestheticization*). Algumas tendências ginecológicas, por exemplo, como o pompoarismo e coletor menstrual trazem em sua proposta de “publicidade” uma noção de autoconhecimento e um estilo de vida ideal. Autoconhecimento também foi uma palavra-chave muito frequente no trabalho anterior, sobre a produção de imagens de si (Lima, 2019).

A partir desses exemplos, é possível conceber a conexão de tendências sexuais com discursos do mercado de desenvolvimento pessoal e bem-estar, expressa em palavras-chave como empoderamento, autoestima e autoconhecimento. Muitas vezes, são imbuídos de estilos de vidas ideais ligados aos processos de adesão a uma estética específica.

Attwood (2011), ao focalizar mudanças de paradigmas nas pesquisas sobre pornografia, aborda novos contextos em que sexo e estilos de vida estão inseridos a partir das mídias e lazer, trazendo mudanças na relação entre o público e o privado.

Sobre padrões de beleza hegemônicos e tendências eróticas, alguns nichos estéticos parecem tornar a pornografia algo mais “aceitável” para mulheres e geram um nó entre recusar o modelo das pornografias tradicionais e uma femininização/estetização do sexo que, além de consumo, práticas e estilo, informam sobre comportamentos e estilo de vida, conforme abordado por Attwood (2005). A autora também realça uma série de oposições entre pornografias alternativas e pornografia mainstream.

A separação, entre a pornografia amadora e outros modelos, é responsável pela sua categorização enquanto algo novo, constituindo um apelo comercial, moral, ativista e estético, por meios comparativos entre uma e outra forma de produção. O argumento da autenticidade é enfatizado como protagonistas dessas distinções instáveis.

Entretanto, a autenticidade é importante também para a pornografia *mainstream*, como relata os vários exemplos trazidos por Diaz-Benítez (2015), em sua pesquisa sobre a pornografia de humilhação, em que, elementos escatológicos, laços de parentesco, assim como a sujeira presente deveriam ser reais, para aderir às exigências do consumidor. Ou como já abordado anteriormente no primeiro capítulo, a performance tenta apresentar como aquilo que acontece é real, essa autenticidade se relaciona com o posicionamento dos corpos, focos e ângulos, pois corpos de homens e mulheres são apresentados de formas diferentes comumente na pornografia *mainstream*.

O *camming* e formas de submissão de imagens íntimas gratuitas e pagas acompanhadas no TCC se colocavam também como sendo mais éticas e autênticas que a pornografia *mainstream*, trazendo um teor de amadorismo. Como na reportagem mencionada anteriormente, o trabalho em plataformas de assinatura mensal é visto como mais autêntico do que o *camming*. Dessa forma, o argumento é apresentado a partir de uma escalabilidade e excesso do real. Um autêntico que deve sempre superar a si mesmo, nunca estável. Amadorismo, controle, autoria e não-mediação dão suporte a essa característica. Entre as práticas de autenticidade estão a personalização de conteúdo, a comunicação direta com

assinantes, o ativismo em relação à pornografia *mainstream* (corpos reais, ausência de tratamento na imagem, maior segurança) e o compartilhamento do cotidiano como atrativo para engajamentos, atando o ordinário, estilo de vida, estéticas e práticas sexuais.

Portanto, aspectos da vida para além do trabalho em si passam a integrá-lo. Divulgar informações pessoais, revelar informações do dia-a-dia e de outros âmbitos da vida se tornaram cruciais para criar uma “marca pessoal” ou um nicho de identidade (Ryan, 2019). A atividade de *selfbranding* também constitui uma diferenciação com relação a outras categorias de trabalho sexual.

2.3 AUTENTICIDADE E COMPARTILHAMENTO DO ORDINÁRIO

Objetificar é analisar a pessoa por apenas uma imagem. Sem considerar a história, o emocional dela. Será que ela não se diverte vendendo pack? Aqui a gente mostra quem a gente é, meu perfil não unicamente sexual. Quem acha que a gente não pode decidir sobre ter um trabalho comum ou não é quem está nos objetificando porque estava vendo nossa imagem ali toda sensual e acha que a gente não pode tomar uma decisão inteligente sobre a nossa vida e o que a gente quer ou não fazer. Quem compra não nos objetiva, viu um vídeo divertido e se interessa pela gente – chega até nós por outros motivos, outras características. Expressamos nossos sentimentos, inserimos nossa opinião política”

(Trecho de uma *thread* no Twitter feita e recomendada por uma das pessoas com que conversei)

Durante o texto, estão distribuídos diversos argumentos quanto à separação de fronteiras entre o que é conhecido como pornografia gratuita, *mainstream* e feita por estúdios, e pornografia amadora. Além de retomar algumas dessas características durante a escrita, dando destaque para os benefícios desse tipo de trabalho e suas controvérsias, há o destaque para a questão da autenticidade. Porém, também gostaria de ressaltar atividades de auto divulgação, que são cruciais para a permanência nesse trabalho e o retorno financeiro. A confusão de enquadres e definições esbarra justamente na própria dificuldade de definir se algo pertence ou não ao mercado do sexo, ou se é considerado ou não pelas interlocutoras de pesquisa como trabalho sexual. Isso ocorre porque, ao compartilhar o ordinário, o trabalho, como evidenciado pelo trecho acima, vai muito mais além de outros nichos do mercado do sexo digitais por superarem a dimensão meramente sexual, meramente para excitar. Ele envolve a exposição de uma personalidade construída e dinâmica, que necessita achar seu público, se situar dentro de um nicho e buscar se diferenciar - leia-se, ser criativa.

A forma de contato que se tem para personalizar conteúdo, interagir e acessar a intimidade de alguém - agora possível, em contraposição à pornografia tradicional - parece

determinar uma virada importante da forma de consumo de conteúdo erótico. Trata-se de um “momento estopim” e recente do mercado do sexo. Acredito que o que separe esse formato de venda de conteúdo de outros nichos do trabalho sexual seja uma aglutinação de enquadres e sua indistinção. Essa inseparabilidade atua na aura de autenticidade deste trabalho, incluindo a capacidade de visualização de múltiplas faces da vida de alguém.

“A pornografia gratuita é prejudicial, [...] violenta e contém estupro muitas vezes. Há objetificação e ninguém sabe sobre a mulher na gravação. Vender packs é diferente, é dividir experiências - o que eu gosto de fazer, com quem eu quero. Se eu decido não vender pra alguém, eu simplesmente posso, ao contrário da indústria gratuita. Eu normalizo meu tipo de corpo, mulheres cis sem peitos, mulheres gordas, mulheres com pelos. A pornografia unicamente pensa no lucro e te vicia através do exagero. A pornografia independente é real e o prazer todo é real e quem produz fica com 100% dos lucros”

(Trecho extraído de vídeo informativo no Twitter, feito e recomendado por uma das interlocutoras de pesquisa)

Muitas vezes colapso de contextos e *selfbranding* parecem ser indistinguíveis quando situações cotidianas e informações aparentemente banais são colocadas e redirecionadas como parte do atrativo para o conteúdo da pessoa de uma forma implícita. Há a mistura de informações pessoais que, além de dizer algo sobre o tratamento de si enquanto divulgação de uma marca, também é incentivada de forma contínua pela própria plataforma, ao instigar “confissões” em uma “conta pessoal”, mesmo que essa conta abrigue outras finalidades.

Passando para avisar que eu estou bem, apesar dos dois dentinhos a menos e dos pontos na boca, rs. Nada que ser mimada e bem cuidada não resolve (Retirado da plataforma Twitter)

A apresentação do ordinário, como na postagem acima, revela um mundo de banalidades compartilhadas: “choque ou alívio em estar em ‘alguma coisa’ com outros” (Stewart, 2007, p. 27). Acredito que o compartilhamento do ordinário e da intimidade seja um ponto central no que está sendo colocado enquanto produto no nicho de mercado acompanhado.

Como em outras controvérsias levantadas, como a contradição do prazer e da escolha de práticas nesse trabalho, é inseparável se esse compartilhamento vem como forma de obtenção de clientes (ou uma parte disso), de ser afetada pelas dinâmicas de compartilhamento no Twitter como uma ‘usuária’ comum, ou do repertório para se criar uma personalidade única. Porém, compartilhar um detalhe de uma rotina ou algo que parece completamente alheio ao contexto erótico ou sexual do trabalho, também promove reflexões sobre linguagem e pornografia.

Categorias diferentes da pornografia envolvem léxicos diferentes. É possível criar um ambiente ou imaginação de um ambiente compartilhado, que possibilita a imaginação e a promoção do desejo em práticas conjuntas como cuidar/ser cuidada, humilhar/ser humilhada. A descrição de trivialidades vagas parece colocar o ponto de vista do observador como aquele que observa e que participa da vida de outra pessoa, compartilhando um mesmo espaço. Muitas vezes, essas banalidades podem ou não ter a ver com o trabalho de forma mais explícita, fazer uso ou não de artifícios que desencadeiam desejo sexual por parte de quem lê/interage/observa.

O trabalho para plataformas digitais pode ser visto através da perspectiva do *prosumer* pois atuamos enquanto produtores e consumidores simultaneamente, como mencionado no capítulo anterior. Portanto, trabalhamos para as plataformas que usamos, muitas vezes desconhecendo nossa participação nelas enquanto trabalho. Essa questão ultrapassa a temática acompanhada e parece ser uma tendência geral do mundo do trabalho: a necessidade de se manter relevante e, portanto, sempre visível. O empreendedorismo de si envolve essa parte do trabalho que é trazido para casa – o ato de autodivulgação enquanto uma marca. Esses pontos são abordados por Flisfeder (2015), que defende a ideia de que o eu (*Self*) que emerge das plataformas digitais é parte de um processo de reificação do sujeito. Assim, envolve a produção de si direcionada para públicos específicos e enquanto produto.

Aspectos da vida ordinária, comportamentos e corpo passam a ser “adequados” em relação ao trabalho. Esse processo inclui métricas de engajamento, internalizar convenções de comportamento do trabalho e convenções de comportamento nas plataformas, atualizadas pelas suas políticas e ferramentas dispostas para interação.

Pertencer a um nicho afunila possibilidades. No trabalho acompanhado, há uma estreita relação entre estar dentro de uma categoria fetichista e a determinação de possibilidades de práticas sexuais e apresentação de si. Fazer parte de um nicho delinea comportamentos, linguagem, gestos e formas específicas de divulgação do trabalho. Também envolvem ditames sutis sobre que corpos estão em jogo, não como uma exclusão, mas como uma hegemonia.

O artigo de Marina França sobre aprendizagem no trabalho sexual destaca também o trabalho emocional desenvolvido nessa profissão.

As trabalhadoras do sexo desenvolvem um “trabalho emocional” (Hochschild, 2003), adaptando a expressão de suas emoções para realizar uma boa performance, ou tentando mudar os próprios sentimentos de maneira mais profunda, para se adequar à situação e também para tornar o trabalho mais suportável. Buscam, por exemplo, neutralizar emoções como o nojo, associando o suor e o cheiro do cliente ao esforço no trabalho, ou estimular sentimentos de carinho e amizade pelos homens com quem interagem (França, 2017, p. 336).

O conceito de modularidade é utilizado por Hearn (2010) para analisar o trabalho afetivo desenvolvido no reality show *The Hills*. Modularidade envolve a performance de um formato que se conforma às estruturas disciplinares externas, é agir como um módulo, mais do que simplesmente um processo de expressão. Afetos, emoções e performances chegariam “altamente disciplinadas, antecipando as demandas e expectativas dos produtores e do público e existindo em uma tensão dialética com suas condições de possibilidade” (Hearn, 2007, p. 70, tradução própria).

O conceito descrito compartilha com a abordagem de Chun (2016) - sobre temporalidades algorítmicas, o aspecto de “crise permanente” na formação dos sujeitos, limitados pelas condições que envolvem uma antecipação do público e de formatos de apresentação incorporados incessantemente e convenções de apresentação das plataformas. Ao mesmo tempo em que esses imperativos estão em jogo, há a necessidade de reiteração do novo, operar com ditames e de forma concomitante, a necessidade de criar algo novo e ser criativo de uma forma contínua.

Na categoria de trabalho estudada há a impossibilidade de autonomia pois sempre há uma noção de público envolvida, múltiplos “eus” suprimidos, além de nichos de tendências eróticas mais em voga do que outros. A importância de adequar uma personalidade ao trabalho desenvolvido é de suma importância a partir da discussão sobre a banalização desse tipo de trabalho. Assim como no senso comum, conforme ocorria a popularização do OnlyFans, muitas pessoas que iniciam neste trabalho acreditam que é possível fazer qualquer conteúdo - por exemplo, não explícito (*soft porn*) - porém, a possibilidade desse tipo de controle passa por hierarquias e desigualdades entre trabalhadoras sexuais, desafiando portanto o pressuposto de autonomia.

Muitas vezes, a estética da qual se deseja fazer parte ou as ideias que planeja pôr em prática no trabalho não produzem e mantêm engajamentos. Para além de uma impossibilidade de autonomia por motivos mais óbvios como convenções sociais e de papéis de gênero, ou mesmo regras das plataformas e preferências de um público, destaco também as ações algorítmicas, constantemente não percebidas.

Já o ideal de autenticidade parece colocar em suspensão o pertencimento a um nicho específico, pois evoca um original, que desafia categorização. Mas é, em si, um apelo dentre muitos, que pode tomar diferentes formas de apresentação daquilo que é considerado mais autêntico.

Uma contradição encontrada seria o incentivo à criatividade e pressão pela autenticidade, a busca por encontrar uma marca e ser original, por se destacar em uma “multidão”, e ao mesmo tempo se conformar a um formato específico. A criatividade atua como produtividade e forma de responsabilização individual por instabilidades.

A dificuldade de ganhar dinheiro em determinados nichos do mercado do sexo digital diz respeito também à dificuldade de escolher enquadres que se afastem da pornografia tradicional, como aqueles de conteúdo sexual explícito. Como pontua Federici (2019, p. 351), “o que aparece como “autonomia” é, na maioria das vezes, a interiorização das necessidades dos empregadores”. É necessário pontuar que a atividade de *selfbranding* acaba sendo parte essencial do trabalho sexual em plataformas digitais, mas a constante divulgação de uma marca pessoal, que talvez até ocupe mais tempo que outras tarefas, não é remunerada. Ela é inteiramente vista como de responsabilidade individual, à parte do restante do trabalho, inclusive por se dar em outras plataformas. E no entanto, é dela que esse trabalho depende totalmente.

2.4 ‘BEDROOM CULTURE’: ESTILOS DE VIDA E ESTÉTICAS DESEJÁVEIS

A partir do âmbito doméstico, cenário onde o trabalho em mídias digitais destinado ao compartilhamento de conteúdo erótico é produzido, é possível focalizar o quarto como ambiente que coloca em jogo uma estética comum que casa juventude e feminilidade. Amy Dobson (2007), ao abordar questões de feminilidades presente em atividades de camming, argumenta pela continuidade de representações ligadas ao doméstico e ao interior no que a autora chama de ‘girl culture’, mesmo que esse espaço doméstico passe por uma publicização, borrando noções de público e privado. O quarto é um ambiente importante para adolescentes, envolvendo a construção de uma autoapresentação e senso de intimidade. Segundo boyd (2020, p.17), é o “espaço no qual a participação cultural e a identidade se manifestam”. A diferença dos quartos e dos perfis seria a escala de audiência.

Crystal Abidin (2016) aborda as feminilidades presentes em mídias digitais, destacando performances de feminilidades online hegemônicas. Para a autora, a hiper-visibilidade de espaços antes obscurecidos de performance de gênero e as feminilidades ideais em mídias digitais envolvem uma tensão entre vulnerabilidade e agência feminina.

O próximo capítulo desenvolve melhor a reflexão e mapeamento de estéticas desejáveis, ideais e hegemônicas encontradas. Algumas estéticas envolvem corpos específicos, enquanto

outros corpos pairam como inadequados naquele nicho particular. Exigem, assim, características físicas, mas também de linguagem corporal, de vocabulário e de interação específicos. Algumas dessas estéticas que se sobressaem elegem um tipo de feminilidade ideal, que pedem por fofura, parecer mais jovem do que realmente é, ser pequena, não impositiva e dócil, por exemplo.

O problema das estéticas dominantes é formar uma hierarquia e sentimento de inadequação que passa por padrões de beleza, atravessando questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade. Outro ponto é o quanto esses tipos ideais são construídos (ou não) tendo como centro de referência um *male gaze* (olhar masculino), visto que homens são ainda o principal público. A contradição é que o discurso que se firmou em pornografias alternativas é justamente a capacidade de se desvencilhar do *male gaze* tomando para si elementos como controle e autoria.

Críticas sobre reproduções de padrões de beleza em nichos contra-hegemônicos e o par juventude-estéticas são um padrão em alguns trabalhos sobre gênero, estéticas e mídias digitais. Dobson (2007) descreve o *camming* como um fenômeno pós-feminista. Levando em consideração a visão de Elias e Gill (2017) sobre o pós-feminismo, há o compartilhamento de uma gramática neoliberal, substituindo a noção de que as pessoas estariam expostas a pressões e constrangimentos e influências externas. A partir disso, as mulheres seriam vistas como sujeitos ativos e autônomos, cujas vidas são resultados de escolhas e agências individuais.

Ao estudar *apps* do campo de beleza, as autoras tratam de questões como autoaprimoramento e escolha individual. Há uma relação entre busca desenvolvimento pessoal e automonitoramento. Boa parte do conteúdo direcionado para conselhos de estilos de vida considerados ideias e comportamento tem como público-alvo mulheres. Segundo as autoras, esses *apps* são utilizados para corrigir erros que também detém um caráter moral. Além de uma quantidade de *apps* voltados para organização e que incluem propriedades mais metódicas nesse sentido, é comum que a atividade de criação de conteúdo envolva planejamento constante. Outro aspecto que difere o OnlyFans de outra plataforma é a função de agendar postagens.

Ao projetar esses aspectos nas plataformas digitais estudadas e, sobretudo, dos “corres” que ocorrem fora dela, há a presença de discursos que se assemelham aos manuais de autoajuda. Eles acabam demonstrando processo de responsabilização individual por erros e falhas que na verdade decorrem da situação precarizada de trabalho, além de problemas com a adequação do corpo e aparência física na busca por visibilidade. No trabalho anterior, em que estudei nudes e ensaios sensuais (Lima, 2019), isso era ainda mais visível, pois a publicidade de fotógrafas/os

e páginas de submissão de nudes pagas pelo usuário se valia de um tripé composto por termos que não talvez não ocupem o mesmo *Zeitgeist* atualmente: empoderamento, autoestima e autoconhecimento.

Feona Attwood (2005) trata de tendências estéticas, discursos sobre bem-estar e desenvolvimento pessoal e também críticas ao pós-feminismo e ao tratamento da sexualidade de mulheres como algo articulado com uma ideia de consumo, incluindo mulheres e seu investimento em autoajuda. Para isso, cita tendências específicas e sua “feminilização”, como sex toys, tv shows etc. Esse movimento envolve tornar sexo e desejo para mulheres mais aceitáveis, em que “o prazer sexual é recontextualizado em relação aos prazeres da moda, design, mimos e autoajuda” (p.404, tradução própria). Esses processos colocam em ênfase “uma mulher que sobrevive sem o apoio dos outros e que está envolvida na produção, regulação e cuidado de si mesma” (p. 400, tradução própria).

No trabalho de José Raimundo de Araújo Júnior (2013) sobre as performances na plataforma de *camming* Cam4, é notado que apesar do reforço de heteronormatividade nas performances, há um espaço para expressões de desejos ilegítimos, contestando sanções morais na feitura dos gêneros. Diferente do trabalho de algumas autoras já citadas sobre tipos de feminilidades presentes em mídias digitais, o autor trata da reiteração de ideais de masculinidade. A reprodução de padrões hegemônicos de beleza também consta, onde “corpos ideais são fabricados por uma lógica heteronormativa” e pela “hierarquização de diferenças físicas” (2013, p. 55).

A partir do que foi abordado sobre padrões de beleza, há o questionamento do quanto pessoas são coagidas a incorporarem determinadas performances e comportamentos. Visto que o próprio corpo é central nas performances, é possível refletir sobre como esses elementos são incorporados e como padrões de beleza hegemônicos se relacionam com autorresponsabilidade.

Pensar em desigualdades entre trabalhadoras sexuais em plataformas do mercado adulto permite dispensar a suposição de neutralidade. Os corpos em cena presumem expectativas diferentes em torno de características físicas e práticas sexuais. Segundo Angela Jones, estereótipos racializados afetam ideias sobre estéticas corporais, por exemplo, expectativas sobre diferentes grupos raciais possuírem diferentes quantidades de pelos corporais ou a ideia de homens negros possuírem pênis maiores (2015a, n.p.). Exemplos mencionados por Sophie Pezzutto (2019) abordam o mesmo tipo de problemática, a partir da incorporação de pessoas trans que atuam como criadoras de conteúdo erótico, de parâmetros de visibilidade

cisnormativos. Para ela, essas pessoas estavam atadas a uma poderosa hierarquia estético-erótica. A passabilidade cis seria uma estética no pornô trans muito mais desejável.

Embora haja avanços na pluralidade de nichos e estéticas e uma pluralidade de corpos na pornografia amadora, quando comparada aos estúdios e produtoras grandes, hierarquias que envolvem aspectos geracionais, de gênero e raça são inerentes a esse trabalho.

2.5 AUTOESTIMA

A ilusão de autonomia e a manutenção de hierarquias estéticas fazem com que algumas questões sejam individualizadas, como a relação entre ausência de engajamento e autorresponsabilização (por exemplo, questionando a própria aparência), e o aparecimento de tensões entre pessoas que criam conteúdo via uma relação de competitividade.

M., assim como Y., não produzem mais conteúdo. Os motivos de M. foram excesso de competição e concorrência, assim como piora de autoestima. Os motivos da desistência de Y. parecem estar conectados com não poder escolher enquadres. Isso porque é comum acreditar que é possível ter um bom retorno com conteúdo “*soft*”, assim como ter que se encaixar em ideais cisnormativos de apresentação. Ela também afirmou que não sentia que tinha “habilidade, beleza e infraestrutura” para produzir material não pornográfico, assim como espaço apropriado. Outro motivo de ter parado com a produção de conteúdo foi estar com depressão no momento. Um ponto importante é que ela não possuía vínculos com outras pessoas nesse trabalho. As duas possuem outras ocupações profissionais. No caso de M., no início era sua única fonte de renda, depois ela abriu uma loja de sex shop virtual e trabalhou como taróloga.

Conforme uma das interlocutoras de pesquisa, A., essa competitividade poderia acontecer de forma velada, como alguém com menos tempo de trabalho, mas que consegue alcançar um maior público. Nesses casos, o engajamento viria de uma forma um pouco mais fluida:

Você começa a se questionar... enquanto fulana só posta uma foto e tem vários clientes e pode cobrar caro pra cacete [...] os caras compram conteúdo *soft*. (Trecho de entrevista, concedida em março de 2022)

A autoestima se situa enquanto um sentimento calcado na noção de autorresponsabilidade, no quesito de falha ou, por outro lado, sucesso no empenho de produtividade (como criar conteúdo), mantendo seu público ou ampliando-o. A responsabilidade por si mesma acaba sendo efeito da ilusão de autonomia, que é internalizada, invisibilizando fatores sociais. As plataformas sugerem comportamentos ideais e formas de representação são sutilmente impostas, questões como a comunicação e possibilidades de uso

se dão a partir das ferramentas dispostas por elas. Porém, boa parte do trabalho fora da plataforma não é visto como tal, como toda a exaustiva divulgação que se faz para direcionar a atenção para a assinatura de conteúdo. A culpa individual acaba substituindo responsabilidades de quem emprega.

O chefe não pode mais impor: ele deve vigiar, fortalecer, apoiar a motivação. Dessa forma, a coerção econômica e financeira transforma-se em auto coerção e autoculpabilização, já que somos os únicos responsáveis por aquilo que nos acontece. Sem dúvida, a nova norma de si é a da realização pessoal: temos de nos conhecer e nos amar para sermos bem-sucedidos. Daí a ênfase na palavra mágica: “autoestima”, chave de todo sucesso (Dardot; Laval, 2016, p.338).

A perda de autoestima ou um mal-estar emocional devido a não alcançar um objetivo é um efeito do capitalismo, porém discursos de autoestima tendem a vir embalados como causa de algum problema por si só: se você mudar o seu estado mental e se esforçar, se conhecer melhor, você vai conseguir. Não conseguir fazer dinheiro gera um sentimento de inapropriação que direciona para si problemas que, no trabalho acompanhado, remetem às plataformas e situação precária de trabalho.

Eu criei conteúdo no OnlyFans pela maior parte de 2020. Eu trabalhei tão duro para montar os cenários, tirar fotos, montar minhas roupas, examinar as fotos, me divulgar, todas aquelas coisas. Mas eu nunca ganhei dinheiro com isso. Isso afeta minha autoestima até hoje, eu me pergunto se sou feia ou pouco atraente. Eu me sinto totalmente insegura com meu corpo, desconfortável na minha própria pele, eu me sinto como um fracasso e insegura com o fato que eu não fiz nenhum dinheiro também. Me sinto horrível quando penso nisso (Trecho editado, extraído do Reddit).

Conforme Pezzutto (2019), *performers*, quando deparadas com uma menor frequência de trabalhos e instabilidade, começavam a contestar sua aparência. Assim como a constante criação de conteúdo referente à quantidade, o próprio conteúdo deve contar com uma agenda criativa, que inova e entretém. Pezzutto aponta em seu trabalho como a criação de uma marca pessoal se estende em vários aspectos da vida, como cirurgias plásticas e amizades.

Instabilidades constantes fazem com que as pessoas que acompanhei criassem uma grande quantidade de conteúdo e atuassem em múltiplas plataformas, lidando sozinhas com as mudanças negativas e sem aviso prévio das próprias plataformas, como redução de ganhos ou mudanças no pagamento. Para atenuar instabilidades, muitas vezes passam a atender clientes presencialmente e sobretudo, investem em *networking*.

O *camming* e outras formas de venda de conteúdo íntimo digitais se assemelham mais à prostituição, visto o comprometimento emocional e customização em relação ao cliente/assinante, sendo necessário inovar (Bleakey, 2014). A partir do *camming* e de sua capacidade de personalização criam-se métodos de venda, além da produção de conteúdo:

venda de calcinhas usadas, promoção de rifas para encontros presenciais, parcerias com outras pessoas que criam conteúdo, serviços de webnamoro, masturbação guiada. Como observado em campo e já mencionado, a participação em múltiplas plataformas e múltiplos nichos do mercado do sexo ao mesmo tempo faz com que se torne impossível distinguir enquadres - erótico, pornográfico, sensual, *soft porn* - e também categorias como acompanhante, prostituição, pornografia, *camming* e criadora de conteúdo em plataformas de assinatura (*pay-to-view*).

As hierarquias estudadas, agora reconfiguradas por ações algorítmicas, passam por tensões de distribuição das diferenças desejantes (Perlongher, 2008, p.250). A pesquisa sobre prostituição masculina desenvolvida por Nesthor Perlongher (2008) trata dessas tensões classificatórias para mostrar diferenças entre michês: “uma massa instável de referências “identificatórias”, um campo de forças atravessado por tensões, por vetores de circulação que buscam orientar o sujeito no emaranhado de corpos” (p.248). Esses tensores seriam de gênero, classe, idade e raça. Para o autor, os agenciamentos do desejo “seriam sociais, transindividuais, intersubjetivos” (p.249).

As hierarquias internas estão diretamente ligadas às proliferações de categorizações e, portanto, a como esses tensores organizam o desejo. Defendo, portanto, que o trabalho estudado não consegue desmanchar todas as hierarquias e desvantagens presentes nos modelos aos quais se contrapõem - o mercado *mainstream*. Essas hierarquias agora passam por uma reorganização que se dá a partir do funcionamento algorítmico das plataformas. Mesmo que contenham elementos de mimese de situações não-digitais, a plataformização do trabalho sexual também traz problemas novos que são próprios da articulação do trabalho pelas mídias digitais.

2.6 APOIOS, CONFLITOS E O DESCONFORTO COM AS PLATAFORMAS

Os problemas gerados constantemente entre criadoras de conteúdo erótico atuam como causa de desistências. Como mencionado, os aspectos do trabalho incitam competitividade - que pode ser visto como um processo de internalização da própria dinâmica de trabalho das plataformas. Esse elemento da relação com outras trabalhadoras sexuais traz à tona o entrelaçamento entre dois pontos: apoio mútuo e geração de conflitos. Para França, a partir da sua pesquisa sobre aprendizagem na prostituição, embora haja concorrência há também cooperação na circulação de informações e ajuda com clientes-problema (2017, p. 342).

Os aspectos de colaboração giram em torno de compartilhamentos de instruções para pessoas que estão começando no trabalho, direta ou indiretamente. Como no trecho abaixo:

Nunca finja nos seus conteúdos e não tente fazer serviços que você não gosta. Ajude sex workers pequenas (Trecho extraído de vídeo informativo, feito e recomendado por uma das interlocutoras de pesquisa).

Essa colaboração se estende, ainda, a partir de compartilhamentos de “desabafos”, reclamações sobre pagamentos, suporte, valores e posturas das plataformas, mídias veiculadas pelas plataformas, reações contra SWERFS (*Sex Worker Exclusionary Radical Feminists*, ou Feministas Radicais que Excluem Trabalhadoras Sexuais) e grupos conservadores, *tweets* e postagens em geral para valorização do próprio trabalho. Esse último item pode ser uma desambiguação em *threads* informativas, reclamações de pessoas iniciando que cobram barato ou oferecem certo tipo de conteúdo de graça, e todo um rol de instruções na relação com clientes, ressaltando a noção de que o que se faz é trabalho.

A postagem abaixo, presente em uma *thread* informativa sobre trabalho sexual digital, elucida a multiplicidade de contextos em que ele ocorre, se posicionando contra discriminação com quem atua na venda de pacote de nudes e conteúdo explícito.

Segundo o maior pensador sobre a dinâmica do trabalho, Karl Marx, exploração é quanto tu trabalha e tu não ganha todo o lucro que tu produz – tu trabalha e produz 2 mil reais em produtos e recebe 50 reais sobre aquele dia trabalhado. No caso de pagar a comissão pro site (OnlyFans e Privacy), aí vira um trabalho como qualquer outro, mas aí quando você trabalha em um trabalho independente, 100% do lucro é seu. Tem gente que ama se exhibir e pronto, assim como tem gente que não gosta de trabalhar com isso e trabalha, assim como quem trabalha numa fábrica e numa padaria. Para de implicar com quem trabalha com *pack* e luta por direitos trabalhistas, para todo mundo escolher com o que deseja trabalhar.

(Trecho extraído de vídeo informativo, feito e recomendado por uma das interlocutoras de pesquisa)

Outro fator em que essa colaboração ocorre é o networking. Por um lado, é uma forma quase obrigatória de sobrevivência nesse meio, mas por outro, pode ser um fator disruptivo, à medida que convoca para atuar juntas pessoas que trabalham na plataforma e que, normalmente, atuam em isolamento. Apesar de ter prós e contras, a atividade de networking envolve um comportamento colaborativo que pode perpassar as telas, como na criação de conteúdo com outra pessoa, por exemplo. Também ocorre no contexto de troca de divulgações. Aspectos desse trabalho também podem ser discutidos com outras pessoas, assim como conflitos pessoais dissociados da profissão.

Ultimamente, também tenho percebido uma maior atividade de contas no Twitter de pessoas que descrevem encontros sexuais presenciais com clientes, de forma explícita. Essas postagens tendem a ressaltar elementos como prazer e diversão, assim como preferências por tipos favoritos de clientes, além de problemas com os mesmos.

Apesar dos conflitos, o trabalho em plataformas digitais é uma forma encontrada para sair de outras rotinas precárias, pois pode envolver mais ganhos que não seriam proporcionados por outras profissões. L., por exemplo, contou que tinha muitos empregos e rotina exaustiva antes de trabalhar com packs, onde ganhava cerca de 2 mil reais. Ela acordava 5h30 da manhã para trabalhar em uma escola até às 14h30. Depois se dirigia para a aula até às 19h. Depois disso, se deslocava para uma pizzaria onde trabalhava no período noturno. Nos fins de semana, fazia os trabalhos do curso de graduação e trabalhava em um restaurante. O principal motor era sair da casa dos pais.

Uma amiga a convenceu a vender conteúdo *online* e ela começou em janeiro de 2021. Nos primeiros 15 dias, já lucrou o que ganhava no mês inteiro. Aos poucos, ela passou para uma renda de 10 mil reais: “esse trabalho me tirou de uma rotina exaustiva em que eu vivia, porque eu chorava todos os dias”. Também há o benefício atual de poder dar atenção para uma familiar próxima, cursar uma graduação e ter tempo para estudar em casa. “Vou levar minha vó no mercado comprar coisas, eu amo esse trabalho e tudo o q ele me proporciona de bom! Nunca estive tão feliz!”. Tanto em *tweets* como na biografia de uma das plataformas de que participa, ela ressalta que gosta de atuar no OnlyFans. “Só com *packs* agora, larguei os meus três empregos comuns em maio. Meu namorado mora comigo e trabalha de fachada, mas não usamos o dinheiro dele”. Os packs são 3x mais lucrativos que o OnlyFans, embora ela consiga se sustentar exclusivamente pelo OnlyFans caso queira.

N. elencou alguns pontos de possíveis melhorias nas plataformas, destacando um funcionamento mais difícil e suporte inadequado, ou uma porcentagem pequena referente aos pagamentos, completando: “Talvez por ser um trabalho não registrado eles tratem como ‘qualquer coisa ta bom’ ou de tirar vantagens, bom, acontece”.

No período de reanálise de algumas entrevistas, reparei que a conta de A. havia sido suspensa pelo Twitter, perdendo o material original das entrevistas temporariamente e contando com meu caderno de campo físico. Isso aconteceu algumas vezes com O., uma das pessoas que sigo e que normalmente costuma ser mais crítica com relação às plataformas em que atua. O. não foi uma das pessoas com quem pude conversar.

vcz insistem no Instagram ein...já sabemos que sendo *sw* [...] eles derrubam, qualquer conteúdo, não precisa nem ter nude [...] vamos superar essa merda, essa plataforma não é pra gente. (Trecho editado, retirado da plataforma Twitter)

somos sempre marginalizadas e não existe plataforma boazinha, inclusiva e derivados (Trecho editado, retirado da plataforma Twitter)

O capítulo presente tratou de reflexões sobre o desenvolvimento de uma marca pessoal, que se relaciona com uma noção de autenticidade, ao trazer aspectos pessoais como parte do trabalho e a adequação a um nicho. A última seção investiga suportes e conflitos gerados tendo a criação de conteúdo como referência, assim como aborda desconfortos com as plataformas. Lembrando que, muito do conteúdo compartilhado são para fins informativos e que envolvem trocas e suportes entre pessoas que atuam nesse trabalho.

3. MAPEANDO ESTÉTICAS HEGEMÔNICAS E OPOSIÇÕES

O terceiro capítulo apresenta alguns pares presentes em campo, com o propósito de elencar alguns aspectos e mudanças na forma de produção pornográfica. A seguir, há a intenção de listar algumas estéticas mais dominantes desse mercado, partindo para uma discussão sobre a mudança na produção de imagens e vídeos que envolvem o conteúdo autoral.

Levando em consideração a contraposição do mercado do sexo estudado a outros modelos, há a reflexão do quanto é possível subverter narrativas hegemônicas, para tal, abordando continuidades e deslocamentos. Enfim, é exposto como o corpo reúne e expressa as contradições que imperam nessas oposições.

3.1 RETOMANDO ALGUMAS OPOSIÇÕES

Lynn Hunt (1999) ressalta o importante papel da mídia impressa e o acesso das massas às ilustrações e a difusão da alfabetização para que a pornografia começasse a ser pensada como um gênero distinto de representação. O livro *A Invenção da Pornografia* destaca o caráter que a pornografia detinha de crítica política, posteriormente assumindo um objetivo exclusivo para estímulo sexual, após a Revolução Francesa. Além disso, a pornografia moderna inicialmente trazia muitas vezes mulheres como narradoras, centralizando a sexualidade feminina. Nota-se como os pontos de vista, tanto de autoria como de quem a acessa, foram se modificando, assim como seus propósitos e definições.

Processos de digitalização tiveram um impacto muito grande na forma como produzimos imagens em muitos aspectos, dentre eles a ideia de capturar eventos e momentos extraordinários para os selfies e a centralidade da captura de um cotidiano. Os autorretratos através de selfies também remetem ou limitam a ângulos e enquadramentos específicos. Ainda, há o ponto do “amadorismo”, de estéticas caseiras e do “faça você mesmo” (*DIY - do it yourself*). É possível chamar a atenção para a interação em torno do compartilhamento dessas imagens e em convenções do que e como fotografar. Na monografia, já trazida algumas vezes (Lima, 2019), as posturas miméticas de ensaios fotográficos sensuais se davam em relação às capas de revistas, mas eram ocupadas por mulheres que eram descritas por um léxico que abrigava adjetivos como “comuns” e “reais”. O tom contrahegemônico, portanto, envolve uma contraposição a modelos considerados menos autênticos e com mais mediações visíveis, como trabalhar para um estúdio, por exemplo, onde as mediações estão muito mais explícitas.

O impacto das mídias digitais, e a plataformização em especial, também afetou o mercado do sexo digital, alterando formas de consumir conteúdo adulto. A meu ver, um dos pontos mais recentes é a difusão de plataformas de assinatura de conteúdo mensal e o vínculo emocional da personalização de conteúdo, o contato direto com criadores de conteúdo e o compartilhamento de uma “personalidade” construída através de um perfil.

a) *Offline-online*

Físico/digital

Apesar da interlocução entre essas modalidades, esse dualismo é evocado para atrelar uma ideia de segurança ao digital em contraposição ao trabalho sexual realizado de forma presencial, como a prostituição, por exemplo. Há uma redução de estigmatização que atravessa essa distinção, visto que nos modelos digitais não há contato físico com clientes ou assinantes.

A estigmatização também é contornada através da indiferenciação e confusão de categorias do mercado do sexo com a crescente segmentação desse meio. Alguém que poderia ser tachada de atriz pornô pode ser vista apenas como criadora de conteúdo. Dessa forma, há a tentativa de se dissociar de outras formas de trabalho.

A distinção entre digital e físico também é responsável por múltiplas contradições tratadas adiante, dentre as quais o trabalho concomitante para múltiplas plataformas em múltiplos nichos do mercado sexual. É possível, ainda, exercer trabalhos presenciais sexuais de forma simultânea. Outra confusão seria das formas de representação e nuances de nudez: o que é sensual, artístico, erótico e aquilo que é pornográfico.

Trabalhar de forma remota, portanto, é visto como mais seguro e confortável. A forma de trabalho online abarca alcançar um público mais amplo que algo local, assim, recebendo pagamentos em outras moedas (dólares, euros). Como já sugerido, trabalhar de casa mediante um contexto de autoria própria leva a uma ideia de maior controle sobre a exposição, autonomia e manutenção do anonimato.

As mediações que ocorrem online, algorítmicas e da plataforma enquanto empregadora, também estão ocultas, enquanto mediações em outros contextos de trabalho sexual são mais aparentes e óbvias.

b) *Contra hegemônico/hegemônico*

Alternativo/mainstream

Amador/profissional

Autoria/ausência de controle da própria experiência

Autêntico/inautêntico

Autoria e capacidade de controle se relacionam com a contraposição ao que é *mainstream* e hegemônico, evidenciando muitas vezes uma ideia de capacidade de ação individual. Esse argumento também detém certo teor ativista e ganha forma através de um contraponto àquilo que é imperativo. Portanto, são interdependentes – uma questão que será retomada adiante. O *mainstream* é um ponto de referência para a constituição daquilo que é alternativo, vide a própria recorrência de posturas miméticas.

O ativismo de pornografias consideradas alternativas envolve argumentos sobre melhores relações de trabalho e menos violência, de gênero. Também recorre com frequência a questão do corpo e beleza, de modo a ressaltar uma maior autenticidade. Percebo uma padronização menor de atributos físicos no conteúdo acompanhado em comparação à pornografia *mainstream*.

A autenticidade é um fator predominante de oposição entre hegemonia e contra-hegemonia no campo estudado. Como já adiantado, autenticidade é sempre algo essencial na pornografia, mas o ideal de autenticidade é sempre superado por outros modelos. Num modo primordial de contraposição, o modelo ‘anterior’ pode ser lido como inautêntico e assim por diante. A noção de autenticidade na produção de conteúdo em modelos alternativos é guiada pela capacidade de autoria e controle, pela mediação oculta, pela exposição de corpos que fogem de padrões hegemônicos de beleza, por não seguir uma mesma ordenação ou *script* do pornô tradicional, pelo conhecimento maior da pessoa na tela por conta da atividade de *self branding* e vínculo emocional e pela presença de estéticas e convenções que informam que aquela produção é caseira e/ou amadora.

Ao começar a assinatura de uma das contas com que pude dialogar, notei que a atmosfera de autenticidade nos vídeos é realmente muito maior do que os vídeos de pornografia *mainstream*. Ao perguntar sobre o movimento de adquirir melhor pagamento com o tempo e fazer pequenas melhorias de aparato técnico, cenários e vestuário, não consegui obter retorno da pessoa com quem conversei. Hoje, percebo que os vídeos de amostra gratuita, explícitos ou não, contêm pequenos elementos que informam um conteúdo mais “programado” e feito com uma câmera melhor, em cenários possivelmente alugados e mais caros, envolvendo muitas vezes outras pessoas presentes, majoritariamente mulheres, ao invés do namorado que aparecia

nos vídeos. A curiosidade da pergunta é motivada porque vejo um certo movimento comum de “*upgrade*” ao ganhar uma certa estabilidade nesse trabalho.

As noções de autenticidade e “nuances” caseiras variam, assim como as definições e categorizações no mercado do sexo parecem ser instáveis e mais abertas. Por exemplo, defino como *mainstream* algo mais próximo daquilo que é feito através de mediações explícitas com produtoras e estúdios, algo mais direcionado e premeditado por um olhar masculino sobre a sexualidade. Estéticas alternativas podem ou não reproduzir elementos de estéticas hegemônicas, podem ser ou não oriundas de estúdios e produtoras. Dessa forma, busco de forma mais ampla e sem procurar definir de forma fechada ao que me refiro (e me referi durante o trabalho) como hegemônico/contra hegemônico ou alternativo e *mainstream*. Também me mantive interessada em tentar entender minhas próprias percepções de separações entre um e outro, quais símbolos me informaram se aquilo que via se adentrava em qual dessas categorias. Para fins comparativos, busco também entender permanências e rupturas.

A diferença entre conteúdo amador/caseiro e profissional diz respeito aos ângulos e enquadramentos, dependendo do ponto de vista de quem filma e onde a câmera está posicionada, assim como conectava a um tipo de conteúdo mais profissional a estabilidade de assinantes; alguém que realmente faz muito dinheiro na plataforma tem certa fama e muitos seguidores.

A distinção já mencionada entre mediações explícitas e implícitas atua conjuntamente nas tarefas de desenvolvimento de uma marca pessoal e incessante autodivulgação. No conteúdo de autoria própria, se conhece quem está ali produzindo conteúdo.

c) Sexo/arte

Pornografia/erótico

Explícito/*soft*

A divisão entre aquilo que é de bom gosto e aquilo que se afasta dessa noção permeia algumas discussões nos capítulos anteriores. É o caso de discussões sobre moralismos internos e processos de estetização do sexo ligados a uma noção de consumo e a um ideal de feminilidade.

Embora isso não parta das pessoas com quem pude conversar na pesquisa ou algo que visualizei com muita frequência analisando o conteúdo em minha conta de pesquisa, muitas pessoas se afastam da ideia de que estão exercendo um trabalho sexual. Como já abordado, as

fronteiras entre diferentes modelos desse mercado são desfeitas e reconstituídas o tempo todo, e esses moralismos servem para se afastar de categorias que são alvo de maior discriminação.

Para Attwood (2007), as pornografias alternativas se definem por uma oposição às pornografias *mainstream*, vistas como algo que inclui características como maçante, sem gosto, padronizado e artificial. Para ela, “um sistema de estética é evocado como uma forma de ética. De fato, uma série de produtores online alternativos têm explicitamente ligado pornografia e ativismo político” (p.449, tradução própria).

Dessa forma, se torna necessário observar que há múltiplos enquadres ou nuances de apresentação de nudez. Elementos e símbolos presentes na sua exposição atribuem valor a algo como erótico, pornográfico, sensual, artístico. Nem toda nudez é incluída como parte do gênero pornográfico, assim como nem toda pornografia necessariamente inclui nudez ou atividades sexuais.

Das páginas de exposição de nudez online acompanhadas no TCC (Lima, 2019), elas se descreviam como articulando sexo e arte, erótico e pornográfico. Essa separação estava bem explícita nos termos de Roland Barthes (1984), em que a linha divisória entre a pornografia e o erotismo era que a primeira focaliza o sexo enquanto elemento primário, e a fotografia erótica levava o observador para algo fora do enquadramento, criaria “um extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver [...]” (p.89).

Os debates entre *SWs* no Twitter tendem a iluminar desigualdades quando se comparam essas duas formas, uma vez que seria difícil se manter financeiramente apenas através de conteúdo não explícito. Outra contraposição muito presente em campo é o par *soft porn*/conteúdo explícito, que se vincula muitas vezes ao que é pago e gratuito. Há claramente muito conteúdo explícito nas amostras gratuitas de divulgação, mas ou são apagadas posteriormente e/ou são vídeos muito mais curtos, ou ainda, tarjados. Porém, aquilo que se enquadra enquanto *soft porn* muitas vezes corresponde à amostra grátis, enquanto o conteúdo explícito é aquele obtido mediante pagamento.

d) Gratuito/pago

O conteúdo gratuito é uma exposição realizada para atrair assinantes. Esse conteúdo é por vezes efêmero. Como já ressaltado ao longo dos capítulos, a tarefa de divulgação se constitui como algo central no trabalho e envolve uma maior exposição pública de conteúdos íntimos. A exposição gratuita também conta com conteúdos amenos em relação ao corpo ou

atividade sexual explícita, como *soft porn*. Dependendo do nicho de pertencimento, esse conteúdo pode envolver outros compartilhamentos, como um pedido de compra, algo textual de cunho sexual, imagens e vídeos de atividades rotineiras. Além do exposto, o conteúdo gratuito também não circula dentro de uma mesma conta para o conteúdo pago. Há contas feitas específicas para essa forma de divulgação, no OnlyFans ou em canais gratuitos no Telegram, por exemplo.

Uma configuração mais geral do trabalho em mídias digitais é a necessidade de promoção mediante uma conta para compartilhar conteúdos profissionais, que também possui como objetivo angariar clientela. Essas divulgações podem ocorrer em uma conta profissional no LinkedIn e no Instagram, mais populares nesse sentido. Nessas contas, o conteúdo gratuito visa orientar clientes e compartilhar informações, abrir uma forma de interlocução direta por meio de perguntas e esclarecimentos de dúvidas. Portanto, é uma tendência mais ampla que o trabalho estudado e que fornece explicação sobre o contexto da pesquisa.

Percebo que durante a pesquisa, na fase de trabalho de campo, tive a percepção de que muitos conteúdos eram considerados baratos por mim. Acreditava que na venda de *packs* fora das plataformas próprias para assinatura de conteúdo adulto havia uma quantidade volumosa de material nesses pacotes por um valor ínfimo.

O quadro abaixo apresenta alguns dados para gerar uma noção do valor das assinaturas. As contas envolvem as entrevistadas e outras contas seguidas. Os dados na tabela indicam se a pessoa utiliza a conta para outra finalidade, e qual a plataforma utilizada. Nesse último item, foi utilizado como critério somente as plataformas de assinatura próprias para a finalidade de venda de conteúdos eróticos e que retêm uma porcentagem do valor para si. Os dados do quadro se referem ao período do segundo semestre de 2022.

Quadro 1 - Valores de assinaturas e número de seguidores de algumas contas seguidas no Twitter.

PESSOA	CONTA P/ OUTRA FINALIDADE	SEGUIDORES	VALOR	PLATAFORMA	IDADE
A	SIM	13,4 mil	R\$ 10	PRIVACY	*
B	NÃO	2243 mil	RS10	PRIVACY	23
C	NÃO	5196 mil	R\$ 29,99	PRIVACY	24/26

D	NÃO	31,4 mil	U\$ 15	OF/Fansly	25
E	NÃO	342 mil	U\$ 14,99	OF	19
F	NÃO	15 mil	U\$ 3,75	OF	29
G	SIM	19,2mil	U\$ 12	OF	28
H	NÃO	54 mil	U\$ 10	OF/Fansly	28
I	NÃO	43,5 mil	U\$ 9,50	OF	27
J	NÃO	153,2 mil	INATIVA	OF	30 (em média)
K	NÃO	3529 mil	U\$ 4,99	OF	23
L	NÃO	88,8 mil	U\$ 15	OF	19

Fonte: Autoria própria, 2023.

e) Plataformas oficiais/plataformas alternativas

Considero como plataformas alternativas em relação às plataformas oficiais aquelas que não foram planejadas exclusivamente ou majoritariamente para a comercialização de conteúdo sexual. As plataformas alternativas não ficam com uma parte do pagamento e não mediam de forma explícita transações financeiras. Dentre elas, as mais utilizadas são o Twitter e o Telegram.

A partir dessas oposições, destaca-se o questionamento de como o modelo de mercado do sexo se constitui em oposição aos modelos tradicionais de produção pornográfica. Ao se contrapor, também dá forma a um paradoxo, pois se constitui justamente e em referência àquilo que pretende se distanciar. Códigos, ângulos, gestos e poses que informam a configuração erótica ou pornográfica se mantêm, comunicando o tipo de performance visualizada, enquanto outros elementos quase que obrigatórios no pornô *mainstream* têm sua necessidade contestada. Porém, ressalta-se sua capacidade mimética ao parodiar formas anteriores. Argumento que essa imitação traz elementos novos e, no contexto de digitalização e mudanças nas configurações de trabalho, desestabilizam categorias que anteriormente mantinham suas definições e fronteiras um pouco mais estáveis que atualmente.

Ao deter atenção na reportagem trazida no capítulo antecedente, o *camming* é visto como algo que não permite controlar a experiência tanto quanto o OnlyFans e similares, assim como plataformas alternativas às oficiais passam a ser vistas como melhores meios de controle e expressão de autoria. Dessa forma, me parece que esse mercado tende a superar a si mesmo ao tentar se distanciar incessantemente de outros modelos de trabalho sexual. Mesmo os mais recentes pretendem superar uma noção de autenticidade já dada, assim como uma noção de controle e autonomia que estavam estáveis.

A capacidade de imitação pode provocar rupturas mais do que continuidades e criar algo novo, atualizando repertórios daquelas performances. O que diverge, o que é criado e o que se repete, em um jogo de repetição e, paradoxalmente, de afastamento.

A relação com as mídias digitais e capacidade autoral teve como resultado uma contranarrativa sobretudo estética, como já sugerido. O contexto de plataformização bagunçou pontos de vista, como o de quem produz esse tipo de conteúdo, tornando o modelo de mercado abordado mais acessível e trazendo deslocamentos em questão de uma padronização de corpos.

A ausência de mediações de estúdios pode atenuar o olhar masculino hegemônico na produção pornográfica a partir do ponto de vista de quem cria e pensa esses conteúdos. Porém, recai na incerteza a partir do ponto de vista de quem consome, pois o conteúdo é planejado tendo em mente esse mesmo público masculino, somado às relações precárias de trabalho oriundas do movimento de plataformização.

A oposição tem um viés ativista, mas também é uma oposição comercial. Retomando alguns pontos dessas contraposições, os mais presentes nas falas de interlocutoras de pesquisa envolvem: (I) contranarrativas estéticas, principalmente ligadas ao corpo e atributos físicos, e (II) algo que é real e que diverge do que é considerado não espontâneo, encenado ou fingido, como o prazer sexual e o exibicionismo.

3.2 ESTÉTICAS PREDOMINANTES

Algumas estéticas dominantes no mercado do sexo digital já foram descritas por algumas autoras, mencionadas adiante. Alguns padrões permanecem inalterados levando em consideração o campo estudado. Percebo uma predominância do gênero *kawaii*; esse modelo envolve uma postura dócil, fofa e muitas vezes submissa e infantilizada no gênero estudado. Essa estética se origina de uma tendência alternativa japonesa.

A dominatrix consta como uma forte tendência dentre as categorias que mais se sobressaem. A linguagem utilizada é muito diferente de outros tipos de apresentação de si. Envolve pedidos ou ostentação de produtos comprados com o dinheiro ganho, comprovantes de transferências bancárias de homens que são submissos a elas, a forma de comunicação é por vezes impositiva e permeada de pequenas humilhações verbalizadas. Normalmente os enfoques dos vídeos são bem disruptivos em comparação com outros nichos. Em um vídeo de conteúdo escatológico acompanhado na linha do tempo da conta de pesquisa do Twitter, vimos o corpo inteiro do homem imóvel, enquanto o corpo da mulher era exposto apenas da cintura para baixo, uma inversão na forma mais tradicional de focalizar os corpos de mulheres e homens na pornografia *mainstream*.

Dentre as estéticas hegemônicas, esta é a que mais difere por ter um modo de apresentação mais específico, com uma linguagem e forma de comportamento que desafiam expectativas de papéis de gênero. Piadas de humilhação são comuns, devido a ser alvo do desejo de pessoas que procuram por esse nicho. As próprias cores presentes variam muito entre esse primeiro e segundo estilo descritos, cores pasteis e, no último caso, escuras e com materiais mais pesados, como o couro e látex.

Porém, um elemento recente nesse mercado seria a tendência *e-girl*. O estilo é inspirado em jogos eletrônicos e *animes*, com referências do emo e gótico, como informa matéria do UOL (Pedro, 2021).

E-girl, uma abreviação de "electronic girl", é uma subcultura e estereótipo de mulheres jovens "online," significando que elas estão imersas na cultura de internet, especificamente comunidades de animes, gaming, K-Pop, cosplay, Discord, TikTok, and Twitch communities [...] (E-GIRL, 2023, tradução própria)

A descrição de estéticas hegemônicas em plataformas em *camming* é mencionada por algumas autoras como Dobson (2007), Pezzutto (2019) e Senft (2007). As categorias definidas por Senft (2007, p. 38) de *camgirls* são a artista (*the artist camgirl*), a estética de vida real (*the real-life camgirl*), a pornográfica (*the porn camgirl*) e *camming* feito e direcionado a homens gays (*gay male cams*). Outras categorias presentes no trabalho de Senft envolvem pessoas em comunidades de *camming* (*cam-community Girls*) e transmissão em “casas de vídeo” (*cam-houses*).

No trabalho de Dobson (2007, p. 136) estão presentes: a) adolescente (*young teenage, 13-25*), nem sempre contando com nudez ou conteúdo sexual, contendo: “com uma abundância de rosa e outros desenhos japoneses influenciados por designs fofos, como o da Hello Kitty” (p.136, tradução própria); b) adolescentes que mantêm uma apresentação mais provocativa

sexualmente, compartilhando poucas informações sobre si mesma (*Camwhores: older teenage, 18-25*); c) artistas (*Cam Artists, or “Sexy Alternative/Goth/Punk/Raver/Retro/Mod Chicks” - Older Girls, 18-30+*) incluem estéticas menos comuns, cujo conteúdo pode abrigar o compartilhamento do mundano e conteúdo sexual.

A autodescrição de um dos contatos de pesquisa de Pezzutto (2019) informa sobre nichos estéticos envolvidos. A percepção sobre fazer parte de um nicho pode envolver uma correspondência com a preocupação sobre atributos físicos, segundo um dos contatos da autora, o procedimento estético que havia realizado não iria de encontro com o nicho “Anime-inspired pixie chick” (p. 50), visual com que ela se identificava.

Abidin (2016) elenca dentre alguns modelos feminilidades ideais a partir do trabalho de influenciadores. Alguns se relacionam à fofura, como “a boneca” (*The Doll*). Esta categoria conjuga as propriedades de algo dócil, fofo, adorável, mas também atraente sexualmente.

Portanto, dentre os conteúdos acompanhados, a questão de faixa etária e desejabilidade estão fortemente ligadas, sobretudo quando se encara hierarquias presentes no trabalho sexual digital que envolve maior necessidade de *selfbranding* que outros modelos. A faixa etária é determinante como forma de adequação a uma “estética jovem”. Nesse sentido, acredito que os papéis desenvolvidos pelas dommes se distanciam mais desse padrão, especialmente porque as primeiras desafiam expectativas de gênero ou exercem uma oposição à fofura. Da mesma forma, esses elementos não são tão recorrentes em modelos mais tradicionais quanto o são na pornografia que pode ser vista enquanto mais alternativa.

3.2.1 Beleza, conflitos e escolhas entre formas de apresentação

Como adiantado durante os capítulos anteriores, a autenticidade e o controle proporcionado pela autoria destacariam os novos modelos do mercado sexual de seus predecessores. As contas acompanhadas informam na descrição de seus perfis, nas entrevistas realizadas e como aspecto do próprio conteúdo que o prazer e o conteúdo, no geral, são reais. Isso contrasta com a ideia difundida por muitos perfis que a pornografia tradicional é encenada e apresenta corpos longe da esfera do comum, do real. Quando iniciei entrevistas com N., ao perguntar se ela notava mudanças no fazer pornografia de forma independente, ela enfatizou a importância dessa categoria, destacando:

O fato de vc está comprando com uma pessoa que perde o tempo produzindo, editando, criando roteiro ou não. E vc sabe que a pessoa está ali pq gosta, pq quer (claro que tem pessoas que fazem só pq precisam do dinheiro, mas de vdd, as que só

se entregam por dinheiro e não gostam do que fazem, tipo fazem obrigadas, não duram muito). É com certeza algo bem mais prazeroso de assistir.

Para L., a diferença entre esses modelos é que a pornografia tradicional é pensada somente pelos olhos dos homens e a perpetuação de violências, reproduzindo certos estereótipos. Um ponto enfatizado é a ideia de que a pornografia tradicional envolve “fingimentos”, em contraposição a outros modelos. Nas falas, o gostar de se exibir e gostar/amar o próprio trabalho é algo que aparece com recorrência.

O ordinário como produto estabelece essa atmosfera do real; portanto, conteúdo sexual não é o único componente em jogo. Ainda o considero central, porém, há o aspecto emocional e a mistura com a tendência de consumo de conteúdo onde acessamos a intimidade e o dia a dia de criadores de conteúdo. A mistura dessas categorias gera indefinição ou maior confusão do que seria ou não ser uma trabalhadora sexual.

No caso de Y., seus vídeos e imagens eram feitas pelo seu namorado. A pressão de produzir material explícito fazia com que seu conteúdo tivesse maior foco nos genitais, o que não era sua intenção inicial.

Esse incômodo é um pouco mais fácil de entender trazendo a informação que Y. é uma pessoa trans, tendo que corresponder ao fetiche ou ao imaginário do que um público também imaginado quer, reproduzindo, portanto, uma noção cisnormativa de pessoas trans.

Conversando com Y., pude entender algumas hierarquias e desconfortos que atravessam o trabalho. Também era uma questão pertinente a ideia de pertencer a um nicho estético, o qual não foi possível no caso dela, principalmente pelo que ela pretendia realizar.

A ideia inicial era fornecer conteúdo erótico com informações científicas e curiosidades. Consegui manter por um tempo, mas depois foquei só no erótico uma vez que meu público era muito pequeno e estava precisando aumentar ele por questões financeiras. Eu iniciei no mercado pq era um sonho meu ser uma produtora desse tipo de conteúdo, mas a necessidade financeira que tava passando foi importante. (entrevista realizada em nov. 2021)

A oposição a uma maior padronização de aparência física trazida por novos modelos autorais de trabalho sexual abrange a exposição de processos de mudanças estéticas, para ser acompanhada por seguidores, especialmente assinantes. Um exemplo seria a não-depilação íntima por um período de tempo. Sobre pressões estéticas, uma das contas seguidas compartilhou que recentemente foi a primeira vez em oito anos que conseguiu aparecer sem aplicar corretivo e sem o cabelo escovado. Outras questões como acne e peso apareceram nos relatos.

“Ser magra e pequena com cara de criança” é a forma como A. descreve o que vê como estética dominante. Ela ressalta a presença da gordofobia, pois é considerada *plus size* como modelo, mas conforme relatado, ela não representaria o que é um corpo gordo.

Ao conversar sobre ausências e padrões de beleza, contando para ela que embora seguisse poucas contas e me levasse também por recomendações algorítmicas, havia poucas contas de pessoas negras produzindo conteúdo, ela pontuou: “você tem que procurar e entrar nesse mundo”. Assim, conversamos sobre alguns nichos, estéticas e pessoas que parecem ter pouca visibilidade logo “de primeira”; no caso dessas contas, é necessário ir adentrando aquele universo um pouco mais para encontrá-las com mais frequência.

A reorganização de hierarquias por ações algorítmicas e a pouca visibilidade de pessoas negras no mercado sexual digital já foi introduzida no primeiro capítulo. Algumas reportagens enfatizaram esse problema:

Ela não conseguia se lembrar da última vez que tirou um dia de folga e disse ao Insider que ela e outras trabalhadoras negras precisavam postar mais e melhores vídeos e imagens para serem notados - em outras palavras, trabalhar "duas vezes mais duro" para o mesmo reconhecimento que os criadores brancos (Akhtar; Mitchell, 2021, tradução própria)

No caso do Twitter, nas imagens publicadas havia o destaque nas miniaturas na página inicial, de rostos de pessoas brancas, como informa o *El País* em “Algoritmo do Twitter prefere rostos femininos, brancos e magros, demonstram programadores em desafio” (Colomé, 2021). Outro ponto, constante incômodo e gerador de diversas instabilidades para trabalhadoras sexuais em contextos digitais, é o constante banimento das plataformas. Essa censura recai sobre determinados tipos de corpos mais do que outros, como é o caso do banimento de modelos negras *plus size* no Instagram (Da Silva, 2021).

3.2.2 Aspectos geracionais: planos de desistência

O trabalho sexual em plataformas digitais tem uma data limite projetada. Das contas seguidas, não acompanhei nenhuma em que a pessoa tivesse mais de 40 anos, por exemplo. A faixa etária acompanhada é de 18 a 30 anos, aproximadamente.

A ideia de deixar as plataformas atravessa alguns aspectos, como emocionais e de hierarquias geracionais, interligados com padrões hegemônicos de beleza e dificuldade em manter o mesmo público.

Há outros nichos de trabalho sexual como alguns serviços de *coaching* sexual e venda de cursos, assim como o plano de ter algum tipo de investimento, para poder deixar o trabalho. L. compartilhou em seu perfil no Twitter que tem medo de envelhecer e não ter alcançado algum investimento.

Sobre parar, N. não se vê fazendo isso para o resto da vida pois trabalhar com a própria imagem a deixa cansada mentalmente. Ela salienta que essas questões permeiam outros trabalhos onde se inclui a exposição da própria imagem. Quanto mais se envelhece, mais seu nicho vai mudando, não sendo um trabalho saudável mentalmente “talvez nos meus 30, comece a me cansar”.

Uma das contas seguidas no Twitter afirmou que pretende deixar o "ramo da exposição de Internet" em até cinco anos: "vou correr contra o tempo". N. também pensa em parar de criar conteúdo no futuro: “Sim, já pensei em parar e penso. Pretendo trabalhar nesse meio até uma certa idade apenas”. Para ela, os motivos que levam outras pessoas a desistirem do trabalho sexual em plataformas são principalmente a entrada de dinheiro insuficiente, motivos pessoais e também de quebra de expectativas: “pode acontecer de vc receber 10 mil em um mês, mas não é todo mês ou pode não acontecer”.

3.3 IMAGENS E PONTOS DE VISTA EM JOGO: ALGUNS EXEMPLOS

Christopher Pinney (2017), ao tratar da superfície da imagem nas práticas fotográficas em Nagba, na Índia, explora a contraposição que apresenta com uma noção de fotografia colonial. O autor vê a emergência dessas práticas em contextos pós-coloniais como expressões de identidade e apresentação de um contradiscurso a outro tipo de produção imagética: “Meu argumento sobre práticas populares de “superfícismo” pós-colonial depende, no entanto, de sua oposição a uma prática anterior que repudia e ultrapassa” (Pinney, 2017, p. 315).

Ao invés da fotografia que contempla um horizonte (o autor exemplifica o olhar do viajante), a fotografia acompanhada nesse contexto conta com “panos de fundo estereotipados” (2017, p. 323) de lugares, de motocicletas, funcionando enquanto uma montagem. O diálogo com o tema aqui abordado vem de uma contranarrativa (sobretudo estética) a outro modelo de produção de imagens.

O grupo *Guerilla Girls*¹⁹, por exemplo, reivindica mais espaços para mulheres artistas em exposições em museus, contraditoriamente ocupando um papel muito presente nas representações hegemônicas de corpos nus de mulheres, vistas por um olhar masculino.

O ponto de vista de quem está por trás da produção de imagens faz com que ângulos, olhares e enquadramentos se modifiquem, ao se distanciar e/ou parodiar olhares que partem de um lugar hegemônico.

No contexto da pesquisa, um recurso sutil comumente usado é o acesso ao compartilhamento de um momento ordinário, alcançado com um efeito criado com o auxílio da legenda, como se as duas pessoas ocupassem o mesmo plano e superassem a barreira física do digital no imaginário do observador. Para tal, busca-se mostrar algo com a aparência de não ser proposital, quase como algo trivial e acidental. Boa parte das perguntas tendem a começar com alguma variação “e se você me encontrasse/me visse assim?”, ou por exemplo, “e se você me encontrasse na lavanderia?”, e ainda, “por que não aproveita que é sexta-feira 13 e vem ficar deitadinho comigo vendo filme de terror? mas tem que me abraçar nas partes assustadoras”.

Dessa forma, nas imagens analisadas, o ponto de vista é orientado pela posição do corpo e legendas, como se por um acidente ou mesmo em um momento ordinário, a pessoa que visualiza estivesse no mesmo plano que a pessoa da imagem. Esta muitas vezes detém a consciência de ser vista, como: “A visão de quem acorda depois de nanar comigo de conchinha” ou “vc chega em casa e eu to assim pra vc, o que vc faz? ”, com a imagem de alguém levantando a blusa, por exemplo. Portanto, buscam refazer um caminho ou ato ordinário, cotidiano, acidental.

Rebecca Schneider (2013) explora algumas performances artísticas feministas que buscam reverter a lógica de representações tradicionais de corpos de mulheres, como contrariar a forma como mulheres são comumente representadas nuas como “objetos de desejo” - alguém que é olhada por todos os lados, mas não vê, como se o prazer dependesse de que a pessoa vista não pudesse olhar de volta ou não soubesse que está sendo observada.

Artistas feministas do corpo explícito exploram a mimética capitalista através de seus corpos em sua ”arte”, procurando abrir o inconsciente óptico e impedir a recusa do contato sensual literal e explícito. (Schneider, 2013, p. 90, tradução própria).

¹⁹ “As Guerrilla Girls se definem como um grupo de ativistas feministas que “usam fatos, humor e imagens ultrajantes para expor os preconceitos étnicos e de gênero, bem como a corrupção na política, na arte, no cinema e na cultura pop”. Constituído por ativistas anônimas, e conhecido por usar máscaras de gorila em suas aparições públicas, o grupo foi formado em 1985 em resposta a uma exposição realizada em 1984 no Museum of Modern Art (MoMA), em Nova York” (MASP, [s.d.]).

A questão de ser vista e não olhar de volta, trazida por Schneider também parece ter muitas correspondências com a presença online e, sobretudo, os colapsos de contextos e relação com diferentes segmentos de público: “I see only from one point, but in my existence I am looked at from all sides” (Lacan, 1981, p. 72 apud Schneider, 2013). No contexto pesquisado, esse ponto pode ser atrelado à tentativa de controle da privacidade e do público.

Entretanto, apropriações podem operar enquanto provocativas, propõem deslocamentos às representações comuns e podem envolver maior capacidade de ação ao colocarem em cena outros pontos de vista, bem como tornar explícito o que há de oculto nas representações hegemônicas.

3.4 LIMITES DAS PARÓDIAS: CORPOS E CONTRADIÇÕES

Partindo do trabalho de Butler, o gênero deriva da reiteração constante das normas e a “repetição imitativa do original” (2003, p. 57) pode gerar deslocamentos, colocando em evidência que a própria norma é uma paródia de uma ideia do que seria o natural.

Novas formas de produção pornográfica, conforme tratado neste trabalho, se constituem tendo como ponto de referência uma contranarrativa às pornografias consideradas *mainstream*. Pensar em contradições a partir desses modelos de produção recentes possibilita posicionar questionamentos sobre rupturas e deslocamentos, mas também reprodução daquilo a que se pretende se opor, assim como capacidade de imitação para criar elementos novos.

Uma contradição interessante seria justamente a importância do ordinário e de sua articulação com a criação de uma atmosfera de intimidade e autenticidade, e interrupções daquilo que é trivial. Retomando a articulação da temporalidade trabalhada por Chun (2016), a crise é permanente pois o novo nunca se firma enquanto tal, e depende da sua reiteração constante para manutenção da visibilidade nas mídias digitais.

Além do novo, a autenticidade e a atribuição do original é algo também inalcançável. Conforme Schneider, “a fantasmagoria das mercadorias exposta deve, para impulsionar a troca, ser separada da realidade e sugestiva de uma realidade, de fato produtiva do real, o qual se impulsiona infinitamente” (2013, p. 95, tradução própria). Pode dialogar, portanto, também com a impossibilidade de uma autenticidade, pois atua como algo a ser sempre superado ou exagerado, enquanto segmentos de mercado buscam destacar-se e superar o anterior nesse

quesito, visto o desejo por aquilo que é real. As novas pornografias bebem de um excesso do real, daquilo que é comum e banal, através do acesso ao ordinário.

Como já abordado, a noção colonial perspectivista do olhar universal capturando um horizonte em um ambiente aberto também é criticada por Schneider (2013), além de Pinney (2017). A partir de um olhar de gênero na representação do corpo explícito, essa situação envolve a ideia de alguém que está olhando em uma aura do que é secreto, alguém que não sabe estar sendo vista: “ela significa simultaneamente uma impossibilidade de acesso flertante, uma "realidade" paradoxal apenas de sonho, de sombra, sempre além do alcance, sempre já perdida” (Schneider, 2013, p. 06, tradução própria). Para a autora, os corpos roteirizam a insaciabilidade do desejo e imagens de homens e mulheres conduzem essas paisagens oníricas de mercadorias. Apropriações feministas desses modelos os desafiam, tornando explícitas essas questões ocultas.

A associação entre privacidade e ideias de feminilidades foi tratada sobre o lugar do quarto e tipos ideais performados nas mídias digitais. A aura do secreto também parece rodear o ordinário, a reiteração da produção daquilo que é novo faz com que ele passe despercebido enquanto tal. Dessa forma, o segredo, a intimidade e o âmbito daquilo que concerne ao ordinário se conecta à epígrafe presente em um dos capítulos do livro de Schneider (2013): “O estratagema do segredo é mostrar-se, tornar-se tão visível que não é visto [...]” (Blanchot, 1986, p. 133,137 apud Schneider, 2013, 88, tradução própria). Há, novamente, um paralelo com a exigência da reiteração da exposição para visibilidade.

Sobre a relação entre mudanças e persistências, para Turner, a partir dos conflitos que emanavam da vida cotidiana dos Ndembu e as situações liminares, a unidade era mantida e após a crise, realinhamentos eram gerados (Cavalcanti, 2013). Como o autor pontua, “com a minha convicção quanto ao caráter dinâmico das relações sociais, eu via movimento tanto quanto estrutura, persistência tanto quanto mudança e, na verdade, persistência enquanto um notável aspecto da mudança” (Turner, 2008:27). Nas relações entre passado e presente, cotidiano e crise, persistências e mudanças, e transpondo para o contexto do trabalho, há a possibilidade de criar novos contextos a partir de reiterações de elementos previamente disponíveis, centralizando aqui as mudanças no modo de consumir conteúdo erótico e a digitalização do trabalho sexual (e plataformização).

Abrem-se questionamentos de que símbolos permanecem e o que de novo se revela, mas também possibilidades de agir, em um movimento que relaciona imitação e afastamento. Outra relação acompanhada seria o da proliferação de categorizações, diversos enquadres e tipos de

trabalho sexual, proliferações de práticas, categorias e *hashtags* que nos conduzem a outras *hashtags* e assim infinitamente. A proliferação de categorizações infinitas acompanha no trabalho estudado, a dificuldade de estabilizar definições. A suspensão de fronteiras e indiferenciação entre categorias do mercado do sexo²⁰, uso de várias plataformas e dificuldade de fixar uma imagem em uma categoria (sensual, erótico, pornográfico, se é ou não definido enquanto trabalho, e enquanto trabalho sexual) é gerada justamente de sua infinita segmentação e combinações. Mas antes, a confusão de separações e instabilidade de categorias tidas como fixas é causada pela dinâmica das plataformas.

A partir da constatação de que as paródias são utilizadas como ferramentas críticas e trazem deslocamentos e elementos novos, é possível trazer questionamentos acerca do limite dessas operações miméticas. Levando em consideração continuidades e rupturas tratadas, assim como as hierarquias reorganizadas pelo digital, é necessário questionar o quanto essas apropriações alimentam ou rompem com modelos dominantes.

Partindo da ideia da interdependência entre o hegemônico e o contra-hegemônico, é possível pensar o uso criativo de símbolos hegemônicos. Para Vance (1984, p. 15), símbolos mainstream poderiam ser utilizados tanto para revelar quanto para zombar ou parodiar a cultura dominante - aquilo que é dominante reivindicaria uma hegemonia que nunca é completamente alcançada.

Na pesquisa sobre o gênero de humilhação, por exemplo, Díaz-Benítez (2015, p. 84) reflete sobre as possibilidades de seus aspectos disruptivos. Porém, a autora pontua, a partir de Butler, que nem toda paródia atua dessa forma:

A paródia não é subversiva em si mesma, e deve haver um meio de compreender o que torna certos tipos de repetição parodística efetivamente disruptivos, verdadeiramente perturbadores, e que repetições são domesticadas e redifundidas como instrumentos da hegemonia cultural (Butler, 2003, p.198 apud Díaz-Benitez, 2015).

De fato, a comercialização de conteúdo sexual nas plataformas possibilita maior controle, mesmo com as limitações dessa autonomia trabalhadas aqui, e pode produzir deslocamentos positivos frente à pornografia tradicional. Porém, seu caráter disruptivo pode ser extremamente contingente, se levarmos em conta a reprodução e o rearranjo de hierarquias e

²⁰ Para Boyd (2010), a tecnologia complicaria nossas metáforas de espaço e lugar. Relembrando, para Parreiras (2012), conforme explorado no primeiro capítulo, as mídias digitais e segmentação de nichos complicaria as fronteiras entre pornografia e outras formas de representação.

desigualdades entre trabalhadoras sexuais e claramente, o próprio movimento vigente de plataformação do trabalho.

Por fim, o corpo é algo central pois articula essas contradições exploradas. Como exemplo, o corpo limiar no batuque, abordado por Silva e Rosa (2017), em questão da cultura de matriz banto no Brasil, é pensado como lugar de intersecções, onde se articulam sagrado e profano, passado e futuro.

Performar um formato (King, 2007 apud Hearn, 2010) ou se adequar a pressões e ditames levando em consideração a visibilidade, atenção e temporalidades algorítmicas se dá, ainda, dentro de hierarquias e desigualdades sociais. Há formatos considerados apropriados de acordo com elementos que estão vinculados a determinado grupo de pessoas, remetendo à presença de tensores libidinais (Perlongher, 2008), conforme critérios relativos aos aspectos étnico raciais, de gênero e/ou de faixa etária.

Assim, o corpo é imbuído desses atravessamentos nas performances abordadas, como algo que articula algumas das contradições listadas no capítulo. É o caso das “autenticidades corporificadas” (Jones, 2015a), persistências e descontinuidades, por meio de reiteração (e atualização) de símbolos previamente conhecidos e cujos significados compartilhados definem a situação, mas que também são constantemente atualizados na performance. Por si só, e de forma a também deter algumas controvérsias, *quem* está lá/quais corpos estão envolvidos e a partir de que olhar se parte parece ser o principal motor desses deslocamentos.

Os enquadres abordados são estabilizados e desfeitos no fluxo recursivo das plataformas, que potencializam proliferações pois diferente de formas pré-digitais, não há contextos e modelos fixados previamente. Diante do exposto, inicialmente essa terceira parte do trabalho buscou trazer algumas comparações e oposições entre modelos de produção de conteúdo. Foi mencionado durante o capítulo estéticas predominantes, e expostas algumas tensões sobre estéticas mais visíveis e hierarquias, como a questão da idade e planos de deixar o trabalho. Dessa maneira, o capítulo desenvolve reflexões sobre imitações, persistências e afastamentos, levando em conta a produção de imagens, o digital e o corpo como elemento central.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um aspecto do trabalho sexual em contextos digitais que logo de início foi percebido é sua constante segmentação, como já dito anteriormente, relacionada a como o digital desestabiliza e reorganiza categorias. Diante disso, comecei a investigação tendo em mente o tempo todo do que estava tratando e como iria “fechar” o trabalho. Pois, ao menos para mim, pesquisar em mídias digitais traz consigo uma dificuldade de fixar um olhar em apenas uma coisa, já que é possível o acesso a uma quantidade ilimitada de conteúdo. No caso da temática abordada, há definições instáveis estratégicas, para se aproximar de uma ou outra categoria do mercado, ou melhor, se distanciar daquilo do qual não se pretende fazer parte. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, o trabalho é realizado concomitantemente em múltiplas plataformas.

Muitas propriedades percebidas inicialmente não eram comuns apenas ao trabalho sexual que se desenvolve nas plataformas. Também me questionava em alguns momentos até se o trabalho estudado era ou não considerado trabalho sexual, no sentido de, a depender de onde se situava esse conceito, algumas pessoas poderiam se descrever como criadoras de conteúdo. Ou se viam como alguém produzindo pornografia? Se definiriam enquanto modelos? Como seriam vistas por outras pessoas que trabalham em outras configurações? Indiferenciação e segmentação andavam lado a lado, e tornaram essa primeira aproximação um tanto quanto confusa.

A avidez que tinha por conhecer um outro lado da plataforma OnlyFans, para além do estereótipo de ser uma atividade de fácil retorno financeiro ou que se distinguiam das primeiras contas observadas, foi sendo mitigada com o passar do tempo. Existiram alguns estopins onde as críticas às plataformas apareceram em maior número. Com o tempo, também consegui conversar com quem tinha algo não muito otimista para dizer. Formas de se dirigir ao próprio trabalho de maneira a sempre colocá-lo em uma posição de satisfação também pode operar como uma estratégia para torná-lo mais aceitável.

Dentro desse contexto do impreciso, o plano era pensar em desigualdades para contestar as falas sobre autonomia que permeiam comumente a plataformização do trabalho. O pano de fundo para isso são os impactos que a plataformização teve no trabalho sexual digital, principalmente as plataformas de assinaturas como o OnlyFans, por alavancar a pornografia independente. Nesses modelos independentes, nota-se algumas contranarrativas estéticas e a constituição, às vezes ativista, que se dá por uma relação de oposição a uma pornografia mainstream, que é criticada.

Meu olhar para tais questões mudou durante a investigação. Inicialmente era muito mais otimista quanto aos modelos mais recentes do fazer pornográfico. Depois, pelo contrário, por observar moralismos internos com essas pornografias, observei uma certa higienização, algo de bom gosto em contraposição a algo considerado de mau gosto. Assim, direcionei minha atenção para algo sobre o qual tenho um pouco de dificuldade de descrever, principalmente configurações hierárquicas de ordem estética. No fim da dissertação, consigo reconhecer deslocamentos percebidos e melhorias quanto a outros modelos de pornografia - quais corpos estão mais presentes, embora não completamente, bem como- maior controle e segurança.

A plataformização tem um peso nas continuidades e descontinuidades entre os modelos de produção analisados, com destaque para a reorganização de hierarquias, até pelos agenciamentos algorítmicos que sustentam essas hierarquias de forma não unilateral. Porém, é necessário refletir sobre a desproporcionalidade desse controle de poder.

Portanto, aquilo que se critica ou que se pretende afastar acaba sendo reproduzido. Um exemplo dessa reprodução é a do público e da necessidade de manutenção contínua de visibilidade, visto que se faz conteúdo - e muito conteúdo - pensado majoritariamente para um olhar masculino. Outros pontos são alguns estereótipos de *script* comuns da pornografia *mainstream*, embora muitos desses protocolos possam ser sim rompidos ou excluídos. Algumas dessas expectativas podem se referir a tensores libidinais (Perlongher, 2008) que condicionam práticas, comportamentos ou representações comuns, como estereótipos racistas, por exemplo.

Um possível caminho é iluminar o caráter contextual do trabalho sexual, que pode ocorrer de várias formas em uma mesma categoria de trabalho sexual. No gênero estudado, o caráter disruptivo não é uma constante. Não obstante, as mudanças realizadas, sobretudo com a digitalização, certamente alteraram esse mercado e trouxeram alguns deslocamentos, ao alterar mediações e inserir outros pontos de vista. Isso respinga inclusive na forma como essas produções de imagens diferem tanto entre si, em termos de focos, enquadramentos, tratamentos de imagem, duração do vídeo e presença ou não de um roteiro e cenário feito para tal.

Assim, deslocamentos e continuidades informam sobre o amortecimento das hierarquias ou suas proliferações. O caráter de imitação de referências hegemônicas para sua contestação também se atrela a como o digital possibilita que se crie de forma individual e com a aparente ausência de mediações em nossas interações e caminhos online. Um repetitivo apelo (inclusive sexual) é de mulheres comuns e “corpos reais”, que agora ocupam esse centro da produção de conteúdo, também poderem alcançar visibilidade, principalmente levando em conta o desafio aos padrões de beleza dominantes.

Dessa maneira, a autenticidade é um argumento de separação e, portanto, auxilia na classificação de nichos. O excesso daquilo que é considerado real condiz com a apresentação de corpos normalmente ausentes desse tipo de representação e também do acesso à intimidade, para além do conteúdo erótico. Produzir conteúdo constantemente misturando a vida pessoal e o escopo do perfil advém das dinâmicas das plataformas, como a participação no Twitter. Assim como há necessidade constante do novo que não é estabilizado, é necessário produzir incessantemente aquilo que é ordinário. Porque é da esfera do comum, é mais autêntico - talvez porque seja esperado que ele seja em si mesmo, e não tenha nada a dizer justamente por ser uma trivialidade.

Hierarquias internas, segmentações e moralismos são comuns no mercado do sexo. No trabalho sobre prostituição realizado por França (2017), foi notado que “as próprias trabalhadoras dividem e atribuem valores diferentes às modalidades de comércio do sexo. No mercado do sexo da cidade, a mulher “de zona” é mais estigmatizada” (p. 332). Reitero, novamente, o papel algorítmico que incide nas categorizações e reorganização das hierarquias.

Dúvidas e questões deixadas de fora e propícias para apontar caminhos possíveis para análises futuras seriam a inclusão digital e migração específica de pessoas que trabalhavam em um contexto de prostituição para as plataformas, sobretudo na pandemia. Cabe lembrar que as contas acompanhadas ou entrevistadas não são oriundas desse cenário. Outro ponto que tenho muito interesse em aprofundar é a conexão com a arte e também com a linguagem. Sobre esse último ponto, gostaria de pensar mais algumas falas sob o ponto de vista dos estudos de performance.

Tive curiosidade em muitos momentos de obter maiores detalhes sobre a vida cotidiana fora das telas, momentos em que não se está trabalhando, ainda que muitos detalhes triviais sejam *tweetados* diariamente pelos perfis. A vida fora das telas também é interessante no momento de ruptura ao parar de trabalhar. Esse ponto já foi introduzido na pesquisa para refletir sobre questões geracionais, mas seria interessante desenvolver ideias sobre esses processos e momentos posteriores. No mesmo sentido, é pertinente observar casos de continuidade e partir para uma discussão sobre envelhecimento a partir de situações de pessoas mais velhas do que a faixa etária habitual neste trabalho, que ainda atuam nele.

Outros direcionamentos possíveis que se referem com quem dialogamos durante a pesquisa é a produção de conteúdo realizada por homens, ou mesmo centrar em uma única estética ou nicho específico. Ademais, o próprio problema abordado não abriga uma resposta que envolva uma conclusão, pela disseminação de múltiplas contradições e mesmo por ser um

evento tão recente, ainda em processo. O que noto neste momento, e que não havia dado a devida atenção anteriormente, é a transição para plataformas não-oficiais, no sentido de propriamente criadas, para conteúdo sexual. Nessas plataformas (Telegram, Twitter, entre outras), a plataforma não retém parte do pagamento para si e canais do Telegram parecem ter um bom protagonismo.

Em síntese, a pesquisa tratou das contradições que se desenrolam a partir da digitalização. Em alguns momentos, foram descritos pontos de estranhamentos em relação às posturas e dinâmicas das plataformas, assim como foi acompanhado como categorias de trabalho sexual têm sido incorporadas ou recusadas, salientando lacunas entre o digital e não digital. As contranarrativas colocadas em evidência dialogam com o plano das hierarquias - e adequação a nichos dominantes, possibilitando questionamentos oriundos de seus novos arranjos. Esses novos arranjos emergiram a partir da digitalização, em meio à desestabilização de categorias previamente conhecidas, e são parte da proliferação de contradições próprias do digital, absortos na capacidade de segmentação e classificações tênues e instáveis.

REFERÊNCIAS

- ABIDIN, Crystal. From Internet Celebrities to Influencers. In: **Internet Celebrity: Understanding Fame Online**. Bingley: Emerald Publishing Limited., 2018, cap. 4, p. 71-98.
- ABIDIN, Crystal. *Femininities: Heyy Dearie: Cyber-Femininities, Gender-Repository and Agentic Cute*. In: **Please subscribe! Influencers, social media, and the commodification of everyday life** (Unpublished doctoral dissertation). School of Social Sciences. University of Western Australia, Perth, 2016.
- AKHTAR, Allana; MITCHELL, Tayler S. For sex workers of color, OnlyFans' reversal doesn't go far enough. How censorship and bias puts their careers at risk. **Insider**, 2021. Disponível em: <https://www.insider.com/sex-workers-of-color-say-onlyfans-ban-threatens-their-livelihoods-2021-9>. Acesso em 13 jun. 2023.
- AMRUTE, Sareeta. **Encoding race, encoding class: Indian IT workers in Berlin**. Durham: Duke University Press, 2016.
- ARAÚJO JR, José Raimundo. **Dos Prazeres Narcísicos à Cena Voyeur: Performances eróticas e enlace de corpos virtualizados no site Cam4**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Paraíba. Rio Tinto, 2013.
- ATTWOOD, Feona. **Fashion and Passion: Marketing Sex to Women**. *Sexualities*, vol. 8, n. 4, p. 392–406, 2005.
- ATTWOOD, Feona. **No Money Shot? Commerce, Pornography and New Sex Taste Cultures**. *Sexualities*, SAGE Publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi), vol 10(4), p. 441–456, 2007.
- ATTWOOD, Feona. **The Paradigm Shift: Pornography Research, Sexualization and Extreme Images**. *Sociology Compass*, 5 (1), p.13-22, 2011.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Quando a pesquisa é o problema: o tabu no estudo das práticas sexuais**. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 26, v.1, p. 270-293, 2017.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BLEAKLEY, Paul. **“500 tokens to go private”: camgirls, cybersex and feminist entrepreneurship**. In: *Sexuality & Culture*, 18(4), p.892-910, 2014.
- BOYD, danah. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In: PAPACHARISSI, Zizi (ed.). **Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**. New York: Routledge, 2010, cap. 10, p. 39-58.
- BOYD, danah. **Escrevendo sua própria existência**. *Internet & Sociedade*, n.01, v.01, p. 05-37, fev. 2020.

BOYD, danah; MARWICK, Alice E. **I Tweet Honestly, I Tweet Passionately: Twitter Users, Context Collapse, and the Imagined Audience**. *New Media & Society*, 13(1), p. 114–133, 2010.

BUCHER, Taina. **The algorithmic imaginary: exploring the ordinary affects of Facebook algorithms**. *Information, Communication & Society*, 20:1, p. 30-44, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira. **Webcamming erótico comercial no contexto Brasileiro: estruturação, organização e dinâmicas internas**. 2020, 232f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2020.

CARUSO, Damien Licata. Fuite de données : 4 millions d'utilisateurs français d'un site de webcam pour adultes concernés. **Le Parisien**, 2020. Disponível em: https://www.leparisien.fr/high-tech/fuite-de-donnees-cam4-4-millions-d-utilisateurs-francais-d-un-site-de-webcam-pour-adultes-concernes-04-05-2020-8310348.php?utm_campaign=facebook_partage&utm_medium=social&fbclid=IwAR0c65725Ecn27DBtmqtX7-Lib0A28ZBABQrKAoSnJSvYe31FAdgcIDaV5U. Acesso em: 17 set 2022.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Drama, ritual e performance em Victor Turner**. *Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro, v.03.06: 411 –440, novembro, 2013.

CHUN, Wendy Hui Kyong. **Updating to Remain the Same: Habitual New Media**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2016.

COLOMÉ, Jordi Pérez. Algoritmo do Twitter prefere rostos femininos, brancos e magros, demonstram programadores em desafio. **El País**, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-08-19/algoritmo-do-twitter-prefere-rostos-femininos-brancos-e-magros-demonstram-programadores-em-desafio.html#?rel=lom>. Acesso em: 13 jun. 2023.

COLOMÉ, Jordi Pérez. “Não acredito que o OnlyFans nos deixou”: veto ao sexo explícito desconcerta produtores de pornografia. **EL PAÍS**, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-08-22/nao-acredito-que-o-onlyfans-nos-deixou-veto-ao-sexo-explicito-desconcerta-produtores-de-pornografia.html>. Acesso em: 17 set 2022.

CRISTIN, Angèle. **The ethnographer and the algorithm:beyond the black box**. *Theory and Society*, 49 (5-6), p.897-918, 2020.

CRUIKSHANK, Barbara. **Revolutions within: self-government and self-esteem**. *Economy and Society*, 22:3, p. 327-344, 1993.

DA SILVA, Camila. Existe o nude aceitável no Instagram?. **Elástica**, 2021. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/instagram-nude-corpo-mulheres-negras-bloqueio/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1. ed., São Paulo: Boitempo, 2016.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. **O Espetáculo da Humilhação, Fissuras e Limites da Sexualidade**. MANA vol. 21(1), p. 65-90, 2015.

DOBSON, Amy. Femininities as commodities: Cam Girl Culture. In: **Next Wave Cultures: Feminism, Subcultures, Activism** (ed. Anita Harris). New York: Routledge, 2007, cap. 6, p. 125-150.

DUARTE, Larissa Costa. ROHDEN, Fabíola. **Entre o obscuro e o científico: pornografia, sexologia e a materialidade do sexo**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 715-737, set./dez. 2016.

E-GIRL. In: **Aesthetic Wiki**. Disponível em: <https://aesthetics.fandom.com/wiki/E-Girl?so=search>. Acesso em: 11 jun. 2023.

ELIAS, Ana Sofia; GILL, Rosalind. **Beauty surveillance: The digital self-monitoring cultures of neoliberalism**. European Journal of Cultural Studies 00(0), p. 1-19, 2017.

FERREIRA, Laura Senna; ETCHEVERRY, Maria Soledad. "Metamorfoses do trabalho e empreendedorismo: uma correlação entre os mecânicos automotivos e os trabalhadores em tecnologia da informação". In: ROBERTT, Pedro (et al.) (orgs.). **O novo espírito do capitalismo no Sul: paralelismos e contrastes**. Pelotas: Ed. UFPel (FAU - Fundação de Apoio Universitário), 2017, p. 151 - 172.

FLISFEDER, Matthew. **The Entrepreneurial Subject and the Objectivization of the Self in Social Media**. The South Atlantic Quarterly, 114:3, p. 553-570, 2015.

FONSECA, Claudia. **Feminismos e estudos feministas: com as trabalhadoras sexuais na mira**. Cadernos Pagu, n. 47, e16473, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201600470003>. Epub 22 Jul 2016. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/18094449201600470003>. Acesso em: 15 out 2022.

FRANÇA, Marina. **Práticas e Sentidos da Aprendizagem na Prostituição**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 325-349, jan./abr. 2017.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GREGORI, Maria Filomena. **Relações de violência e erotismo**. Cadernos Pagu, n. 20, p.87-120, 2003.

GROHMANN, Rafael. **Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal**. Revista Eptic, v. 22, n. 1, p. 106-122, jan.-abr. 2020.

GUERRILLA GIRLS: GRÁFICA, 1985-2017. MASP. Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017>. Acesso em 05 jul. 2022.

HARAWAY, Donna. Donna Haraway: "No creo que tengamos que seguir citando a los mismos varones aburridos". Entrevista concedida a Tamara Tenenbaum. **Infobae**, 2019. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/cultura/2019/10/03/donna-haraway-no->

[creo-que-tengamos-que-seguir-citando-a-los-mismos-varones-aburridos/](#). Acesso em 25 jun. 2023.

HEARN, Alison. **Reality television, The Hills, and the Limits of the Immaterial Labour Thesis**. *TripleC* 8(1), p. 60-76, 2010.

HUNT, Lynn Avery (org.). **A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800**. São Paulo: Hedra, 1999.

JONES, Angela. **For Black Models Scroll Down: Webcam Modeling and the Racialization of Erotic Labor**. *Sexuality & Culture* 19, p. 776–799, 2015a.

JONES, Angela. **Sex Work in a Digital Era**. *Sociology Compass*, v. 9, n. 7, p. 558-570, jul. 2015b.

Jones, Angela. **Sex is not a problem: The erasure of pleasure in sexual science research**. *Sexualities*, vol. 22, n. 4, p. 643-668, 2019.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo : corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LIMA, Barbara Mendes. **Corpo para contar histórias e a produção [de imagens] de si: Exposição em questão da [semi]nudéz online**. 2019, 93p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LISBOA, Alveni. Criadores de conteúdo do OnlyFans ganharam mais de R\$ 20 bilhões em 2021. **Terra**, 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/criadores-de-conteudo-do-onlyfans-ganharam-mais-de-r-20-bilhoes-em-2021,3f7eeeb5eb849970956dfb665a90b9flpuencu7.html>. Acesso em 22 mai 2023.

LURY, Celia. DAY, Sophie. **Algorithmic Personalization as a Mode of Individuation**. *Theory, Culture & Society* 6(2), p. 17-37, 2019.

MENEZES DE SANTANA, Léa ; RUBIM, Lindinalva da Silva. Feminismo e Pornografia, Distanciamentos e Aproximações Possíveis. In: **17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero**. 2012.

PARHAN, Jason. When Influencers Switch Platforms - and Bare It All. **Wired**, 2019. Disponível em: <https://www.wired.com/story/culture-fan-tastic-planet-influencer-porn/>. Acesso em: 15 jun 2022.

PARREIRAS, Carolina. **Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online**. *Cadernos Pagu* (38), p. 197-222, jan-jun 2012.

PEDRO, Gabrielle. E-girl: o que é o estilo nascido na internet que virou trend? Veja exemplos... **UOL**, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/12/01/e-girl-o-que-e-o-estilo-nascido-na-internet-que-viceu-trend-veja-exemplos.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 11 jun. 2023.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: A prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PEZZUTTO, Sophie. **From Porn Performer to Porntropreneur: Online Entrepreneurship, Social Media Branding, and Selfhood in Contemporary Trans Pornography**. *About Gender*, International Journal of Gender Studies, vol. 8 n° 16, p. 30-60, 2019.

PINNEY, Christopher. **Notas da Superfície da Imagem: Fotografia, Pós Colonialismo e Modernismo Vernacular**. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia*, v. 2, n.1, p. 309-330, 2017.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero no mercado do sexo**. *Cadernos Pagu* (25), p. 7-23, jul-dez 2005.

PRADO, Carol. Quanto rende o OnlyFans? Os lucros e perrengues de brasileiras que vendem 'nudes' no site. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/04/12/quanto-rende-o-onlyfans-os-lucros-e-perrengues-de-brasileiras-que-vendem-nudes-no-site.ghtml>. Acesso em: 03 ago 2022.

RAVACHE, Guilherme. OnlyFans cresce 600%; pandemia, crise e mais de 300 milionários explicam. **UOL**, 2021. Disponível em: [https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/onlyfans-cresce-600-pandemia-desemprego-e-novos-milionarios-explicam-56494#:~:text=O%20lucro%20da%20empresa%20saltou,\(600%25%20de%20crescimento\)](https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/onlyfans-cresce-600-pandemia-desemprego-e-novos-milionarios-explicam-56494#:~:text=O%20lucro%20da%20empresa%20saltou,(600%25%20de%20crescimento).). Acesso em: 21 out 2022.

REGATTIERI, Lorena Lucas. ANTOUN, Henrique. **Algoritmização da vida e organização da informação: Considerações sobre a tecnicidade no algoritmo a partir de Gilbert Simondon**. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p. 462-474, nov. 2018.

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of politics of sexuality. In: VANCE, Carol. (org.) **Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality**. Nova York: Routledge, 1984, cap. 9, p. 143-178.

RYAN, Paul. Netporn and the Amateur Turn on OnlyFans. In: **Male Sex Work in the Digital Age**. Maynooth: Palgrave Macmillan, 2019, cap. 5, p. 119-136.

SCHNEIDER, Rebecca. **The Explicit Body in Performance**. 1. ed. [s.l.] Routledge, 2013.

SEGALOV, Michael. O dia a dia de trabalhadores sexuais do OnlyFans. **Vice**, 2019. Disponível em: https://www.vice.com/pt/article/7x3dn9/o-dia-a-dia-de-trabalhadores-sexuais-do-onlyfans?utm_campaign=sharebutton. Acesso em 16 mar. 2023.

SENFT, Theresa M. **Camgirls: celebrity and community in the age of social networks**. New York: Peter Lang, 2008.

SILVA, Renata de Lima; ROSA, Eloisa Marques. **Performance Negra e a Dramaturgia do Corpo no Batuque**. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 249-273, maio/ago. 2017.

SMITH, Clarissa. ATTWOOD, FEONA. **Anti/pro/critical porn studies**. *Porn Studies*, 1:1-2, p. 7-23, 2014.

STEWART, Kathleen. **Ordinary affects**. Durham: Duke University Press, 2007.

TURNER, Victor. Dramas sociais e metáforas rituais. In: **Dramas, Campos e Metáforas: Ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008, capítulo 1, p. 19-54..

VANCE, Carole. **Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality**. London/Boston: Routledge & Kegan Paul, 1984.

WAJCMAN, Judy. **Feminist Theories of Technology**. *Cambridge Journal of Economics*, vol. 34, no. 1, p. 143–52. 2010.

ZEREGA, Georgina. ‘Only Fans’ aproxima milhares de jovens da prostituição na América Latina. *El País*, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedad/2020-12-06/only-fans-aproxima-milhares-de-jovens-da-prostituicao-na-america-latina.html>. Acesso em 22 mai 2023.

GLOSSÁRIO

Camming/cam girl: Plataformas direcionadas majoritariamente para performances em tempo real. Nessas plataformas, há uma possibilidade de comunicação gratuita que envolve gorjetas enviadas a quem performa. No privado, são esperadas performances mais explícitas e o valor pode variar por minuto. Em algumas plataformas pode ser simples (performer + usuários), privado e *voyeur* (performer + usuário, podendo ter “espiões”) e o chat exclusivo.

Coaching: Prestação de serviço voltada ao aconselhamento/instrução para atingir algum objetivo, voltado para inúmeras atividades, incluindo empresas e desenvolvimento pessoal.

Creampie: Termo para quando o sêmen é visível saindo do corpo do/a parceiro/a após ejaculação interna sem uso de preservativo.

DM (direct message): mensagens diretas em modo privado.

Packs de nudes: pacotes de imagens eróticas vendidas online.

Prints/printar: capturas de tela.

Sexting: trocas de mensagens de cunho sexual.

Thread: sequência de *tweets* sobre um mesmo tópico.